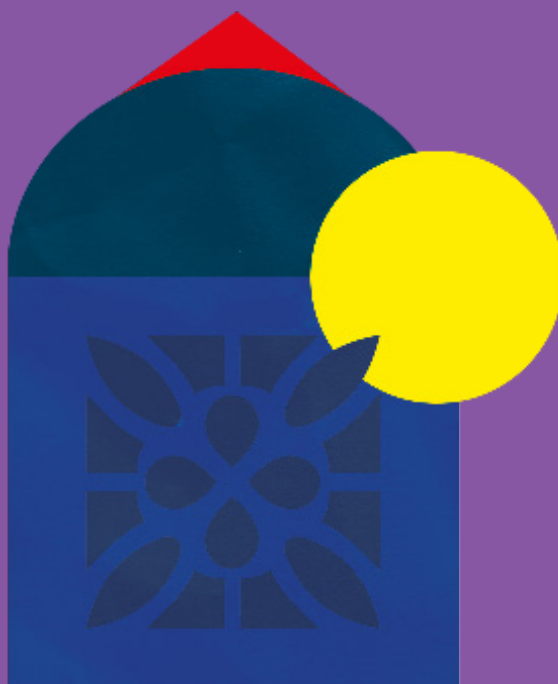




SÉRIE: COLEÇÃO GEPIFHRI

MEMORIAIS ESCOLARES: CONTRIBUIÇÕES PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

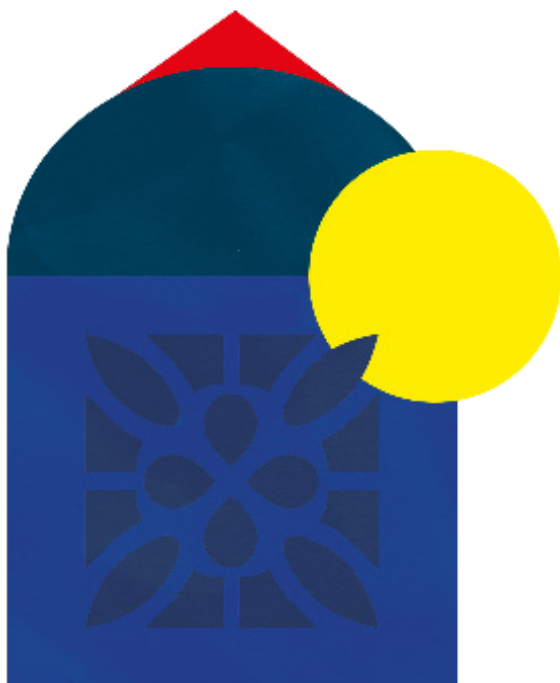
Organizadoras:

Maria Eduarda Gomes Belo da Silva

Raylane Andreza Dias Navarro Barreto



MEMORIAIS ESCOLARES:
CONTRIBUIÇÕES PARA A HISTÓRIA
DA EDUCAÇÃO NO BRASIL



SÉRIE: COLEÇÃO GEPIFHRI

MEMORIAIS ESCOLARES : CONTRIBUIÇÕES PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

Organizadoras:

Maria Eduarda Gomes Belo da Silva

Raylane Andreza Dias Navarro Barreto

SÉRIE: COLEÇÕES GEPIFHRI

Coordenação:

Raylane Andreza Dias Navarro Barreto - UFPE

Maria da Conceição Silva Lima – UFPE

Comissão editorial:

André Gustavo Ferreira da Silva, Arnaldo Martins Szlachta Júnior, Catarina Carneiro Gonçalves, Paulo Julião da Silva, Maria da Conceição Silva Lima, Raphael Guazzelli Valerio, Raylane Andreza Dias Navarro Barreto, Viviane de Bona.

Revisão: Taynan Iris da Conceição e Layza Franciele da Costa Silva

Capa: Rodrigo Victor

Projeto gráfico: Rodrigo Victor

Diagramação: Deborah Botelho

Catálogo na fonte:

Bibliotecária Aline Grazielle Benitez. CRB-1/3129

Silva, Maria Eduarda Gomes Belo da

Memoriais escolares [livro eletrônico] : contribuições para a história da educação no Brasil / Maria Eduarda Gomes Belo da Silva, Raylane Andreza Dias Navarro Barreto. -- 1. ed. -- Recife, PE : Ed. das Autoras, 2024. -- (Coleção GEPIFHRI)
PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-00-96584-1

1. Educação - Brasil - História I. Barreto, Raylane Andreza Dias Navarro. II. Título.
III. Série.

24-197382

CDD-370.981

Apresentação da “Coleção GEPIFHRI”

O Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinar em Formação Humana, Representações e Identidades - GEPIFHRI tem o prazer de lançar mais um livro da sua coleção. A ideia longe de ser um projeto que vise qualquer tipo de lucro ou ganhos monetários, tem o nobre objetivo acadêmico de publicar os trabalhos dos alunos da graduação e pós-graduação que tiveram destaque em seus trabalhos, frutos de suas pesquisas ou disciplinas que cursaram. Não é raro professores se depararem com trabalhos autorais muito bons e que merecem ser divulgados. A proposita que nos motiva é, justamente, a de que muitas vezes os alunos cumprem muito bem aquilo que foi solicitado em sala de aula e que, por falta de incentivo, informação ou mesmo de espaço apropriado, não procede com a publicação.

Com foco nos pesquisadores em formação é que nasceu a Coleção GEPIFHRI. O que nós, membros do grupo, pretendemos é criar um espaço qualificado, seguindo as orientações e normas editoriais e acadêmicas para que nossos alunos e alunas possam escoar suas produções e que se sintam, com ele, também estimulados a fazer parte do projeto que não tem outro desígnio a não ser fazer valer a pena a pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. Por certo é um projeto modesto, mas com muitas expectativas de constar como uma ação frutífera e com ganho de causa para a UFPE que privilegia desde cedo a pesquisa e a sua divulgação.

Raylane Andreza Dias Navarro Barreto
Maria da Conceição Silva Lima

SUMÁRIO

Prefácio

Maria Eduarda Gomes Belo da Silva

Raylane Andreza Dias Navarro Barreto 10

MEMORIAIS DA TRAJETÓRIA ESCOLAR:

Alexia Maria dos Santos Silva 16

Ana Clara Lima Lemaire de Medeiros 25

Ana Vitória Oliveira Ferreira de Lima 38

Beatriz Costa Pinto 56

Denilson Lisboa 64

Douglas Joel dos Santos 86

Elisama da Paixão Gomes 93

Gisele da Costa Simões 100

Glenda Malta de Almeida 115

Letícia Miranda Barbosa da Silva 127

Marcela Eduarda da Silva 135

Maria Eduarda Gomes Belo da Silva 144

Tatiane Maria Rodrigues do Nascimento 160

Thais Barbosa de Siqueira Cavalcanti	175
Yngrid Larissa Sales Fernandes	185
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	195

Prefácio

Quando me propuseram a escrever esse trecho, me peguei pensando no significado da palavra memória. Fui então atrás do seu significado no dicionário, eis que me deparo com a seguinte definição “faculdade de conservar e lembrar estados de consciência passados e tudo quanto se ache associado aos mesmos” (Oxford, 2023). Mas ainda pensativa e não satisfeita com o que eu havia encontrado, busquei ir mais a fundo, chegando então na sua origem etimológica, oriunda do latim *memor*, definida como “aquele que se lembra”, para além disso, esta mesma palavra também possui raiz indo-européia *men*, que significa “pensar”, mas que também origina a palavra “mente”.

É interessante refletir acerca da ligação existente entre essas duas palavras **lembrar-pensar**, as quais estão conectadas com a mente humana com a famosa frase contida em diversos livros de filosofia da educação básica, frase esta de autoria de Descartes “Penso, logo existo”. O pensamento, traduzido como ato de reflexão, necessita de bases que são forjadas ao longo de nossas vivências e experiências no decorrer da vida, sejam elas advindas do âmbito familiar, escolar, profissional, acadêmico, social, enfim, lugares diversos que nos marcam e que nossa memória faz o exercício de guardar. Mas para além de guardar, qual a importância da memória?

Segundo Neves (1999), a essência da memória é tornar o passado algo presente para nós, e quando relacionamos memória com História, a autora descreve que esta relação “(...) constitui-se como forma de preservação e retenção do tempo, salvando-o do esquecimento e da perda. Portanto, História e memória, por meio da inter-relação dinâmica, são suportes das identidades individuais e coletivas” (p. 109).partindo deste pressuposto, compreende-se que a construção das nossas identidades se baseia em nossas vivências e experiências acessadas pela nossa memória, daí então a sua importância.

Segundo Reber (2010), o cérebro humano consiste, aproximadamente, em um bilhão de neurônios, cada um destes são capazes de fazer mil conexões, ou seja, mais de um trilhão de conexões. São eles, em conjunto, que armazenam nossas memórias. Mas ainda que sejamos capazes de guardar tantas memórias, somos seres finitos, o que significa dizer que a nossa existência no planeta é muito curta, e sendo ela tão curta, estamos fadados e fadadas ao esquecimento, exceto por uma “luz no fim do túnel”, que é a História.

Conforme afirma Sosnowski (1994, p. 15 apud Neves, 1999, p. 110) “o ato de recordar incita a reflexão permanente do ser na História”. este exercício de reflexão constante é estimulado quando rememoramos certos acontecimentos que deixam marcas, boas ou ruins, as quais constroem nossas identidades. Tais identidades, em nossa sociedade, encontram-se, atravessam-se e, através da história, perpetuam-se para futuras gerações.

Lembrar de um passado, no presente, que afeta o futuro, mais uma vez é interessante pensar como nossas memórias são importantes para a vida, ou melhor, vidas, uma vez que somos seres que somos constantemente atravessados pelo outro ou outra. Mas para que haja a perpetuação do passado, não só em nossa memória e recordação presente, o registro é peça chave para reverberar no futuro. Isso é o que Pinsky (2008) chama de “ecoar vozes do passado”. Tais vozes podem nos ensinar, podem nos fazer sentir e, principalmente, podem nos impedir de esquecê-las.

Após toda essa reflexão inicial, me peguei pensando no que consiste escrever uma memória, então, veio-me à mente o ato de fazer uma viagem em si mesmo, para daí construir um mapa, este servirá de guia para que outras pessoas como você, caro leitor ou cara leitora, possam viajar sem medo de se perder no relato. Mas antes que vocês embarquem nesta viagem, permita-me apresentar-lhes a área de embarque, onde tudo começou, para que, então, você possa conhecer os diferentes destinos que este livro pretende lhes levar.

A construção deste livro se deu a partir das vivências e experiências de estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), mais especificamente, as suas trajetórias escolares, desde a infância até a chegada a graduação, relatando, de forma cronológica, os acontecimentos que marcaram as suas vidas e que culminaram na sua entrada ao curso de Pedagogia. Tais relatos foram construídos na

disciplina de História da Educação do Brasil, ministrada pela professora Raylane Andreza Dias Navarro Barreto, disposta na grade curricular do 7º período do curso na UFPE.

A disciplina tem como um de seus objetivos estimular os/as estudantes na construção de conhecimentos referentes a como se deu o processo histórico da educação no Brasil, não de maneira pragmática, no sentido de trazer questões cronológicas e relatos dos fatos, mas sim de forma reflexiva, buscando, no debate, problematizar os principais resultados que tal construção trouxe para nós na contemporaneidade.

A escrita do memorial escolar foi uma atividade do final da disciplina, como requisito para a obtenção da nota final, feita de forma individual, na qual foi solicitado que os e as estudantes narrassem suas trajetórias escolares, tendo como únicas exigências que fossem feitas de forma cronológica, ou seja, com começo, meio e fim e seguindo os critérios de coerência, coesão e uso de, no mínimo, cinco textos de referência. Quanto ao seu conteúdo, os/as estudantes tinham total liberdade para relatar, podendo ser de maneira poética, descritiva ou mesclada, respeitando também a individualidade de cada estudante, uma vez que memórias podem ser boas ou ruins e rememorá-las poderia ser um exercício desconfortável. A possibilidade de publicação também foi informada desde o início da disciplina, convidando aqueles e aquelas que tivessem interesse em publicar a compor os capítulos aqui elencados. Algumas pessoas preferiram não participar e respeitamos a decisão.

A disciplina que, no começo, inicia com reflexões a respeito da História da Educação Brasileira ainda no seu período colonial, encerra-se com as auto reflexões acerca das próprias histórias das/dos estudantes, estes que, em tese, continuarão construindo e produzindo mais histórias para a educação no país. Um exercício de estudo das raízes gerais educacionais que perpassa por um longo caminho até chegar nas sementes dessa árvore, sementes que contam suas próprias histórias e germinam neste livro.

Você, leitor ou leitora, que chegou até aqui e agora já sabe o que se antecedeu, tenho uma pergunta para lhe fazer: está pronto(a) para embarcar?

Esta introdução narrada até aqui por uma das alunas da disciplina e que hoje além de uma das organizadoras desta coletânea é também aluna de iniciação científica desta professora que vos escreve a partir de

agora, é Maria Eduarda Gomes Belo da Silva. Candidata a uma excelente professora e pesquisadora no futuro. Duda, como é conhecida, reúne as características que todo docente quer ter por perto: Sensível, atenciosa, comprometida, organizada e acima de tudo dedicada ao que faz. Foi minha aluna em duas disciplinas no curso de Pedagogia revelando-se uma aluna bastante participativa e proativa. Razão pela qual, eu, não diferente de qualquer outra professora na minha condição, a chamei para organizar essa coletânea junto comigo para ser mais uma obra da Coleção Gepifhri que dentre outras funções sociais e extensionistas, tem por missão trazer a tona o protagonismo discente.

Seja como autor/a, organizador/a, revisor/a, diagramado/a, prefaciador/a, leitor/a o corpo discente é o protagonista desta coleção que tem o apoio da Editora da Universidade Federal de Pernambuco que, sensível a função da extensão da universidade e sobretudo primando pela formação daqueles e daquelas que faz parte do projeto, abriu suas portas e vem permitindo que obras como esta sejam lançadas sob sua tutela. Claro que seu processo editorial é distinto dos outros que estão sob a edição da Editora, pois é feito por alunos ainda em formação, mas que, sob a coordenação dos professores membros do Gepifhri, dão o melhor de si considerando seu estágio de formação. A editora, pela sensibilidade e parceria, agradecemos.

Obras, como esta que como escreveu Maria Eduarda, reúnem as histórias de vida escolares de alunos e alunas de Pedagogia, tem um sentido fundamental para a história da educação brasileira, não apenas porque evidencia fatos e experiências da escola no tempo, mas porque também traz um elemento formativo imprescindível aos futuros professores e professoras que é o reconhecimento de si enquanto sujeito histórico. Sujeito ou sujeita que é fruto, produtor, participe dos acontecimentos e cujo olhar, sentimento, versão, narrativa é importante para a compreensão das distintas camadas e verdades que compõem o fato histórico, afinal hoje sabemos a importância dos sujeitos simples na história, dos sujeitos extraordinários da história, da história vista de baixo, da história dos excluídos, da história dos professores, da história dos alunos, enfim hoje sabemos o quão plural é a história.

Na tentativa de sensibilizá-los a narrativa histórica seguiu o exemplo de vários professores brasileiros a exemplo de Luciano Mendes de Faria

Filho, da UFMG, que pede memoriais quando ministram a disciplina de História da Educação. Assim como os colegas fico encantada a cada história lida, percebo a potência literária e sobretudo histórica de cada uma das narrativas previamente pensada e dadas a ler. Percebo como o narrar-se é catártico e poético ao mesmo tempo. Sinto com eles e elas e por eles e elas. Vibro, choro, me emociono. Tenho raiva, vergonha, mas sobretudo me encanto com as coisas que leio e como elas são contadas. Percebo as escolhas, as valorizações, as reticências, os silenciamentos, mas também percebo a força do enfrentamento de cada ato doloroso exposto. Enfim consigo sentir e com isso percebo a potência do ato de se encontrar.

Não raro eu escuto “No início da escrita eu detestei, mas depois... eu achei ótimo!”. Isto porque percebem, a partir do ato de rememorar, o que lhe causou dor, mágoa, desconfiança, temor da escola e ao descobrir a origem dos sentimento é como se uma nuvem saísse dos seus olhos e tudo em volta ficasse iluminado. Conseguem perceber que não necessariamente é a escola, a educação ou mesmo as disciplinas escolares o motivo de um ou outro sentimento ruim que tem do seu passado, mas que foram pessoas, casos, eventos específicos que lhe causaram alguma dor. E isso, embora possa parecer simples, vem se constituindo objeto de atenção também da psicologia e da psicanálise. Afinal a escola é instituição socializadora, formadora, obrigatória, logo precisamos entender como ela é constituída. E por certo ela é fruto de políticas públicas, de regimentos, estatutos, de currículo, mas também, e principalmente, dos sujeitos e sujeitas escolares. Pessoas estas que têm sua versão dos fatos, que são partícipes dos eventos, logo, logo devem ser ouvidos em prol de uma história da educação mas plural e diversa.

E é justamente com essa intenção que reunimos estes memoriais nesta coletânea, uma vez que memórias, pessoas, gestos, situações, práticas, experiências, ocasiões que, em muitos casos, deram origem ao desejo de ser professor, professora. Como se a velha frase “quero ser assim quando eu crescer” fizesse sentido, ganhasse tónus. Da mesma forma também podem ser percebidos episódios tristes, de descaso, de desvio ou mesmo desentendimento da função docente e que geram o sentimento oposto, mas tão nobre quanto o primeiro, ou seja “Não quero ser assim” ou “quero ser diferente”. Sentimentos estes que nos fazem entender que a formação dos professores de hoje tem muito a incorporar das experiências vividas em

prol de um campo que se pretende mais acolhedor, mais de democratico e menos hostil às diferenças.

Boa leitura ou como disse Duda “pronto(a) para embarcar?”

Maria Eduarda Gomes Belo da Silva
Raylane Andreza Dias Navarro Barreto

MEMORIAL - TRAJETÓRIA ACADÊMICA

Alexia Maria dos Santos Silva

INTRODUÇÃO

Esse memorial pretende ser um regresso a toda minha trajetória escolar, resgatando as minhas memórias e partindo delas para entender como foi construído as minhas vivências e todas as consequências que resultaram dessa formação. Tomar como referência as próprias experiências escolares facilita a compreensão da teoria trazida pelos textos lidos no decorrer da vida acadêmica.

Concordo com a afirmação das autoras Sousa, Catani, Souza e Bueno (1996) “Ao serem produzidos, os relatos visavam a uma espécie de reconstituição de experiências capazes de provocar a localização de episódios ao longo do processo de formação na história de vida escolar e extra-escolar das pessoas”, pois lembrar o caminho trilhado por mim desde a educação infantil até o ensino superior, oportuniza-me esclarecer como alguns aspectos que surgiram na escola foram alcançando também o âmbito social e a construção da minha identidade.

Meu nome é Alexia Maria dos Santos Silva, nasci em 17/03/1999 na cidade do Recife - PE. Desde a minha infância moro na cidade de Jaboatão dos Guararapes, no bairro de Cajueiro Seco. Estudei até o Ensino Fundamental I em escolas particulares de bairro, depois fiz o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio em um Colégio Militar e por fim, estou no 7º período do curso de Pedagogia na Universidade Federal de Pernambuco.

Minha família é formada por meu pai (militar aposentado), minha

mãe (autônoma), meu irmão (estudante) e por mim. Sou uma mulher preta, pobre e LGBT. Só a minha existência já vai de contra o sistema. Ter chegado onde cheguei me faz sentir muito orgulho de todo caminho percorrido e gratidão por meus pais que me mostraram que posso e devo ocupar todos os espaços.

TRAJETÓRIA ESCOLAR

Eu entrei na escola muito cedo, antes dos 2 anos de idade. A minha primeira escola foi o Educandário Ana Goretti (nome das duas irmãs que eram donas da escola), uma escola pequena de bairro e muito perto da minha casa. A escola atendia desde a educação infantil até a última série do fundamental I, mas eu só estudei lá até o conhecido agora como 3º ano, pois minha mãe percebeu que a qualidade de ensino estava caindo, então ela achou melhor que mudássemos de escola (eu e meu irmão). Minha mãe sempre foi muito presente na minha vida escolar, ela estava na escola diariamente procurando saber meu desenvolvimento. Na minha época escolar, (principalmente até o fundamental I) sempre fui a “queridinha” dos professores, muito provavelmente isso acontecia porque eu era uma criança muito quieta, estudiosa e que a mãe estava sempre por perto. Logo, eu não dava nenhum tipo de trabalho e dessa forma é fácil ser a criança que os professores mais gostam.

Minha primeira lembrança escolar é uma festa da escola que eu estava imensamente feliz porque meu irmão também estava participando, ele é dois anos mais novo e isso fez com que eu passasse alguns anos indo para a escola sozinha. Minha primeira professora foi Ana, uma das donas da escola, e no final do meu primeiro ano ela não permitiu que eu fosse para a próxima série porque era muito nova e imatura, comparada às outras crianças da turma. No Educandário Ana Goretti, eu tinha uma professora preferida chamada Eugênia, ela era professora de matemática. Eu adorava as aulas dela porque, além de sempre serem muito divertidas, eu gostava bastante de estudar matemática.

Sempre fui muito apegada a rotina e alguns hábitos, um deles é sentar todos os dias na mesma cadeira. Na primeira semana de aula eu costumava escolher a cadeira que fica na melhor posição pra mim e só sentava nela. Até hoje ainda tenho esse costume, mas agora sou muito

mais flexível. Nessa primeira escola, só lembro de ter brigado uma vez e foi justamente por causa desse hábito. A professora de educação física pediu que eu saísse do meu lugar para um colega sentar, porque ele tinha problema de vista mas tinha esquecido o óculos em casa. Lembro que eu não aceitei porque tinha uma banca vazia do meu lado e as aulas de educação física geralmente aconteciam na quadra. A professora me deixou de castigo sozinha na sala e levou o resto da turma para a quadra. Fiquei todo o tempo da aula chorando muito. Eu tinha uns 6/7 anos na época e essa foi a última vez que “enfrentei” uma professora. Depois disso, todas as outras vezes eu acatei as ordens e pedidos que os professores faziam, mesmo que eu não concordasse, não tinha coragem para questionar.

Eu gosto muito da maioria das professoras do Educandário Ana Goretti, tenho ótimas lembranças de lá. Mesmo depois que mudei de escola e cresci mais, sempre que passava pela rua da escola no horário da manhã, eu passava lá para cumprimentar Ana e as outras professoras que ainda trabalhavam lá. Da última vez que eu tive notícias dessa escola, ela estava fechada, mais ou menos a uns 2/3 anos atrás.

O 4º e 5º ano do ensino fundamental I eu também fiz em uma escola particular de bairro chamada Albert Sabin(agora possui o nome de Centro Educacional Sabin), mas essa é maior que a primeira e oferecia até o Ensino Médio. Nesta segunda escola eu mantive o padrão de ser a aluna mais dedicada e que tinha as maiores notas da turma, Era a discente chata, que reclama por causa do barulho que os outros alunos faziam (principalmente nas aulas de matemática). nos trabalhos era sempre a que comandava e separava o que cada um faria, continuei sentando na frente, tendo matemática como minha matéria preferida e sendo a “queridinha” da maioria dos professores.

Comparada a antiga, essa escola é mais longe da minha casa. Tenho muitas memórias afetivas das caminhadas matinais que fazia junto com minha mãe e irmão para ir e voltar da escola. Sempre íamos conversando sobre coisas aleatórias, fazendo brincadeiras e desafios internos e voltávamos contando sobre como foi a escola. Minha professora preferida era Saraí que não coincidentemente, também era a professora de matemática, com a qual, da mesma forma que a anterior, criei um laço muito forte com essa professora. As lembranças nessa escola são muito mais fortes, provavelmente porque eu já era mais velha. A primeira delas

é que a ‘feira de ciências’ no Albert Sabin era opcional. Os pais/a criança escolhia se iria querer participar da feira ou se fariam uma prova no lugar. Nos 2 anos que estive lá, minha mãe decidiu que faríamos a prova e não nos deixou escolher pois ela falava que a prova era a única forma de se aprender de verdade e que a feira só servia para as crianças que não estudavam e tiravam notas baixas, era mais fácil e não tinha natureza pedagógica.

Uma segunda lembrança muito forte, foram as 2 brigas que me envolvi nessa escola. Não consigo lembrar os motivos, mas foi com a minha melhor amiga da época e a outra com um colega de turma. Depois da segunda briga o diretor me chamou na sua sala e falou que não tomaria nenhuma atitude porque aquele comportamento não era recorrente, mas que se voltasse a acontecer, eu seria suspensa. Minha mãe ficou sabendo, reclamou bastante e essas foram as últimas brigas que me envolvi, dentro ou fora da escola.

Como já foi dito, eu era uma criança muito estudiosa e que só tirava notas boas. No 5º ano, recebi minha primeira nota 8, chorei bastante e achei que tinha decepcionado minha família e a professora. Essa memória ficou gravada como a minha primeira nota baixa, apesar de não ter sido baixa, e foi na matéria de português - matéria que eu sempre tive muita dificuldade.

Ainda no 5º ano, eu tive uma apresentação na escola que a temática era “literatura clássica Minha turma ficou responsável por representar o Sítio do Picapau Amarelo. Não lembro como se deu a escolha dos personagens, mas acabei ficando com a Emília. Apesar de toda felicidade, eu também estava muito insegura por conta de toda timidez, e a apresentação seria feita para todo o corpo escolar (alunos, funcionários e pais). Essa apresentação fez com que eu lidasse de frente pela primeira vez com a timidez. Em todas as outras vezes antes dessa, desistia do que estava querendo. Por ironia, a Emília é a personagem mais falante e que tinha mais falas. Para essa mesma apresentação, a turma fez um livrinho que tinha uma história autoral nossa com os personagens do Sítio do Picapau Amarelo. A história foi criada coletivamente, mas alguns alunos foram escolhidos para ficar com a parte ilustrativa e outros para a parte escrita. Eu fiquei no time das ilustrações e nessa época descobri que desenhava bem. A partir daí, passei a dedicar mais tempo a isso.

Até o 5º eu tinha a matéria de ‘religião’ na escola, na qual, na semana a professora trazia reflexões acerca da bíblia, juntamente com o estudo dos mandamentos e todos os elementos que estavam inseridos no “certo ou errado/bem ou mal”. Em nenhuma das aulas - que aconteciam uma vez na semana - foi trabalhado diferentes religiões além da cristã e nunca foi mencionado a enorme diversidade de religiões existentes ao redor do mundo. Por ser de família católica, nessa mesma época eu frequentava a catequese que era aos sábados pela manhã. Eu me sentia em uma catequese duas vezes na semana, uma na escola e uma na igreja. Depois que cresci pensei que esse ensino religioso já estivesse sido excluído das escolas, mas meu primo há 4 anos atrás também teve essa matéria. Depois de escutar algumas falas dele sobre “religião do mal e do demônio” questionei-lhe sobre a origem desse discurso e ele disse que a professora da escola leu uma história que explicava as religiões que são do bem e as que são do mal. Esse relato me remete ao primeiro texto da disciplina, o de Casimiro (2010), onde a autora traz que a Companhia de Jesus utilizou de métodos pedagógicos como o teatro para evangelizar os indígenas, representando o conceito de diabo, coisa ruim, inferno com muita dramatização e intensidade.

Meu pai é militar e no final de 2008 surgiu a oportunidade de estudar no Colégio da Polícia Militar (CPM), para isso era necessário passar na seleção. A prova foi formada por 10 questões de português e 10 de matemática. Já que geralmente as crianças têm mais dificuldade em matemática, meus pais pagaram um professor particular para me dar algumas aulas dessa matéria português, eu estudei sozinha.

Nessa época recebi muito apoio das professoras e colegas de turma do Albert Sabin, principalmente da professora Sarai. Antes da prova meus pais conversaram comigo e explicaram a importância que o resultado daquela prova tinha, nunca mais seria preciso pagar escola para mim e a minha educação teria uma qualidade muito maior do que se fosse na melhor escola que eles tivessem condições de pagar. Portanto, me dediquei e estudei o máximo que pude.

Lembro perfeitamente das sensações que tive no dia da prova. Entrar no CPM pela primeira vez foi um misto de emoções muito grande! Nunca tinha visto um colégio tão grande antes e pensar na possibilidade de estudar num colégio daquele tamanho aos 9 anos... me deixou muito assustada! Assim que entrei já vi as 2 quadras e 1 campinho que tem no

colégio, Cada quadra era o dobro da que tinha no Albert Sabin e no Ana Goretti, não tinha nenhuma. Nunca tinha visto tantos policiais no mesmo ambiente e muito mais crianças do que eu pudesse contar, todas disputando aquelas vagas. Fiquei visivelmente abalada e nervosa, me recordo que em um determinado momento da prova eu chorei um pouco.

Depois de um tempo, saiu o resultado da prova e eu fui com meu pai buscar Não consegui passar. Fiquei bastante triste mas não durou muito, porque pouco tempo depois anunciaram que seria feita uma segunda prova, a primeira teve algum problema que não consigo lembrar exatamente qual foi. Dessa vez eu falei que não precisava de professor particular, eu estudaria as duas matérias sozinha. Consegui estudar só. Conversei bastante com meus pais, com a professora Sarai e quando fui fazer a segunda prova estava muito mais calma e focada. O colégio, os policiais e o número de crianças não me deixaram assustada, consegui lidar com os meus sentimentos. Quando o resultado saiu eu não quis ir com meu pai novamente, fiquei em casa esperando. Ele ligou pra minha mãe e me contou por telefone que eu tinha passado e a partir do próximo ano iria estudar num colégio grande e já tinha minha educação básica garantida.

Os primeiros anos no CPM foram muito desafiadores por dois motivos: a transição do ensino fundamental I para o II e por sair de uma escola de bairro para ingressar sozinha em um dos colégios mais bem reconhecidos de Recife. Precisei me acostumar com as verdadeiras notas baixas, com a grande quantidade de professores, as muitas salas de aulas com maior quantidade de alunos, professores mais exigentes, monitores que ficam nos corredores para vigiar os estudantes... Fora os costumes militares. Por causa dessa falta de costume, fiquei de recuperação muitas e muitas vezes, em uma delas menti e escondi meu boletim escolar dos meus pais, fato que causou uma rachadura na nossa relação que até hoje está sensível. Mas com o tempo, paciência e dedicação consegui me organizar e entrar no ritmo da escola.

No 6º e 7º ano meus professores favoritos continuaram sendo os de matemática, juntamente com a matéria favorita que também não mudou. Os professores do CPM eram muito mais exigentes, mas também eram mais criativos estavam sempre levando coisas novas para acrescentar na aprendizagem. Fazíamos muitas atividades e trabalhos em grupo. Isso

me ajudou a conseguir enturmar com a turma rapidamente, visto que era uma turma só de novatos. Mas isso não impediu que rapidamente o bullying camuflado de brincadeiras, diversas vezes escutei comentários maldosos sobre meu cabelo crespo -que na época eu alisava- me afetaram profundamente. Inseguranças que até hoje trago comigo.

Depois que comecei no Colégio da Polícia, minha rotina mudou completamente. Eu precisava estar acordada às 5 horas da manhã para conseguir pegar o ônibus na hora e não chegar atrasada. Meu pai todo dia tinha a rotina de me levar no colégio, de lá ir direto pro trabalho, No seu horário de almoço me buscava e levava em casa e depois voltava pro trabalho de novo. Todo dia fazíamos trajeto de ônibus ou metrô, de Cajueiro Seco, onde eu morava, para o Derby, onde estudava. Depois de uns meses conhecemos uma moça que também fazia esse trajeto com sua filha e ficou acertado que eu voltaria com ela para ficar menos cansativa a rotina do meu pai. Apesar de nessa época eu gostar muito de precisar pegar ônibus e metrô para ir e voltar do colégio, esse trajeto era muito cansativo para uma criança e por isso muitas vezes eu não conseguia prestar atenção nas primeiras aulas. Essa questão teve uma boa melhora quando fui para o 8º ano e precisei passar a estudar no turno da tarde.

Pelo fato de pegar o ônibus no mesmo horário todos os dias, resultou que conheci e criei determinado vínculo com algumas das pessoas que também pegavam diariamente aquele ônibus. Por me verem tão nova e vestindo aquela farda, as pessoas deduziam que eu era muito estudiosa e inteligente, mas eu estava me sentindo justamente o contrário, por causa de todas as notas baixas que estava recebendo. Nunca gostei dessa pressão que as pessoas que nem me conheciam acabam depositando em você, sempre esperando o melhor. Inclusive, depois que passei na UFPE e contei meu curso tive que ouvir de uma dessas pessoas a seguinte frase: “poxa e tu estudou tanto pra isso foi? Nem precisava aquele sacrifício todinho pra acabar sendo professora”. Isso me deixou mal durante semanas. Nem tinha começado o curso ainda, mas já estavam me dando motivos para desistir.

Participei de todas as feiras de conhecimento do CPM. Amava organizar e apresentar os trabalhos, sempre foram experiências maravilhosas que iam muito além da nota. No 7º ano fiz amigos que estão na minha vida até hoje e foram imprescindíveis em todos os momentos. A partir do 8º ano até o ensino médio, passei a ter bastante dificuldade e não gostar das

matérias de história e geografia, que da forma como era ensinado, não fazia sentido pra mim! Eram apenas muitos acontecimentos aleatórios e sem nenhuma conexão.

No 2º ano do Ensino Médio, eu reprovei em matemática e fiquei desolada. O professor era daqueles que se orgulha em fazer provas que os alunos não conseguem resolver para depois reprová-los. Nesse mesmo ano, mais de 60 alunos foram reprovados em matemática. No ano seguinte o professor foi demitido. No começo eu fiquei muito mal, mas depois percebi que serviu para me dar um “sacode” pois já fazia uns 2 anos que eu não estava me dedicando aos estudos e depois da reprovação o meu foco voltou com toda energia. Finalizei meu Ensino Médio da melhor maneira, voltando a gostar de estudar. Terminei o 3º ano E.M. em 2016. Com 17 anos, fiz vestibular para Matemática - Licenciatura e passei. Mas meus pais não deixaram cursar porque era no turno da noite na UFRPE, a qual era muito distante da minha casa.

Para não passar 1 ano parada, comecei um curso técnico de Administração no Instituto Maria Auxiliadora que me ajudaria a chegar ao que eu almejava: concursada da Aeronáutica. Fiz a prova em 2017, mas só consegui nota em matemática e física. Em português e inglês não atingi a nota mínima necessária. Nesse curso percebi o quanto minha base em matemática era boa, pois enquanto os outros alunos precisavam do triplo do meu esforço para aprender, eu entendia tudo na maior facilidade. O professor de matemática foi o melhor professor de exatas que já conheci! Ele não só explica qual fórmula deve ser utilizada, mas também, o porquê daquela utilização e o passo a passo que deveria ser feito. É muito difícil encontrar um professor de matemática que explique a origem dos cálculos e faça os alunos entenderem invés de apenas memorizar.

O curso técnico teve duração de 1 ano e 6 meses e logo após seu término, eu me inscrevi no curso técnico de contabilidade, fiz a prova e passei novamente. O curso técnico também durou o mesmo tempo que o técnico em administração e minhas matérias favoritas seguiram sendo as de exatas. Nesses 3 anos de curso comecei a ensinar reforço em casa para conseguir um dinheiro e diferente do que eu pensei, gostei muito de ensinar as crianças. Pedagogia começou a ser uma opção de curso. Conversei com uma amiga pedagoga e tive certeza que gostaria de seguir essa área.

Em 2018 fiz o Enem novamente e em 2019 fui aprovada em Pedagogia na UFPE. Como já foi dito, muitas pessoas não me apoiaram e disseram que seria um desperdício colocar toda a minha inteligência nesse curso. Confesso que no começo isso me abalou bastante, mas depois que as aulas começaram outras pessoas da minha turma compartilharam do mesmo sentimento e comentários vindo de colegas e familiares. Desde o momento que escolhi o curso, essa desvalorização é muito forte dentro do meio que convivo.

Dentro da faculdade, eu tive a oportunidade de frequentar escolas e creches municipais pela disciplina de PPP. No primeiro momento o choque foi muito forte por ver de perto a situação da educação e as condições de ensino ao qual as crianças estão inseridas. Meus estágios não obrigatórios foram em grandes escolas particulares do Recife e apesar de saber e ter estudado sobre a enorme desigualdade existente entre esses ambientes, ver e estar inserido dentro desses espaços é muito mais impactante. Essas experiências me mudaram como profissional e me fizeram entender e refletir sobre minha própria história e trajetória escolar.

Pensar nesse atraso educacional brasileiro me remete ao texto de Maciel e Shigunov (2006), quando os autores trazem as consequências desastrosas que o Marquês de Pombal trouxe para o Brasil. Nessa perspectiva, mesmo as formas de ensino dos jesuítas Pombal não conseguiu consolidar sua reforma de ensino, deixando o País sem nenhuma organização educacional, boa ou ruim, por quase 20 anos. Esse tempo foi indispensável para construir uma educação que garantisse qualidade para seus indivíduos. Toda minha trajetória escolar foi feita em escolas tradicionais, em que o processo de ensino-aprendizagem é todo pautado no professor sendo o detentor do conhecimento e o estudante é aquela página em branco sem nenhum tipo de conhecimento válido. Como afirma Freire (2001), o aluno não é uma tábula rasa, mas sim alguém que é atuante e reage ao meio que está inserido, contendo assim conhecimentos prévios acerca de variados assuntos. A falta de uma educação participativa e democrática faz com que as escolas formem indivíduos apenas para o trabalho e não para a cidadania como afirma na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) ser professora nesse País não é fácil, mas estamos aqui para ser resistência.

MEMORIAL

Ana Clara Lima Lemaire de Medeiros

*Educar é crescer. E crescer é viver.
Educação é, assim, vida no sentido mais autêntico da palavra.
Anísio Teixeira*

AGRADECIMENTOS

Sou grata a meus familiares por estarem sempre do meu lado nessa trajetória de vida, por terem me incentivado e nunca desistirem de mim. Agradeço também à professora Raylane Navarro pela oportunidade de produzir este trabalho em forma de memorial, pois nele foi possível pensar e re-pensar minha caminhada até o presente momento e refletir sobre a minha futura prática docente. Ademais, agradeço também à monitora da disciplina, Rayane Maria por todo o apoio.

RESUMO

O trabalho a seguir se trata de um memorial proposto pela professora Raylanne na disciplina de "história da educação no Brasil". O presente memorial foi construído pela discente Ana Clara Lima e conta a sua história de vida na Educação e as implicações desta na vida particular. A memória é um tipo de autobiografia, a memória é conflituosa e afeta a formação do

indivíduo. E a escrita da memória é imprescindível para a construção de um futuro docente, tendo em vista que, com a realização da memória é possível perceber como conflitos e situações mudam o rumo da nossa vida. Por conseguinte, auxiliando na configuração do seu caráter docente individual.

ABSTRACT

The following work is a memorial, proposed by Professor Raylanne in the subject of "history of education in Brazil". The present memorial was built by the student Ana Clara Lima and tells her life story in Education and its implications for her private life. Memory is a type of autobiography, memory is conflicting and affects the formation of the individual. And the writing of memory is essential for the construction of a future teacher, considering that, with the realization of memory, it is possible to perceive how conflicts and situations change the course of our lives. Therefore, helping to configure their individual teaching character.

EDUCAÇÃO INFANTIL

Meu nome é Ana Clara Lima, tenho 21 anos e vou contar um pouco da minha trajetória escolar e profissional relacionada a educação. Desde que eu nasci eu morava na cidade de Paulista/PE, no bairro de Arthur Lundgren I, é um bairro que fica a 18 km de Recife, é bem longe dos shoppings, hospitais, restaurantes, bem no subúrbio, e quando eu morava lá eu estudava nas escolas do bairro, eram escolas menores e particulares., estudava sempre eu e meu irmão mais velho (3 anos de diferença) na mesma escola.

Eu era menor e via sempre meu irmão pegar a condução (transporte escolar) e ir para a escola e em um dos dias que vi ele subindo eu cismeí, e quis ir também, aí a moça que ficava comigo e meu irmão enquanto meus pais trabalhavam preparou minha lancheira e me botou na condução e fui para a escola pela primeira vez. Minha primeira escola foi a "Escola Semente Da Esperança", onde fiquei dos 2 anos de idade até os 4. Não me lembro muito dessa época, dessa escola, só as lembranças que meus pais contam e que contaram agora para eu fazer o presente trabalho. Eu

saí desta escola quando meu irmão quebrou o braço e mesmo assim a professora de matemática dele colocou ele para fazer a prova, mesmo com o recém acidente. Meus pais ficaram extremamente chocados e chateados e mudaram a gente de escola.

Minha segunda escola foi a "Escola Mickey Mouse", na qual estudei dos 4 aos 5 anos, terminando, assim minha Educação Infantil. Lembro de poucos momentos também dessa escola, lembro da faixa da escola, que era bem colorida, e tinha uma imagem do Mickey Mouse na frente; lembro de brincar com as crianças da sala de seu rei mandou, mas não tenho vastas lembranças, nem das atividades, avaliação, aulas, professoras. Nada.

ENSINO FUNDAMENTAL I- ANOS INICIAIS

Minha terceira escola foi "Escola Anita Gonçalves", na qual estudei dos 6 aos 9 anos, ou seja, o Ensino Fundamental- anos iniciais. Dessa escola, lembro-me mais, pois passei mais tempo e já tinha mais idade. Meu irmão também estudou nessa escola, sempre nós dois, ele na série maior e eu menor. Essa escola abrangia Educação Infantil até Ensino Médio, logo, era um colégio maior, com mais estrutura, muitas salas, quadra, piscina. Lembro de uma professora da alfabetização, seu nome era Márcia, e não tinha auxilia. lembro que fazia várias tarefas na sala, até provas, lembro de uma pergunta "você conhece a marca de algum carro?" e eu respondi: "carro da hello kitty". Era um período muito inocente, não conhecia muito das coisas, lembro de brincar no intervalo, de cabo de guerra, de lutinha com as meninas, lembro que uma ou duas vezes por ano tinha banho de piscina, e eu tinha que levar um documento para meus pais autorizarem.

Quando fui para a primeira série (nomenclatura da época antes da mudança), fui para outra área, a área dos maiores, que era no primeiro andar. Eu já fazia provas mais elaboradas. Era muito boa em matemática (fazia cálculos básicos de adição, subtração, multiplicação e divisão com excelência), e sempre tirava 10/9. Além disso, costumava comparar as minhas notas com as das minhas amigas, e percebia que eu, constantemente, tirava a maior ou a segunda maior nota em matemática. Meus pais gostavam muito disso.

Depois, nas terceiras e quarta séries, fui para outro espaço, no qual

as turmas maiores, inclusive o ensino médio, ficavam. Hoje em dia, acho que não seria muito adequado, pois, ainda, era muito pequena para ficar em contato com os alunos mais velhos. É a partir dessa época, contudo, que eu começo a me recordar um pouco mais das minhas lembranças, e a ter mais consciência.

Nesse período comecei a fazer amizade com os meninos da sala, e não somente com as meninas; aprendi a me relacionar com o novo ambiente (que tinha cantinas em que podíamos comprar lanches); transporte, antes eram vans pequenas, agora eu voltava de ônibus escolar, com meu irmão. A partir daí, as amigas e amigos do meu irmão começaram a me conhecer e eu passei a ser chamada de “A irmã de anjo”. Nessa mesma época, comecei a ter um certo olhar diferente para os meninos, um interesse, coisa que antes nem passava pela minha cabeça. Foi aí que, numa brincadeira de verdade ou consequência. E lembro que fiquei com muito medo dos meus pais descobrirem.

Nesse momento, eu tinha meus 9 anos e era 4º série. Comecei, então, a ter mais vaidade, queria ir de bermuda jeans para o colégio ao invés da farda que era um short folgado que ia até o joelho. Ademais, tive excelentes experiências como: assisti à minha primeira peça da Paixão de Cristo, no salão do colégio, feita pelo Ensino Médio; fiz um passeio ao Mirabilândia com minha turma, no qual os professores deixaram a gente livre para brincar e se encontrar no ponto de encontro às 19h. Hoje em dia, acho que era muito nova e inexperiente para tal, mas foi muito divertido. Eu também comecei a ir para a casa das minhas amigas do colégio para brincar e para fazer trabalhos geralmente eram de cartolina apresentados na escola. Nesse período acima, eu alternei: tinha ano que eu estudava de manhã e tinha ano que eu estudava no período da tarde, pois, tinha muita dificuldade de acordar cedo.

Ainda na minha quarta série, em 2010, eu fazia reforço para ajudar nas minhas tarefas de casa, que viam diariamente. Meu pai sempre foi mais próximo de mim e do meu irmão em relação ao estudo, pois, minha mãe saía de dia para trabalhar e voltava à noite, já meu pai passa a tarde em casa e trabalhava à noite. Então ele ajudava nas tarefas, nos estudos, corrigia minhas provas, o que era um momento muito tenso para mim. Pois, antes eu era boa em matemática, como citado mais acima eu só tirava 10/9 de nota, mas na 3º e 4º série comecei a tirar notas baixas, principalmente em

matemática e inglês. E meu pai é muito bom em matemática, pois, ele era muito estudioso quando novo, fez escola técnica e era um dos melhores. Então ele começou a me ensinar quando minhas notas começaram a cair, porém, ele não tinha a paciência necessária para ensinar, e ele gritava bastante, me batia, e isso foi bem traumático para mim, me desencadeou um grande medo dele por anos. Ele ensinava como fazia um cálculo, depois mandava eu fazer sozinha, e claro, eu errava. E aí ele gritava, batia na mesa, e me batia. E a partir desse momento comecei a ser péssima em matemática, não aprendia, e tinha medo da matéria. Seria esse o momento que meus estudos começaram a "complicar", a sair do nível fácil para o difícil, e com isso, se fecha o ciclo de Ensino Fundamental I-anos iniciais.

ENSINO FUNDAMENTAL II-ANOS FINAIS

Quando eu fiz 10 anos, e iria começar a 5º série, meu irmão e eu mudamos de escola. Viemos estudar no centro, no "Colégio Salesiano Recife". Esse colégio por ser bem grande e bem conceituado, era o sonho da minha mãe que eu e meu irmão estudássemos lá. Xavier (1980) declarou:

Preocupados com a difusão da fé e com a educação de uma elite religiosa, os jesuítas criaram um sistema educacional que, em última instância, fornecia aos elementos das classes dominantes uma educação clássica e humanista como era o ideal europeu da época.

O colégio era composto por 5 quadras, 1 campo, 1 piscina olímpica, 1 academia e 3 restaurantes. faz-se necessário que o ambiente escolar tenha estrutura adequada, para que se desenvolva uma educação de qualidade que consiga favorecer as relações sociais, estimulando e propiciando um melhor aprendizado. (MIRANDA, et al, 2016)

Minha mãe foi me levar no primeiro dia de aula. Antes de começar as aulas, todos os alunos iam para o pátio (jardim), cantavam o hino nacional, levantavam a bandeira, rezavam e seguiam para a sala. Segundo (CARVALHO,1978); (AVELAR,1983) e (RIBEIRO,1988):

Concordam que o conteúdo da reforma pombalina, sob a égide de seus principais inspiradores, Luís Antonio Verney , Ribeiro Sanches e Antônio Genovessi, considerados pensadores modernos, trazem traços do ensino tradicional, isto é, eclesiástico. Portanto, não houve uma ruptura

total com o ensino jesuítico, pois a mudança ocorrida foi mais de conteúdo do que de método educacional.

Eu ainda morava em paulista, então, nessa época, eu e meu irmão começamos a pegar ônibus públicos para chegar em casa, era muito longe. Chegávamos exaustos. E assim foi durante todo o ano.

No ano seguinte (6º série) eu ainda estava no salesiano, e com o tempo lá, percebi que, por estar na cidade, todas as crianças eram desenroladas, e eu estava tentando acompanhar. Lembro que nas atividades de português eu tinha portfólio com minhas produções, e tinha aula de gramática, que era uma matéria separada de português. Além disso, comecei a ter redação, mas eu era péssima e só tirava nota baixa. Eu não entendia isso. Achava que para escrever fazer uma história de fantasia, de conto de fadas seria não entrava em minha cabeça, e isso vai ser bem importante na minha jornada na educação.

Ademais, a 7º série virou 8º ano, eu me confundia um pouco no começo, mas os professores começaram a usar diariamente e fui me acostumando. Nessa mesma época, comecei a gostar de kpop musical coreano, no qual as bandas criam música e danças para essas músicas). Eu gostávamos muito de dançar e elas gostavam bastante de anime (japoneses), então acho que isso me influenciou um pouco começar a mudar meu estilo, franja cobrindo o olho, maquiagem preta, tudo meio gótico. Lembrando hoje é até engraçado.

Nesse momento, eu comecei a participar de algumas produções artísticas do colégio. Na disciplina de inglês, tinha o "SaléMusic", tínhamos que escolher uma música em inglês e fazer uma apresentação com dança com essa música. Eu e algumas amigas sempre dançávamos muito, e, por causa disso, no ensaio, deixamos todos impressionados. A partir daí, comecei a dançar em aberturas de palestras do colégio, abertura dos jogos, até que o colégio criou um grupo de dança para mim e meu grupo. E foi incrível como o colégio deu apoio para nossa ideia, dando até um espaço para a gente ensaiar, ou seja, se preocupou com o que os alunos achavam e criavam.

No 8º ano eu comecei a fazer curso de inglês com minhas amigas dentro do colégio no horário da tarde. A empresa CNA de cursos de inglês colocou um curso no colégio, e meus pais sempre quiseram que eu falasse em inglês, pois, iria me ajudar futuramente para conseguir bons empregos,

e fiz até meu 1º ano do EM.

Outrossim, no ano seguinte, que era último ano do ensino fundamental, lá estava eu com 14 anos e no 9º ano. Só um ano restava para um ciclo se fechar e um novo começar. Lembro que nesse momento, meu irmão estava no 3º ano do Ensino Médio, e muitos alunos do médio me conheciam como a "irmã de anjo", como eu havia dito antes, ele era o popular do colégio. E até que era legal, as amigas dele me achavam uma fofa.

No 9º ano eu participei de uma peça da disciplina de literatura, na qual eu fui a atriz principal. Era muito legal esse lado artístico da instituição e acredito que isso abriu os caminhos experiências eu não teria tido em uma instituição diferente. Minha mãe e minha avó foram assistir e ficaram emocionadas. Nesse mesmo ano, que era 2015, lembro do meu pai ir buscar meu irmão nos cursinhos de 3º ano do Ensino Médio, de ter levado ele ao ENEM com meus pais, e também, de presenciar a formatura do meu irmão, que foi uma festa muito bonita. Assim, fecha-se o ciclo do Ensino Fundamental II.

ENSINO MÉDIO

O ano era 2016, eu estava com 15 anos e entrei no 1º ano do Ensino Médio, seria meu primeiro ano estudando em uma escola sem o meu irmão. Nesse momento também comecei a sentir o peso das matérias, dos assuntos e do próprio Ensino Médio, para os tão famosos vestibulares. Foi nesse ano que eu fiz meu primeiro ENEM como teste para me preparar para o ENEM do 3º ano.

Comecei então a ter aulas de física, biologia e química no colégio, matérias que eu nunca tinha tido antes. Eu achava aquelas nomenclaturas muito diferentes e nem fazia ideia do que ensinavam. E como eu disse desde o meu Ensino Fundamental I, as áreas de exatas seriam um grande problema para mim, e realmente foram no Ensino Médio. Eram sempre as matérias que eu ficava de recuperação, e ia até mesmo para a final. Por causa disso, meu pai começou a pagar professores de exatas para mim. O que deu certo. Eu odiava matemática, pois era uma área que me dava muito medo e eu sabia que era péssima, eu tinha da relação que existia entre eu, meu pai e a matemática. E pensando na escrita deste memorial

consegui perceber o quanto esse cenário influenciou na minha vida.

Nas férias do colégio meu pai me fazia estudar a tabuada e quando ele chegava do trabalho me perguntava, cada dia a tabuada de um número. Ele dizia que se eu errasse ficaria de castigo. Desenvolvi uma relação de rejeição para com a matemática e comecei a temer e não gostar dela ainda mais. Não sabia a matemática básica, tive um bloqueio e me fechei totalmente a tudo que envolvia exatas. E conseqüentemente, até hoje eu não sei passar troco, ver as horas no relógio analógico, entre outras coisas.

No 1º ano eu ainda era infantil, imatura e brincava muito no colégio. Mas não vou negar que não me arrependo. Eu aproveitei, experimentei e me diverti muito nesse colégio. Entretanto, em detrimento disso, meus pais me tiraram do colégio e conseqüentemente do curso de inglês. Nesse momento já havia passado em quatro colégios.

No ano seguinte, em 2017, no 2º ano de EM fui estudar no "Colégio Único-Santo Amaro". Esse colégio foi estrategicamente pensado pelos meus pais, era um colégio pequeno, regrado, só tinham três salas, sendo 1º / 2º / 3º anos, e não tinha quadra nem piscina. Só as salas, um pátio e a sala da coordenadora era de frente para as 3 salas presentes no colégio. Todos tinham que andar na "linha".

Nesse colégio eu comecei a focar e a estudar bastante. Era um colégio mais focado no vestibular, e não existia somente uma matéria para cada área, mas tinha: história do Brasil e história geral; matemática 1 e matemática 2; física 1 e física 2; química orgânica e físico-química. Então era bem puxado. Comecei a fazer resumos para estudar para as provas, pegava as partes mais importantes do livro didático, fazia um resumo e depois lia para mim mesma e depois para os meus pais e ia explicando a eles. No colégio, no dia da prova, minhas amigas pediam para eu explicar o assunto a elas, e eu gostava muito disso, então comecei a pegar gosto pelo estudo. No segundo ano comecei a fazer simulados no colégio para me preparar para o SSA e ENEM. Porém, eu só fiz ENEM, e não fiz SSA, pois acabei perdendo a data de inscrição do SSA no 1º ano do meu EM.

Na metade do 2º ano, o assunto era o ENEM. As coordenadoras, professoras e psicólogas sempre iam na sala conversar conosco sobre os vestibulares e pediam para que a gente decidisse o curso. Meus pais sempre falavam que me viam como uma aeromoça ou enfermeira. E a partir disso, em um dia de tarde, eu comecei a pesquisar cursos que a UFPE, a UPE e a

URPE ofereciam. Muitos eu nem sabia o que significava, o que fazia, ou o que estudava, então eu fui pesquisando de um em um. Um dos cursos pesquisados foi o de Pedagogia. Na foto do curso, tinha uma lousa e vários lápis coloridos. Fui pesquisar, e me apaixonei.

No dia seguinte, eu falei à minha mãe que tinha achado o curso chamado pedagogia, muito interessante. Então ela me explicou que tinha feito magistério, segundo (BRASIL, 1996), a aprovação dessa nova LDB, Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996 e com o (FUNDEF) Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério, que foi instituído pela Emenda Constitucional no 14, de setembro de 1996 e regulamentado pela Lei no 9.424, de dezembro de 1996 e pelo Decreto 2.264, de junho de 1997. Fez com que os professores ditos como "leigos" buscassem qualificação. Eu já havia ouvido minha mãe falar antes, mas não sabia o que significava. Descobri, então, que o primeiro emprego foi como professora da Educação Infantil que o nome do meu irmão veio de um dos alunos que se chamava Angelo e que era bem treloso.

Ela contou também sobre o emprego da minha avó. Quando ela trabalhava (hoje em dia ela é aposentada), minha avó era coordenadora de uma escola pública em Paulista. Logo, minha família me deu o maior apoio e incentivo para a área. Porém, diante de algumas circunstâncias pessoais minhas e de alguns acontecimentos com minhas amigas desse colégio, minha mãe decidiu me retirar dele quando acabou o ano letivo.

O novocolégio, meus pais me deixaram escolher, e eu escolhi o "Colégio Ideia", que fica no bairro da Torre. O ano era 2018, e eu estava com 17 anos de idade. Para entrar nesse colégio que eu escolhi eu precisava fazer uma prova e uma redação de caráter eliminatório. Era um colégio pequeno, só com 3 salas sendo de 1º, 2º e 3º anos, sem quadra, sem piscina, sem área de lazer, muito semelhante à escola anterior, porém, mais puxado. Nesse período, eu ainda estava meio abatida com a saída do meu último colégio, não queria fazer amizades duradouras visto que todo ano eu mudava de instituição. Então, eu já cheguei no colégio, no primeiro dia de aula, muito tímida e com medo.

Nesse período, minha ansiedade aumentou exponencialmente. Suava, tinha muita distonia, tremia nos intervalos, pois, no 3º ano, todos os grupos estavam formados e eu não conseguia me encaixar em

nenhum. Comecei a tirar notas baixíssimas em todas as matérias, não só nas de exatas, mas também, nas de humanas e linguagens. Além disso, teve uma cena que ficou muito gravada na minha cabeça, que na hora eu achei horrível e maldosa. Nesse colégio, meu professor de química perguntou a cada um o curso superior que queríamos fazer, e eu respondi "-pedagogia, professor", e ele riu e disse: "-não tinha um curso melhor não? Tu vai sofrer sendo pedagoga... melhor fazer uma licenciatura", tudo isso na frente de toda a turma. Eu fiquei muito sem jeito, e não entrava na minha cabeça o porquê que uma pessoa da mesma profissão falaria aquilo. É algo que eu jamais faria como professora ou mesmo como pessoa.

Meus pais ficaram muito preocupados com meu estado, e minha mãe me levou a um psicólogo, o que me ajudou muito. Continuo me consultando até hoje, pois tenho muita ansiedade, mas na época não sabia o que significava essa condição que me fazia chorar copiosamente. Diante de meu estado ansioso, minha mãe perguntou se eu queria mudar de colégio, e eu aceitei. Era mais uma mudança, eu estava desacreditada que daria certo, mas qualquer lugar era melhor que esse colégio.

Não obstante, na metade do ano, em agosto, eu comecei em um novo colégio, um colégio mais simples, que ia desde a Ed. Infantil até o Ensino Médio. Era um colégio de bairro, perto da minha casa, chamado de "Colégio Anglo Líder-Tamarineira". Eu estava muito receosa, pois estava na metade do 3º ano, e achei que eu não iria conseguir fazer amigos e nem passar em nada, já que minhas notas, na última escola, tinham sido todas muito baixas.

No dia 1 de agosto eu fui para o colégio com a minha mãe, e o diretor nos recebeu de braços abertos, levou-me até a sala, e lá todos me receberam muito bem. Fui acolhida já de primeira, e na primeira semana eu já estava fazendo amizades, as quais são minhas amigas até hoje em dia. Comecei a ficar bem psicologicamente, e voltei a estudar. Em setembro meu pai me colocou em dois cursinhos pré-vestibulares no mesmo local. Era um de redação e, o outro, de exatas (matemática/física/química), às terças e quintas das 19 às 21:30. Nas quintas-feiras eu tinha aula integral no colégio. Largava do colégio e ia direto para o curso, que ficava no bairro da Madalena, e quando eu largava, meu pai me buscava.

E foi com esse curso, no mês de setembro/outubro, que eu comecei a entender como fazer uma redação de ENEM. Existia toda uma estrutura,

algo que antes eu nem fazia ideia. Sem esse curso e sem a professora eu jamais teria passado. Já em relação ao curso de exatas, eu não entendia quase nada das aulas, pois minha base era muito fragmentada, mas foi minha segunda maior nota do ENEM, e até hoje sinceramente eu não entendo como isso aconteceu, tendo em vista que eu era péssima.

Eu saía, ia para festas e passeios com meus amigos. Tudo começou a se encaixar. Eu comecei a estudar muito. No colégio fazia vários simulados, além de redações com os mais diferentes temas durante os intervalos. Um mês antes da prova do ENEM eu comecei a fazer resumos de assuntos desde o ensino fundamental, eu passava madrugadas viradas estudando, às vezes nem dormia para ir para o colégio no dia seguinte. Mesmo cansada, amava o sentimento de ter entendido o assunto e a possibilidade de explicá-lo para qualquer pessoa. Como depois dos resumos eu explicava o assunto para os meus pais (que me ajudava a fixar), meu pai começou a dizer: "eu acredito que você passa na UFPE". Isso foi emocionante, pois eu não acreditava, e achava algo muito distante. Minha mãe, no entanto, dizia que era melhor eu fazer uma faculdade particular, mas por dentro, eu queria a pública.

E quando fui fazer o ENEM, eu estava nervosa, mas estudei bastante, ergui a cabeça e fui. Quando saiu a nota eu entrei em êxtase. Não foi uma das mais altas, mas foi boa. E então alguns meses depois saiu o SISU, e todo dia eu ia olhar a atualização do site. Pela nota, entrava na UFRPE e UFPE. Chegou o último dia de SISU, por ter que escolher uma das duas, escolhi a Universidade Federal De Pernambuco (UFPE), minha melhor escolha. E passei. Eu chorei bastante, botei o Band-aid na sobancelha, e minha família ficou realizada. Acho que esse foi o momento em que eu respirei aliviada, tive o sentimento de trabalho cumprido. Tudo que eu tinha passado nesses 17 anos foi para esse momento, e apesar de todas as dificuldades, eu consegui. Mesmo que seja só o início de mais uma etapa, eu consegui conquistar meu objetivo.

ENSINO SUPERIOR – UFPE

Em 2019.1 comecei minha graduação no curso de Pedagogia da UFPE, no turno diurno. De início, achava tudo muito diferente, muito distante da realidade da escola. Lembro que a primeira cadeira que paguei

foi antropologia e eu não fazia ideia do que era ensinado nela. Os nomes eram bem diferentes das nomenclaturas usadas nas escolas.

No segundo período ainda estava meio perdida, mas estava começando a caminhar. E nele tive minha primeira cadeira de PPP (pesquisa e prática pedagógica), que tratava acerca da educação em ambientes não-formais, ou seja, fora das instituições escolares tradicionais. Esse PPP foi bastante memorável para mim. Eu e minha dupla decidimos, em um hospital, na ala pediátrica de crianças com cardiopatia, que geralmente, ficam internadas por semanas ou meses, acompanhar as atividades de uma terapeuta ocupacional e o seu dia a dia nas práticas diárias com os bebês as quais visavam trabalhar o desenvolvimento da motricidade dessas crianças. A partir daí, pude perceber o quão abrangente é o mundo da educação.

Do 3º ao 6º período, as aulas aconteceram de modo remoto, em decorrência da pandemia do COVID-19. Foi uma fase difícil, de medo para muitos, mas, no que diz respeito ao meu estudo particular, foi nesse momento que comecei a adentrar no mundo da pedagogia e focar no meu curso. Fiz monitorias, e pude ver mais de perto o trabalho de um docente de uma universidade federal. Segundo (BRASIL,2007), §2o. A União regulamentará os requisitos para a realização de exames e registro de diploma relativo a cursos de educação à distância.

Ainda na pandemia, eu fiz PPP na EJA (Educação De Jovens e Adultos), em uma escola pública municipal, e foi uma experiência totalmente nova e diferente para mim. Vi que a educação, mesmo nas idades mais avançadas, continua sendo um artifício fundamental na vida de um ser humano. Ainda na pandemia, é importante citar aqui que tive minha primeira experiência de estágio, e foi o momento que eu mais aprendi em toda minha carreira universitária, pois pude ver a teoria na vida real.

Em 2022 voltamos ao modelo presencial. Foi muito bom voltar para a universidade! Fiquei nervosa de início, pois as amigas que eu tinha feito no primeiro ano de graduação foram para outros turnos, em decorrência da pandemia. Por causa disso, que seguir de uma forma mais individual. Porém, isso foi fundamental para minha formação e vida pessoal, pois conseguir mais independência, pude fazer amizades com pessoas da minha sala que eu não falava, o que foi ótimo.

E aqui estou, no 7º período, quase terminando minha graduação, e cada dia aprendendo mais e mais. Ao escrever esse memorial notei como

ele potencializou a reflexão acerca da minha vida e das circunstâncias que me fizeram chegar até aqui, e me permitiu criar novas estratégias e reflexões, as quais me permitiram mudar de ideia. Nesse sentido, quando entrei na universidade, queria me formar logo, porém, hoje em dia, acho que cinco anos é pouco para aprender tudo que a pedagogia tem a nos ensinar. E espero que essa minha vontade de aprender cada vez mais me leve a um futuro mestrado e doutorado.

MEMORIAL SOBRE A TRAJETÓRIA ESCOLAR

Ana Vitória Oliveira Ferreira de Lima

Escrever um memorial sobre a trajetória escolar, para uma avaliação de disciplina é muito significativo. Essa tarefa me possibilitou compreender os processos em que passei como discente, pois ao revisitar relatos de colegas e familiares, fotografias, produções escolares, vivencio novamente essas lembranças, agora com um olhar maduro e crítico. Segundo Lima (2014), a utilização de uma narrativa autobiográfica, através de um memorial, abre caminhos para que o graduando em educação perceba-se como fonte histórica de sua própria história. Dessa forma acabam surgindo reflexões sobre práticas pedagógicas que podem servir como espelho ou como uma lembrança para a não reprodução.

Muitas das vivências trazidas e desenvolvidas nessa memória autobiográfica terão como inspiração algumas das indagações elencadas por Lima (2014) em seu texto sobre memória da vida educacional. Ele sugere os seguintes questionamentos:

a ida para a escola, como era? O que fazia? A volta da escola, o que fazia? A entrada na escola, cantar o hino nacional e perfilar no pátio, rezar no início da aula; a saída da escola, como era? As brincadeiras, quais as preferidas? Os jogos, as brigas ou confusões [...] as notas nas provas, a aprovação, a reprovação, a recuperação e provas finais; o relacionamento com os professores e com outros funcionários da escola; os bons e maus professores [...] a rígida disciplina e os castigos físicos e psicológicos, etc. (Lima, 2014, p.40)

Antes de entrar de fato na minha trajetória escolar, farei uma breve contextualização sobre minhas relações familiares. Nasci no ano de

2001, em Recife. Meu pai, Arlindo, era segurança e minha mãe, Verônica, professora. Esses foram os maiores responsáveis por estar, nesse momento escrevendo essa memória. Sempre incentivaram a responsabilidade com a escola e o estudo. Como bem disse, minha mãe era professora, fez magistério e trabalhou em várias escolas do meu bairro, tanto pública quanto particular, inclusive foi professora do meu irmão na 4ª série e deu aulas na escola em que fiz a educação infantil. Depois de um tempo, ela decidiu abrir sua escolinha de reforço em casa e era conhecida por todos no bairro como “Tia Vera”.

Desde que me lembro, minha mãe dava aula para muitos alunos e cresci em um contexto em que a docência era muito presente. No acervo fotográfico da minha mãe é possível me ver desde muito pequena, exercitando a pega do lápis e sentada em bancas três vezes maiores que eu. Fui crescendo, e quase que de forma natural, reproduzindo a docência de modo informal, com as instruções e supervisões dela. Minha mãe dizia que me ensinou a ler com três ou quatro anos de idade e que sempre fui muito esperta.

Meu pai também foi um grande incentivador, mesmo não conseguindo terminar seus estudos na idade certa e tê-los concluído na EJA, ele era uma pessoa muito inteligente e conversava comigo sobre tudo. Sempre foi participativo na minha vida escolar, ia às reuniões na escola, se preocupava com as minhas notas e todos os dias fazia a mesma pergunta quando eu chegava em casa, “o que aprendeu hoje que não sabia ontem?”, essa pergunta me impulsionava a querer aprender alguma coisa nova todo dia só para contar quando chegasse.

EDUCAÇÃO INFANTIL

De 95% das vivências que tive na primeira etapa da educação básica, não me recorro de maneira alguma, os 5% restantes são cheios de incertezas. Segundo Barros (2009), essas poucas memórias que ficam são chamadas de memórias permanentes, entretanto não permitem precisão e estão relacionadas a esquecimentos, distorções e reconstruções. Uma das fontes que ajudaria nesse caso, são relatos orais de parentes e amigos, entretanto obtive poucas informações já que minha mãe, a pessoa que acompanhou de perto essa fase, faleceu recentemente levando com ela um pedaço da minha história.

A partir de alguns relatos, recebi a informação de que próximo aos dois anos fui à primeira pré-escola, nela aconteceu um fato que tenho lembranças até hoje. O intervalo tinha terminado e eu estava no balanço; a professora me chamou e disse que era hora de entrar, eu não queria sair ela me puxou pela

orelha para que eu entrasse. Quando cheguei a casa contei para minha mãe e ela me mudou de escola. É pertinente comentar que não tenho nenhuma outra lembrança dessa escola, dos professores ou das práticas.

A nova pré-escola, Arte de Crescer, ficava localizada na mesma rua em que moro. Hoje ela não funciona como uma escola, mas como residência. Sempre que passo na frente da antiga construção tenho lembranças das minhas chegadas e saídas. Por minha mãe ser uma das professoras, conseguiu uma bolsa de estudos para mim. É válido salientar aqui, que essa foi a única instituição particular que estudei na minha trajetória. Minha professora Patrícia, do que me lembro, era uma pessoa muito doce e paciente, em várias fotos de festividades realizadas na escola estamos abraçadas e sorrindo. Meu local preferido era o parquinho que ficava na frente da escola; lá, podíamos brincar no intervalo e no fim da aula. Outras memórias estão registradas em fotografias nos álbuns da minha mãe, como as festinhas de Páscoa, São João, Dia das crianças, Natal e Desfile de 7 de setembro.

Moraes (2015), em estudos realizados a partir de relatos, concluiu que as melhores memórias não remetem à questões de aprendizagem, mas sim ao processo de socialização e de atividades livres que ocorrem na escola. A partir disso, relaciono minha pouca memória sobre acontecimentos relacionados à aprendizagem durante a educação infantil.

ENSINO FUNDAMENTAL I

O início do meu ensino fundamental é um tópico um tanto quanto confuso para mim, apesar de ter sido minha escola preferida, onde fiz bons amigos, tive meu primeiro namorico, brinquei muito, tive uma boa base de ensino, com boas professoras. A primeira informação importante é a mudança no artigo 32 da LDB de 96, a Lei nº 11.274, justamente no ano da minha entrada na escola. A transição ocorreu na duração de anos do ensino fundamental obrigatório e gratuito na escola pública, passando de 8 (oito) para 9 (nove), iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade (BRASIL, 2006).

Aos cinco anos de idade fui matriculada em uma escola primária da rede estadual de ensino, na época Professor Josué de Castro, fica localizada no mesmo bairro que nasci, cresci e permaneço até hoje. A instituição

tinha uma boa estrutura. Na época possuía quatro salas de aula, biblioteca, sala de informática, sala da direção, cantina e um pátio enorme onde aconteciam os intervalos e eventos da escola. Era lá também, que éramos enfileirados por ordem de tamanho, separando meninos de meninas e rezávamos orações católicas antes de subir para as salas.

Com a mudança na lei aconteceu algo que me marca até hoje. Como tinha dito, em 2006 fiz a primeira série com 5 anos, e ao invés de ir para o terceiro ano (antiga segunda série) no ano seguinte, fiz novamente a primeira série, agora chamada segundo ano. Na época eu não entendia o porquê e lembro de ter ficado muito chateada chegando a questionar minha mãe o motivo de ter que repetir. Diferente de alguns colegas de turma, eu já sabia ler, mas era necessário que eu tivesse 7 anos para avançar de série. Nesses dois anos na primeira série eu não lembro de muita coisa além da frustração que senti ao estudar tudo que já sabia. Quando finalmente entrei para o terceiro ano, a memória mais vívida que tenho dessa época é da criação de um livro com histórias escritas por todos os alunos, tenho o livro até hoje. O processo de escrita durou meses e teve toda uma preparação com leitura de outros gêneros textuais e oficinas de escrita.

Foi nesse ano também que dois colegas de classe entraram na turma, Pettersson e Nathalia. Eles eram crianças com deficiência, porém não tinham um profissional de apoio e às vezes eles tinham demandas que precisavam de mais atenção do que a professora conseguia dar. Por exemplo, o menino em alguns momentos ficava agressivo e às vezes derrubava as bancas. Lembro de um episódio em que a professora pediu para que todas as crianças saíssem da sala porque ela não estava conseguindo acalmá-lo. Eu fiquei muito assustada porque na época eu não entendia o motivo dele ter ficado daquela forma. A escola não promoveu nenhuma conversa sobre inclusão, nem trabalhos sobre o assunto. Em meados de 2008 a lei que assegura um profissional de apoio nas salas de aula, ainda não existia. Somente em 2015 a Lei Nº 13.146 do estatuto da pessoa com deficiência entra em vigência, apresentando em seu inciso XIII a caracterização do profissional de apoio. (BRASIL, 2015)

Ao passar para o quarto ano, a professora Lenira, que permaneceu até a minha saída da escola, assumiu a turma. Eu gostava bastante das aulas semanais de redação, tínhamos um caderno específico para escrevê-

las. Normalmente a professora colocava uma imagem no quadro e pedia para que criássemos uma história ou apresentava alguma temática e precisávamos discorrer sobre. Nas aulas de geografia desenhava bastante os mapas e elementos geográficos. Nas demais disciplinas fazíamos bastante atividade de livro e quadro. As aulas de informática aconteciam no contraturno e aprendíamos sobre as partes do computador e o básico para saber mexer. Para além da sala de aula, a escola promovia banhos de mangueira no dia das crianças, feiras de conhecimentos, sessões de filmes, passeios e festas em datas comemorativas.

Como havia dito, o Josué era a minha escola preferida, tanto que decidi não só revisitar, mas fazer meu estágio não obrigatório nela. Fiquei um pouco decepcionada com as mudanças e com o comportamento de algumas professoras. Hoje é uma escola da rede municipal e nenhum dos funcionários da época em que estudei permaneceu. Nesse estágio, eu atuo no papel de apoio pedagógico de duas crianças, sendo uma com autismo e outra com deficiência intelectual e motora. Dessa forma, em algumas situações, me vi sem o apoio da professora e da própria psicopedagoga, já que essa é a minha primeira experiência de estágio. As crianças atualmente, têm um intervalo curto e sem interação com outras turmas; são impedidas de usar os espaços da escola com liberdade, por exemplo o uso da biblioteca e a área externa do pátio, onde vivi bons momentos de brincadeiras, são proibidas. É comum na escola a restrição ao brincar e por diversas vezes ouvi de uma das professoras "vocês não precisam brincar, já estão grandinhos". Velasco (1996), apresenta alguns benefícios do brincar:

Brincando a criança desenvolve suas capacidades físicas, verbais ou intelectuais. Quando a criança não brinca, ela deixa de estimular, e até mesmo de desenvolver as capacidades inatas podendo vir a ser um adulto inseguro, medroso e agressivo. Já quando brinca a vontade tem maiores possibilidades de se tornar um adulto equilibrado, consciente e afetuoso. (1996, p. 78)

ENSINO FUNDAMENTAL II

Estudei todo meu segundo ciclo na escola estadual Assis Chateaubriand". A mudança de uma escola pequena, com poucas turmas, para uma escola do tamanho do Assis assustou-me um pouco no início.

Algumas mudanças aconteceram. agora, tínhamos um supervisor, que andava pela escola em busca de alunos que estivessem fazendo algo errado; o número de professores cresceu (agora eram sete, um para cada matéria, com sua didática, modo de agir com os alunos e formas de avaliar próprias. Por último, algo que seria o meu inimigo até o ensino médio: o horário de fechamento do portão. Sempre tive muita dificuldade em acordar cedo, mas meus pais sempre fizeram questão de que eu estudasse de manhã. Quando passei a ir sozinha para a escola, tive problemas em chegar no horário e muitas vezes ficava do lado de fora do portão até a segunda aula.

As avaliações, em toda trajetória escolar, eram basicamente as mesmas, divididas em bimestres, tendo como meios avaliadores provas, trabalhos, atividades escritas e pesquisas, somados geravam a nota da unidade. De acordo com Menossi (2009), a avaliação vai muito além de uma nota, é o meio em que o professor tem de perceber quais erros persistem e de que forma a aprendizagem poderia ser melhor aproveitada. Durante toda minha vida escolar senti falta de uma avaliação que realmente acompanhasse meu desenvolvimento, que me permitisse aprender com os erros e que não se resumisse em uma nota.

Muitos dos amigos que eu tinha ficaram em salas separadas e cheguei até a perder o contato com a minha melhor amiga do fundamental I. No primeiro dia de aula no 6º, me senti totalmente deslocada, parecia que todo mundo que eu conhecia tinha mudado. Foi nesse dia também que conheci a minha melhor amiga, permaneceu até o ensino médio. Até a metade do ensino fundamental eu não tinha muitos amigos, nem pertencia exatamente a um grupo, o que às vezes, deixava-me desconfortável. Neto e Barreiras (2017) dialogam justamente sobre a importância das interações na escola:

[...] a escola é um espaço de convivência social, e que os profissionais da educação devem estar atentos à maneira como as relações interpessoais se estabelecem no ambiente escolar. É importante cuidar das relações que ocorrem na comunidade escolar, potencializando as interações positivas e minimizando conflitos. (Barreira; Neto, 2017, p.568)

A escola em si tinha uma boa estrutura, muitas salas de aula, uma quadra enorme, pátio, canteiros, sala de judô e uma biblioteca onde eu

passava meus intervalos lendo. Sempre gostei muito de literatura infantil e estava sempre com um livro na bolsa. Era no mesmo ambiente, que eu e Cecília (minha melhor amiga) fazíamos as pesquisas dos nossos trabalhos. Eu era uma aluna dedicada e com ótimas notas, meus pais sempre foram rígidos em relação a meu desempenho escolar e sempre iam às reuniões bimestrais para saber como estava meu desempenho.

Lembro-me de ser muito boa em matemática e de ser minha matéria preferida até o fim do nono ano, e, por causa disso, sempre me dei bem com os professores de matemática. A disciplina de português já não me agradava muito até o momento em que conheci a professora Cinthia no oitavo ano. Ela era sempre muito divertida e trazia várias atividades dinâmicas para a turma. Com o passar dos anos, senti que precisava me enturmar mais e acabei levando algumas detenções por isso. A primeira vez estávamos jogando vôlei dentro da sala de aula e um dos meninos acertou bem na lâmpada; nossos pais foram chamados e minha mãe ficou muito brava comigo. Tempos depois, levei mais uma detenção por ser pega fora de sala com alguns amigos, dessa vez minha mãe não precisou ir até a escola, mas levamos bastante reclamação. Esses fatos nunca fizeram meu rendimento cair, pelo contrário, na formatura fui escolhida pela professora de matemática como a melhor da turma. Isso fez eu me apaixonar de vez pela matemática e foi minha maior área de interesse do ensino fundamental.

ENSINO MÉDIO

No ensino médio mudei para uma escola de referência que ficava localizada ao lado da minha escola anterior. Era uma escola integral e por isso, o horário de aula ia das 7h30 às 17h todos os dias. Antes mesmo de entrar lá, já sabia várias coisas. Foi onde meu irmão também estudou e me contou sobre o ambiente, os professores e outras histórias que a escola tinha. Sendo assim, recordo-me de estar muito ansiosa e ao mesmo tempo, com medo de não conseguir fazer muitos amigos de novo.

Na primeira semana a escola costuma acolher os alunos novatos com a “recepção”, um evento realizado pelo protagonismo juvenil composto por alunos e ex-alunos. Nesses dois dias de recepção acontecem gincanas, a escola fica toda enfeitada e não temos aulas, nossas salas ficam unicamente para a socialização coms novos colegas e realização de algumas dinâmicas.

Admito ter ficado apaixonada por tanta dedicação! Era tudo feito com muito carinho e me senti muito acolhida, ao ponto de, no primeiro ano, dançar no ballet do PJ, e, no segundo ano, ser a coordenadora.

Após os dias de recepção, a primeira semana de adaptação numa escola integral foi muito exaustiva. Eu chegava em casa muito cansada e com muito sono, depois fui me acostumando. Uma coisa que me assustou bastante foi o número de disciplinas que tínhamos. Nessa perspectiva além das habituais como Português, Matemática, História, Geografia, Artes, Educação Física e Inglês, a Ciência se dividiu em 3 (Biologia, Química e Física) e o estudo da língua estrangeira não se restringia ao inglês, agora, também precisávamos estudar a língua espanhola. Além disso, foi acrescentado Filosofia, Sociologia, Direitos Humanos e Empreendedorismo.

Algumas matérias tinham aulas muito boas, que saiam um pouco do tradicional ao qual estávamos acostumados. Em Biologia no primeiro ano estudamos a célula através de maquetes que nós mesmos produzimos, isso foi essencial para entender além das imagens dos livros. Em Matemática tivemos uma feira de jogos matemáticos em que todos os primeiros anos participaram e alunos de outras turmas poderiam jogar conosco. Em Português foi proposta uma feira de literatura, na qual cada grupo ficava responsável por um livro e tínhamos que apresentar sobre ele. Contudo, a aula que eu mais gostávamos era a de Filosofia, pois a professora era diferente de tudo que eu conhecia; ela tinha um jeito diferente de dar aula. Ao invés de encher o quadro de textos e ir para sua banca enquanto esperava a gente copiar, ela sentava em cima da mesa, perto da gente e criava um tipo de conexão. Ademais, conversava com a gente para além dos conteúdos da disciplina, falava de amor, amizade, empatia, respeito e tudo que jovens de 14/15 anos precisam saber.

Diana, a professora de Filosofia, fazia dinâmicas e uma em específico marcou-me até hoje. Eu sempre fui muito tímida e não recebia muitos elogios e nessa dinâmica escrevemos nossos nomes em uma folha de papel a qual tinha que passar nas mãos de todos os alunos, enquanto o papel dos outros alunos também passavam nas minhas mãos. O objetivo era depositar algum elogio ou alguma mensagem boa para o outro sem se identificar. Quando o papel voltou para mim e vi o tanto de gente que me achava legal, simpática e amiga eu fiquei bem feliz e consegui ficar menos

tímida com a turma, a partir disso eu fiz mais amigos. Em contraposição algumas disciplinas como Física e Química eram muito ruins, o que me fez ter uma péssima primeira impressão dessas matérias. Os professores não tinham uma boa didática e só passavam exercícios e mais exercícios. O professor de Física em específico dava-nos as respostas da prova antes dela para que muitos alunos não tirassem nota baixa já que ele não conseguia ensinar muito bem.

No segundo ano do ensino médio nossa rotina mudou um pouco, pois a escola tinha uma parceria com o IJCPM (instituto João Carlos Paes Mendonça), que é um instituto de compromisso social, sem fins lucrativos. Ele foi essencial para minha entrada na universidade, mas isso eu conto mais para frente. Como eu estava dizendo, no segundo ano tínhamos atividades no instituto às terças pela manhã e às quintas pela tarde, todos os alunos deveriam ir. O ambiente era muito diferente do ambiente escolar com que estávamos acostumados; equipamentos novos, ambientes climatizados, professores que se importavam de verdade com o nosso aprendizado. O projeto se chamava “Projetando meu futuro” e tinha o objetivos de ajudar os jovens na construção e realização dos sonhos e metas para o futuro, e as atividades e experiências também visavam o crescimento pessoal e autoconhecimento.

Na terça tínhamos “aula” com psicólogas, todos os segundos anos eram misturados e separados em três turmas, cada turma ficava em uma sala tendo atividades com uma psicóloga. A minha se chamava Raquel Cordeiro e soube anos depois, que ela era professora da UFPE. As atividades variavam bastante; aprendemos sobre autoconhecimento e sentimentos, construímos um diário das emoções, em que podíamos acompanhar nossas mudanças de humor durante as semanas. Além disso, fizemos muitas atividades sobre nossos pontos positivos e negativos e o que poderíamos fazer para melhorar. Conversamos sobre nossa vida familiar e diversos tipos de relacionamentos, assistimos filmes para discutir, conversamos sobre futuro, vida profissional, equilíbrio emocional e muitas outras coisas.

Na quinta, as aulas eram de Português e Matemática, mas não de forma tradicional. Nós tínhamos voz ativa, discutíamos sobre várias coisas, éramos livres para questionar e tirar dúvidas. Além disso, todos os professores e funcionários do instituto eram maravilhosos, trabalhavam com muito amor e dedicação para que tivéssemos o melhor. Naquela época

eu só pensava em quanto precisava aproveitar a oportunidade que tive e por isso me dediquei bastante a esse projeto. Uma coisa interessante era o modo de avaliação. Precisávamos nos autoavaliar com o cumprimento das metas proposto para cada módulo do projeto, se tínhamos atingido completamente, parcialmente ou não atingido a meta. Foi a primeira vez que tive contato com uma autoavaliação e melhor ainda, sem precisar de notas.

No fim do projeto teve uma feira de profissões e naquele dia me interessei bastante na área de fisioterapia, tanto que saí de lá dizendo que era isso que queria ser. Lembrando disso hoje, sei exatamente porque isso aconteceu. No segundo ano todas as minhas amigas já tinham decidido que faculdade queriam cursar e eu não fazia ideia. Eu me recusava a querer pedagogia por escutar de outras pessoas o quanto não era valorizado e todas as dificuldades que existiam, isso acabou me condicionando a um afastamento da área de educação. Nessa feira eu tinha na cabeça que precisava encontrar de uma vez por todas algo que me agradasse e foi assim que sem mais nem menos escolhi a fisioterapia.

Terceiro ano, o mais temido, uma mistura de sentimentos e questionamentos sobre o futuro. Ao fim do ano eu passaria de estudante, dedicada, para desempregada sustentada pelos pais, eu não poderia deixar isso acontecer, mas ainda tinha um ano todo pela frente. 2018 foi simplesmente um caos e quando somos adolescentes parece que tudo tem uma intensidade maior. Antes do início das aulas acontecia a seleção para entrada no pré vestibular no mesmo lugar onde acontecia o projeto do segundo ano, o IJCPM. Era a maior chance que eu tinha para conseguir passar no enem, já que meus pais não tinham dinheiro para pagar cursinho. A seleção tinha três etapas, prova de Português e Matemática, redação e por último uma entrevista. Ao final de todo processo consegui minha vaga tão esperada. Minha rotina agora era dividida entre integral o dia todo, pré vestibular até as 22h e revisão para o enem até 00h. Foi exaustivo, foi cansativo, mas tudo valeu a pena no final.

Os professores eram incríveis, a didática deles era muito boa e tudo que não estava aprendendo na escola, pelo cansaço, conseguia aprender com eles. Fazíamos vários simulados com questões do enem e também de redação. Admito que nunca fui boa com escrita e depois que sai do fundamental I, minha relação com o Português não foi das melhores,

mas a professora de português/redação/literatura era tão boa que eu saí de 420 para 860, isso foi motivo de alívio e orgulho de mim mesma por ter superado minhas dificuldades.

Matemática já não era mais minha paixão e no terceiro ano passei a odiá-la. O professor da escola não ensinava muito bem e era muito grosso. Pela primeira vez em toda minha trajetória escolar, tinha tirado nota baixa na minha matéria preferida, fiquei muito triste, mas não consegui aprender de jeito nenhum. Também não tive boas bases em Sociologia e Filosofia. No terceiro ano, não tínhamos livro didático e o professor de Filosofia, que também era o mesmo de Empreendedorismo, História e Direitos humanos, sempre dava aula de uma dessas outras no lugar da filosofia.

No fim do ano, fiz o enem ainda com a intenção de passar para fisioterapia, a diferença agora é que decidi colocar a pedagogia como segunda opção. Com os resultados em janeiro vi que tinha conseguido a vaga de pedagogia e me prometi dar uma chance para o curso, ainda mais sendo na melhor universidade de Pernambuco. Meus pais ficariam muito orgulhosos de mim.

UNIVERSIDADE

Minha entrada na universidade se deu através do SISU, a Lei de nº12.711/2012, que assegura metade das vagas para estudantes vindos de escola pública, foi muito importante para que eu pudesse ingressar na instituição. Entretanto, as cotas não determinam um futuro na universidade, como muitas pessoas acham, pois ingressar não é sinônimo de permanecer e muitos desistem ao longo do caminho por muitos motivos diferentes. Contudo, com muito esforço fui vencendo as dificuldades impostas.

Atualmente encontro-me no ensino superior, cursando pedagogia no 7º período. Em 2019 entrei na faculdade com muitos anseios, tudo seria diferente, ninguém da minha família havia estudado em universidade pública e eu não fazia ideia de como seria. Como todo início de ciclo tive que me adaptar com algumas coisas novas, a exemplo de: não precisar pedir para beber água ou ir no banheiro, assinar ATA ao invés de responder chamada, nenhum coordenador para supervisionar os alunos fora de sala, disciplinas que mudam a cada 6 meses, professores que não usam quadro para anotações, avaliações não convencionais, as nomenclaturas usadas,

pagar cadeira, aula bloqueada, aula geminada, trancar o curso, etc.

O primeiro período foi desafiador, eu me comparava muito com as pessoas da turma, mas não fazia sentido, havia pessoas com graduação, experiência trabalhando na área e havia pessoas como eu, saindo do ensino médio e caindo de paraquedas na UFPE, tendo como base o ensino básico das escolas públicas do estado. Por achar que sabia menos que todo mundo eu permaneci calada na maioria das aulas e sempre tive problemas com apresentação de seminários, já passando por uma crise de ansiedade minutos antes de apresentar o primeiro PPP. A insegurança às vezes controla-me até hoje e mesmo estando quase no fim do curso, ainda sinto que tenho défices em coisas básicas

No período de pandemia, as dificuldades dobraram, de modo geral. Esse foi um acontecimento atípico que pegou todos de surpresa. Para mim, por exemplo, foi indiscutivelmente difícil, durante o início da pandemia minha mãe ficou muito doente e eu precisei cuidar dela, da casa, além de ter que assumir seus alunos do reforço de forma integral, pois era o único sustento que tínhamos na época. Hoje, penso que se a faculdade tivesse iniciado as aulas logo no início do ano, eu não teria conseguido dar continuidade e talvez nem estivesse escrevendo essa autobiografia agora. Dias antes do início do ensino remoto, ela faleceu.

Para além das dificuldades, a universidade me proporcionou uma visão de mundo muito mais ampla, a partir de debates, palestras e aulas vivenciadas. Foi nesse ambiente que me apaixonei pela educação e pude conhecê-la em diversas esferas; nas disciplinas de fundamentos, por exemplo, entendi que a sala de aula seria minha área de atuação.

Esse período está sendo muito importante! A volta ao presencial por mais cansativo que seja, motivou-me novamente a ter uma dedicação maior. Gosto especialmente da diversidade de avaliações que o curso proporciona; elas variam em fichamentos, resenhas, seminários, gravação de vídeos, criação de planos de aula, memoriais e o número de provas que eu fiz até agora, foi muito baixo comparado a quantidade da escola.

CONCLUSÃO

A escrita autobiográfica favorece a compreensão sobre os processos formativos de quem a escreve, ao redigir sobre o passado, diálogo com a

memória que segue suscitando perguntas sobre o presente. A partir dos questionamentos e reflexões realizados aqui, é possível discernir as práticas que são necessárias para um afastamento ou uma aproximação. Muitas memórias foram simplesmente apagadas, já outras repercutem até hoje nas escolhas da minha vida, sobre isso Lima afirma que:

O registro de determinadas memórias, assim como o esquecimento de outras, em nós humanos se apresenta como algo, relativamente, impreciso. Isto implica afirmar que a nossa memória é “seletiva” e nos faz lembrar acontecimentos que, de alguma forma ou por alguma razão, foram significativos e marcaram nossa existência num determinado momento de alguma forma (LE GOFF, 1997; SARAT, 2002 apud LIMA, 2014 p.7).

A partir dessa fala, compreendo a importância das memórias em nossa vida, pois são elas que nos guiam para escolhas futuras. Então fazer um memorial é uma maneira de ter registrado todos esses momentos e usá-los como fonte histórica da nossa própria história quando necessário.

ANEXOS



Formatura do meu pai na EJA (2003)



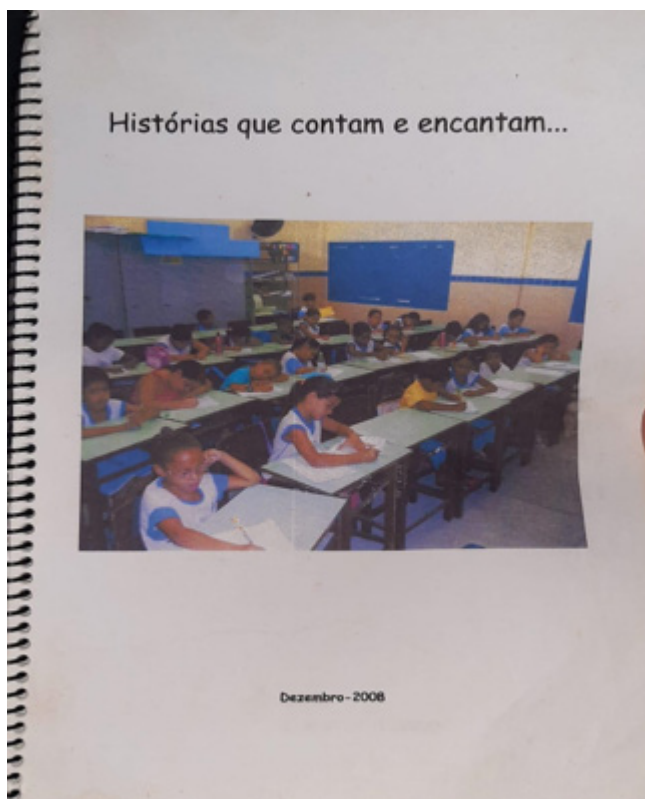
Festa de Natal, educação infantil (2005)



Festa de São João, educação infantil (2005)



Formatura do 5º ano (2011)



Livro de histórias produzido pela minha turma (2008)



Último dia de pré-vestibular (2018)



Dia que descobri que passei em pedagogia (2019)

MINHA TRAJETÓRIA ESCOLAR: VIVÊNCIAS EM UMA ESCOLA CATÓLICA TRADICIONAL

Beatriz Costa Pinto

O ensino tradicional é visto em prática em diversos ambientes de educação formal, sendo ele aquele que um professor bem preparado, muitas vezes visto como o único detentor do conhecimento, leciona para os alunos que estão situados em classes que variam de acordo com o nível de aprendizado desses discentes, e sempre em ordem crescente, pois, o conhecimento tem caráter cumulativo, e, a partir dessa acumulação ao longo dos anos, os estudantes vão adquirindo cada vez mais sabedoria.

De acordo com Mizukami (1981), o indivíduo tem um papel irrelevante na elaboração e aquisição do conhecimento, e cabe a ele memorizar definições, sínteses e resumos que lhe são oferecidos no processo de educação formal. Ou seja, no ensino tradicional, o estudante é visto como uma folha em branco que deve ser preenchida pela escola.

A grande questão é que esse tipo de ensino ao emergir no século XVIII com o iluminismo para universalizar o acesso do indivíduo ao conhecimento, tornou-se intrínseco nas formas de educar das mais diversas sociedades. Nesse sentido, o ensino tradicional é passado de geração em geração sem quase nenhuma adaptação, portanto, sem considerar alunos que teriam potencialidades para aprender coisas novas com um diferente tipo de mediação.

Eu estudei em um colégio tradicional católico durante todos os meus anos escolares, assim como meu pai e meus tios, que sempre estudaram no mesmo lugar que eu. Mesmo tendo frequentado minha escola durante os anos 70, meu pai e eu tivemos muitas similaridades em nosso ambiente

escolar. A começar com a disposição de cadeiras que eram sempre voltadas para o professor, pois este era o detentor do conhecimento e cabia a nós, estudantes, absorver todo o seu ensinamento. Os horários das aulas também não mudaram muito, sendo uma média de seis aulas por dia (no caso variava de acordo com sua classe), cinco dias por semana com trinta minutos de intervalo.

Entrei nesse colégio com três anos e me formei com dezessete, portanto, estive frequentando o mesmo lugar com basicamente as mesmas pessoas durante boa parte da minha vida. Com relação à educação infantil, eu costumo comparar a que eu tive estando em um lugar mais rígido com a dos meus sobrinhos que estudam em uma escola que segue a pedagogia Reggio Emília. Segundo SCHARBELE, SOUSA E ANDRADE (2018), a teoria Reggio Emília traz uma educação voltada para as vivências e questionamentos das crianças baseada em um modelo de cooperação. O conhecimento, por sua vez, é construído por meio de atividades dinâmicas e experimentações livres. A partir disso, consigo analisar que meus sobrinhos por terem a criatividade mais estimulada durante a infância, poderão ter algumas facilidades ao pensar “fora da caixa”, algo que eu não consegui desenvolver muito bem pelo método adotado em minha escola.

Enquanto vejo eles tendo liberdade para andar com alunos mais velhos e mais novos, durante meus anos escolares sempre fui limitada a passar os trinta minutos de intervalo em um parquinho fechado apenas com as outras crianças da minha idade; não podia andar livremente pela escola pois o ambiente era o mesmo para todas as idades e as professoras não nos deixavam ficar muito tempo perto dos alunos mais velhos que não fossem nossos familiares. Além disso, os familiares têm muito mais liberdade para visitar a escola dos meus sobrinhos. Alguns podem passar o dia lendo histórias e criando brincadeiras para as crianças, enquanto, no meu tempo, era proibido os pais ficarem com seus filhos durante o horário de aula. A questão do fardamento também é importante ser citada! Na minha educação infantil nossas fardas eram baseadas em uma camisa igual (para todas as idades, desde os pequenos até os mais velhos) e um short que ia variando de cor de acordo com a classe. Só quando chegávamos no ensino fundamental usávamos exatamente a mesma farda com a mesma cor de short. Na escola onde minha sobrinha as crianças têm a liberdade para usar o que querem, mas é preferível que as roupas

sejam mais confortáveis para as crianças poderem brincar.

Sobre a questão das aulas é possível ver uma enorme diferença, a começar sobre como era disposta a sala de aula. Enquanto na minha escola eram mesinhas com quatro cadeiras e era a professora escolhia quem ia dividir a mesa, na escola dos meus sobrinhos eles têm estações com diferentes tipos de atividades dispostas pela sala de aula, e cabe a eles escolher quais vão explorar. Além disso, enquanto eles tinham um dia de brincar com argila, de ter contato com a natureza, com água, ou tinta, conhecendo texturas e elementos que são cuidadosamente preparados para que eles possam manusear livremente sem ter perigo de se machucarem, na minha escola as aulas eram quase todas exclusivamente dentro da sala de aula e elaboradas com elementos que as professoras levavam de acordo com as normas escolares. As canções e brincadeiras muitas vezes, eram sobre assuntos bíblicos, lembrando que eu estudei em um colégio católico onde seguíamos a ordem beneditina.

Diferente da escola dos meus sobrinhos, já usávamos livro didático durante a educação infantil; tínhamos algumas atividades envolvendo colagem, desenhos e recortes que as professoras pediam para nós fazermos em um dia e levarmos no outro; tínhamos, também, uma agenda pessoal onde elas escreviam bilhetes para nossos pais se fôssemos “malcriados” no dia; além disso, havia um quadro com estrelas, em que ações como ajudar a professora, não atrapalhar a aula, ficar sentado na sua mesinha, não discutir com o colega, levar o lanche saudável no dia e levar a tarefa que foi pedida no dia anterior eram recompensadas com estrelas, as quais ficavam ao lado do nome. Essas estrelas não valiam nada, mas mesmo assim, se uma criança ganha muitas estrelas e a outra nem tantas, poderia ficar se sentindo mal com a falta de reconhecimento.

Outra diferença que eu lembro é sobre a relação entre aluno e professor. Enquanto eu chamava tanto as pedagogas quanto as outras mulheres que estavam lá para auxiliar no cuidado das crianças (seja para ajudar a dar o lanche ou para trocar uma fralda) de “tia”, e com isso, vinha uma relação quase parental com essas mulheres, meus sobrinhos chamam os educadores pelo primeiro nome ou apelido. Mesmo que a grande maioria dos professores que ensinam no colégio dos meus sobrinhos sejam mulheres, eles não desenvolveram aquela relação quase maternal que era comum em meu tempo. Ademais, figuras masculinas, tanto de alguns

pais que tiram parte de seus dias para brincar com as crianças, quanto de alguns pedagogos que trabalham lá.

Entrei no ensino fundamental alguns anos antes de tirarem o termo “alfabetização”, portanto eu cursei essa série primeiro aprendíamos cada uma das letras do alfabeto, depois de estarmos familiarizados com elas as transformávamos em sílabas e em palavras, algumas vezes fazíamos desenhos com as palavras que formávamos. Os anos iniciais do ensino fundamental eram muito parecidos com a educação infantil, Ainda tínhamos o quadro em que alguns alunos ganhavam estrelas e outros não, a única coisa que mudou era que tínhamos ainda mais responsabilidades por já estarmos mais velhos, e nas sextas feiras podíamos levar algum brinquedo de casa, mesmo que nosso tempo de brincar fosse apenas durante os trinta minutos de intervalo. Ademais, começamos a nos sentar em fileiras sempre voltadas para os professores, já que eles eram os maiores detentores de conhecimento e nós, como alunos, não tínhamos que fazer nada a não ser absorver todo conteúdo que eles nos forneciam

Nos anos depois da alfabetização, primeira série em diante, começamos a ter avaliações em formato de provas com questões subjetivas para podermos tanto exercitar a escrita quanto desenvolvermos uma linha de raciocínio sobre as perguntas feitas. As professoras sempre explicavam todas as questões e tiravam dúvidas antes do início da prova. As notas do boletim no final do ano, seguiam o mesmo critério para todas as idades: quem tivesse uma média maior ou igual a sete passava de ano, quem não obtivesse o resultado esperado ia para recuperação fazer uma prova da matéria que não conseguiu a nota; se, depois disso, não passássemos, iríamos para a recuperação final como última tentativa para passar de ano. Entretanto, se ainda assim, não atingíssemos a nota, nós reprovávamos.

Uma característica sobre meu ensino fundamental eram as feiras de conhecimento, que eram chamadas de “EXPOBENET”. Nos anos iniciais do ensino fundamental, as professoras escolhiam e executavam tudo, mas nos anos finais, nós tínhamos a liberdade de escolher o tema, como seria desenvolvido, nossas falas, a apresentação, todos os aspectos, desde de que fosse coerente com o tema da campanha da fraternidade do ano em questão. O colégio alugava stands e os colocava na quadra interna, assim, no dia das apresentações as pessoas que fossem ver as apresentações dos seus filhos poderiam ver a dos outros alunos. Para os anos iniciais, a

EXPOBENET era mais exclusiva, só os familiares dos alunos podiam ver e era dentro da nossa sala de aula, assim, nós também não podíamos visitar as apresentações dos outros. Até hoje, não entendo o motivo pelo qual o colégio tinha tanto medo de misturar os alunos durante os anos iniciais do fundamental e da educação infantil.

Quando eu entrei nos anos finais do ensino fundamental tiraram o termo “alfabetização” da escola, e, por isso fui da 4ª série para o 6º ano, e logo percebi diversas mudanças: tive a presença de professores homens (principalmente na área de exatas); os professores pediram para nós não os chamarmos de “tio” e “tia”; começamos a usar calça jeans ao invés de shorts folgados, e etc. Assim que entramos no 6º ano, os nossos docentes falavam sobre os assuntos que iríamos aprender no ensino médio e sobre como deveríamos absorver 100% do conteúdo passado para estarmos preparados na hora de fazer o vestibular, como se esta prova fosse a coisa mais importante que nós fôssemos fazer na vida. Todo ano, fazíamos excursões com o colégio para diferentes lugares do Nordeste. No 6º ano, fomos para Paraíba; no 7º ano, fomos para o interior de Pernambuco em Bezerros; no 8º ano, para o Vale do Catimbau; e no 9º ano, para o Rio Grande do Norte. Íamos com nossos professores e sempre tínhamos um itinerário feito para fazer da viagem uma aula de campo. Quando voltávamos para casa nos dividíamos em grupo e precisávamos apresentar um trabalho sobre algum tema levantado que foi importante para nós, ou sobre o que mais havíamos gostado de aprender nessas excursões.

O ensino médio é a fase da minha trajetória escolar que eu mais lembro. Assim sendo, o meu 2018, o ano em que me formei, foi todo voltado para os vestibulares e para escolher qual curso eu iria fazer. Era comum os professores dizerem que tudo o que tínhamos estudado ao longo de nossas vidas era com o único propósito de passar no ENEM. Todos falavam que nossos pais pagavam tão caro no colégio nossa entrarmos em uma universidade pública. Todavia, para mim, essa realidade era muito distante, visto que eu não me considerava uma aluna, não entendia o sentido de estudar matérias como física e química se eu gostava mais de história e filosofia, por isso, durante os dois primeiros anos do EM eu não era exemplar, sempre ia para recuperação em todas as matérias que não fossem de humanas e eu só estudava na hora de fazer a prova final, agora eu vejo que todas as matérias são importantes e que elas nos dão diferentes

conhecimentos, mas dois anos eu só queria saber de estudar o que eu gostava.

Uma coisa que me impedia de estudar algumas coisas eram os professores, eu acredito que é errado ter uma relação “parental” com os educadores, mas eu me sentia mais encorajada e acolhida se eu tivesse no mínimo uma relação de respeito com eles. Eu me considero amiga de boa parte dos professores que eu estudei durante o ensino médio, quando visito meu colégio eu gosto de sentar com eles para conversar sobre a vida e sobre as minhas impressões acerca do curso e da faculdade, já que alguns deles também estudaram na UFPE. Contudo, com os professores que passavam o tempo todo me desestimulando, e me diminuindo não quero ter contato diziam que os alunos da minha turma eram “piores que uma porta pois uma porta tem mais função e capacidades que vocês”. Hoje consigo ver o quanto eles me colocaram pra baixo, alguns professores olharam em meus olhos e disseram que eu nunca seria nada na vida pois eu era muito “burra” para isso, outros disseram que eu só entraria na faculdade se pagasse por isso. Por isso dou muito valor a uma relação de respeito entre professor e aluno. E foi com o intuito de estimular meus alunos e mostrar que eles podem ter o que quiserem ao se esforçarem eu escolhi pedagogia.

Todavia, os professores do meu ensino médio não foram todos maus. Enquanto alguns diziam que eu nunca seria nada, outros sempre acreditaram em mim; chamavam-me pelo apelido; e sabiam o quanto nós, alunos, nos esforçávamos fora da escola estudando para uma prova que simplesmente decidiria o resto das nossas vidas (era essa a visão que eu tinha, hoje eu vejo que é exagerada). São esses professores que eu me orgulho por fazerem parte da minha história, e lembro de cada um deles e os guardo no meu coração.

Durante o terceiro ano do EM eu ia para um cursinho pré-vestibular todos os dias depois da escola (esse era outro motivo do porque eu não me importava muito com o colégio). No cursinho os professores davam os conteúdos em uma ordem diferente da escola e eu me sentia mais à vontade para tirar dúvidas e conversar com os professores do colégio, poisas turmas eram reduzidas e eu fazia monitoria, assim, ficava a sós com o professor e ele poderia me dar devida atenção.

A parte mais difícil do EM foi escolher o curso que eu colocaria no

dia do SISU. Eu nunca entendi como a sociedade espera que uma pessoa com dezessete anos que passou a vida toda em uma escola que não ajudava a abrir seus horizontes e conhecer novos caminhos possa escolher a profissão que ela vai exercer pelo resto de sua vida. Durante os três anos do EM eu troquei muitas vezes de curso. Pensei em fazer terapia ocupacional, história, publicidade e propaganda, administração. Pesquisei sobre quase todos os cursos que eram ofertados na UFPE pois sempre soube que queria ir para uma Federal, tanto pelo renome quanto por ser gratuita. Portanto eu vivia fazendo testes vocacionais,

Quando passei um tempo em Salvador visitando minha irmã e tive contato com a escola que meus sobrinhos frequentavam eu vi o quanto ela era diferente de tudo o que eu já tinha vivido, comecei a falar com a diretora da escola que havia se formado em pedagogia na UFBA sobre as filosofias da escola e sobre o que ela queria passar tanto para seus alunos quanto para os pais. A partir daí, foi despertado, em mim, um interesse acerca do assunto conversado. Quando voltei para Olinda eu não conseguia parar de pensar sobre o quanto eu tinha aprendido vendo aquelas crianças se respeitando, e aprendendo em um ambiente que não as prendia, mas as estimulava a crescer. Juntei isso com o sentimento ruim que tive com alguns professores e eu percebi que eu realmente me importava com a área da educação. Depois de pesquisar assuntos mais técnicos como a nota de corte de pedagogia na UFPE, sobre o piso salarial de profissionais da pedagogia; e quais eram as iversas áreas de atuação existentes para esse ramo eu finalmente falei pros meus pais que depois de muito tempo havia decidido qual curso eu iria fazer.

Meus pais ainda não entendem muito, principalmente minha mãe. Os dois são formados em direito e queriam que eu fosse para essa área, ou algum curso como administração, psicologia, medicina ou engenharia, pois segundo eles, são cursos que podem me dar uma melhor qualidade de vida. Um dia antes de sair o resultado do SISU, minha mãe me disse que eu estava desperdiçando minha nota ao ir para um curso que não “valia a pena”, eu creio que só me aceitaram na pedagogia porque eu passei em uma Federal, tenho quase certeza de que se eu não passasse e tivesse que tentar outro ano, minha mãe não aprovaria e pediria que eu repensasse. Meus pais sempre deixaram minhas opções muito abertas e respeitaram todo o meu caminho até eu chegar onde estou, e hoje quando eu falo sobre o

quanto estou amando o curso eles entendem o motivo de eu ter escolhido a pedagogia.

Ao entrar na pedagogia conheci diversas teorias que falam sobre diferentes tipos de educação e o papel do professor e do aluno nelas, e identifiquei-me com a construtivista, que segundo FREITAG (1993) o ser humano teria um potencial cognitivo de pensar o mundo, reconstruir pensamentos, conceitos e assimilar as coisas de acordo com seus conhecimentos prévios, eu realmente acredito que o professor não é o único detentor do conhecimento, e sim, que deveria exercer um papel de mediador ajudando o aluno a construir o conhecimento, p todos tanto na comunidade escolar quanto na vida fora da escola, trazem consigo saberes diversos.

Na minha crítica à escola tradicional eu sempre ressalto os pontos negativos pois hoje não entendo como os professores conseguem manter concepções de ensino que não estejam atentas às particularidades de cada criança. Entretanto, tenho noção que se eu não tivesse passado pela formação que estou tendo, também manteria a mesma visão distorcida do ensino. Assim sendo, tenho orgulho de mim, por ter conquistado tal formação e por me permitir ser formada.

O SUJEITO EMERGENTE DE UMA CLASSE PERIGOSA “(R)EXISTE”

Denilson Luiz da Silva Lisboa

INTRODUÇÃO

À caminho de casa após uma aula sobre profissões que tive no primeiro ano do ensino fundamental, minha prima perguntou qual profissão eu desejava seguir, fiquei pensando a respeito, e disse que não sabia. Em casa, minha tia cuidava do jardim. De pronto, almocei muito rápido e fui cuidar das plantas também. Naquele momento, sem pensar duas vezes, respondi: eu quero ser jardineiro. Todos começaram a rir e disparar comentários desmerecendo a profissão por causa da questão financeira, que eu não conseguiria me manter sendo jardineiro. Algum tempo depois eu não queria mais ser jardineiro, pois não era uma possibilidade para crianças como eu, bem como, ser jardineiro não daria as condições mínimas para a sobrevivência da minha família.

Trouxe esta situação visando demonstrar a possibilidade que eu tive de sonhar e de escolher uma área de formação, ainda que induzido a pensar em moldes de um sistema que historicamente violenta e segrega em espaços subalternos corpos como o meu, preto, pobre e da periferia.

Para Boas (2008), a biografia é a seleção, descrição e análise de momentos vivenciados ao longo da nossa trajetória individual que, delimitados em enfoques e metodologias, permitem um melhor entendimento das memórias pessoais (autobiografias e testemunhos), dos romances históricos, da literatura escolar e das biografias propriamente ditas (BOAS, 2008). Em consonância a isso, a biografia a seguir visa

compreender a minha formação escolar e os fatores extracurriculares que me compuseram durante o percurso, como também, sobretudo, retratar a importância das mulheres na minha formação escolar e cidadã.

Dito isso, o presente memorial abordará os períodos em que passei na educação primária, no ensino fundamental, no ensino médio e no ensino superior. Tais momentos datados de 2003 até o presente momento (2022).

REMEMORANDO UM SUJEITO DE SORTE? A SEMENTE.

Minha mãe trabalhava como faxineira desde a pré-adolescência na casa de uma família nobre do Recife, devido a isso não conseguiu concluir sua educação básica na idade ideal, pois precisava trabalhar para ter como manter a família. O meu pai não tinha um emprego fixo, a renda posta em casa provinha de trabalhos temporários, como pedreiro, faxineiro, cozinheiro, ele fazia de tudo e, assim como a minha mãe, não tinha completado a educação básica. Minha irmã que é um ano mais velha que eu já frequentava a escola, a mesma que posteriormente eu iria frequentar. Em 2003, aos três anos, iniciei minha vida escolar na educação primária.

A escola se localizava próximo a minha casa, era gerenciada por uma professora que possuía magistério e por sua filha. As aulas aconteciam em uma extensão da residência da professora. Apesar de ser um ambiente pequeno, a instituição era bem equipada com materiais pedagógicos, o que surpreende quando consideramos a mensalidade simbólica que era cobrada. A educadora possuía bastante envolvimento com a comunidade, principalmente com a associação de moradores, o que a fez ser bastante reconhecida no município.

As didáticas utilizadas eram bastantes tecnicistas, a base do aprendizado ocorria através da repetição e decoração dos conteúdos. Mesmo havendo um esforço para trabalhar a partir da vivência dos educandos, as práticas não abarcavam os conhecimentos formais “com” os educandos, mas “para” eles. Até o último ano do fundamental sempre fui uma criança bastante curiosa. Ainda no primário, fazia bastante perguntas, perguntas essas que não eram consideradas porque não estavam no livro didático ou não se alinhavam com os saberes da professora. O que diverge do pensamento freiriano, no qual é fundamental que tanto a postura do

aluno quanto a do professor sejam dialógicas, curiosa, aberta, indagadora, e não submetidas uma à outra. O importante é que ambos sejam curiosos (FREIRE, 2005).

Em 2005 fui matriculado no primeiro ano do ensino fundamental na rede municipal de ensino sem ter concluído a terceira parte da pré-escola, pois a instituição não oferecia e a rede municipal também não. Com isso, no final do mesmo ano, a direção da escola sugere à minha mãe que eu refaça o primeiro ano do fundamental, considerando que não finalizei a pré-escola, e que isso poderia me prejudicar no futuro. Isso, também por consequência da mudança na Lei n.º 11.274, de 6 de fevereiro de 2006, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), ampliando o Ensino Fundamental para nove anos de duração, e possibilita a matrícula de crianças de seis anos. Para a implantação dessa lei, foi estabelecido prazo que durou até 2010.

Ainda em 2005 minha mãe descobre estar grávida da minha irmã mais nova, então ela se afasta do trabalho. O meu pai estava empregado em uma fábrica de chocolates, até então a situação era de estabilidade. Todavia, no início de 2006 a fábrica faliu e a situação em casa ficou complicada, a ponto de sairmos da casa alugada e irmos morar na minha atual casa, que ainda estava em construção. Apesar de ser uma criança de seis anos, sempre fui consciente das limitações que eu tinha, principalmente quando comparado aos meus colegas de classe. Entendia o porquê dos meus pais não conseguirem comparecer a todos os eventos da escola e do porquê não me deixavam no portão cedinho, como os pais das demais crianças. Mas até então isso não tinha se tornado um problema para mim, pois tínhamos uma rede de apoio enorme, principalmente da minha avó, o pilar da família.

Na escola, nunca causei problemas graves, pois ainda que possuisse um entendimento infantil da minha vivência, sabia que não deveria pôr mais obstáculos em casa. Fui um aluno bastante criativo e inteligente, também tive uma boa professora no primeiro ano do fundamental. Lembro que sempre recebia parabéns pelas atividades que desenvolvia em casa e na escola, a professora valorizava nossas potencialidades e trabalhava com cuidado os nossos erros, os quais não eram postos como erros, mas como tentativas que fazem parte do processo de ensino-aprendizagem. Ela demonstrava ser bastante atenciosa e cuidadosa no que construía em sala de aula. Mandava bilhetes perguntando como estava a situação em casa

e sempre perguntava se eu encontrava alguma dificuldade para fazer as atividades.

De acordo com Freire (2005), as práticas educativas envolvem alegria, afetividade, faculdades científicas, domínio técnico a serviço da mudança ou, infelizmente, da permanência do hoje. Já que, quanto mais rigoroso um educador se torna na sua busca, mais alegre e esperançoso ele também fica. O que rompe com o estereótipo de que alegria e seriedade são inimigas, como se o docente apenas pudesse ser sério ou alegre nas suas práticas. Entretanto, o que a professora do primeiro ano do fundamental tinha de progressista, a do segundo tinha de conservadora.

A professora do segundo ano do ensino fundamental que me acompanhou em quase todas as disciplinas até o quarto ano, lecionava pautada na educação bancária, que, segundo Freire (2005), se constitui como práticas educativas que desconsideram os saberes dos educandos, estando o professor impondo aos educandos conhecimentos que ele já adquiriu, desta forma, ele apenas deposita tais instruções nos educandos. Ou seja, o professor atua como detentor do conhecimento e as crianças como sujeitos passivos de sua aprendizagem.

No primeiro ano do fundamental, eu possuía muita facilidade nas disciplinas de português e matemática, contudo, quando ingressei no segundo ano essas disciplinas passaram a ser as que obtive piores desempenhos, pois o modo opressor de ensino não me fazia aprender. A professora trabalha os saberes escritos e numéricos exigindo que o conteúdo fosse decorado, e eu nunca fui bom em decorar os conteúdos. O ensino era pautado em escrever quantidades exorbitantes de números e palavras, em ditados que não exigiam a reflexão e chamadas orais para responder às tabuadas. Inúmeras vezes, não saí para o intervalo ou voltei com atividade para casa como forma de castigo por não responder às perguntas orais de escrita alfabética e numérica.

No ambiente familiar, meus pais não entendiam o porquê do meu desempenho ter decaído a ponto de receberem anotações no meu caderno que diziam que eu não me esforçava, não tinha interesse e que precisava estudar mais, isso em quase todas aulas de português e matemática. A não compreensão das minhas dificuldades, atrelado com a falta de conhecimento para entender as práxis da professora, fizeram-me ser punido com castigos e agressões físicas e verbais, em sua maioria, por

parte do meu pai. Nesse sentido, ainda sem trabalho, ele se encontrava em casa e tinha tempo sobrando para averiguar os cadernos. A minha mãe voltou a trabalhar em outra casa como diarista, pois a que ela estava antes não a aceitou novamente, alegando que o período de resguardo foi muito longo, e a família já tinha se adaptado com a moça nova.

Juntamente a isso, meu tio passava por um problema com a polícia que causou muito medo e dor na família. Ele teve que fugir abandonando os filhos, esposa e as pessoas que conhecia, pois a polícia estava ameaçando não prender, mas matá-lo. Em uma determinada noite eu estava queimando em febre, e nessa noite minha casa foi invadida por policiais, arrastaram o meu pai para fora e começaram a agredi-lo. Nós éramos constantemente vigiados, a ponto de me pararem para fazer perguntas enquanto estava a caminho da escola.

A partir desse momento, a minha vida e a das minhas irmãs começaram a ser repletas de repressões, não podíamos mais jogar futebol na rua, ir sozinhos para o campinho, brincar com as crianças da rua de cima, tudo se delimitou muito ao nosso quintal. As imposições que antes encontrava com mais frequência na escola, agora estavam bem mais evidentes dentro de casa. Porém, nem tudo foi perda. Quando meu pai encontrou um emprego que o fazia ficar fora de casa o dia todo, fugíamos com nossa prima, quase sempre, para o campinho. E foram nessas fugas que comecei a ter o entendimento de quem eu era e do que eu teria que prescindir. Nesses espaços, eu realmente me sentia pertencente, pois mas também compreendia que era um risco estar nesses locais e sentir-se assim.

Voltando à escola, no início do quarto ano do ensino fundamental não restava muito do Denilson criativo, engajado e inteligente (a visão que eu tinha de mim na época), tais espaços foram ocupados por insuficiência, medo e solidão. Visto que, após viver a partir de todas essas opressões, esse também foi o período que o alicerce da família caiu: minha avó faleceu. A pessoa a quem eu recorria quando iria ser castigado, quando precisa falar sem receber expectativas pré-estabelecidas que pretendiam me impor um futuro de sobrevivência, que me olhava sem julgamentos e cheia de mimos para dar, não estaria mais ali por mim. Infelizmente não tive coragem de ir ao velório me despedir, e talvez esse último momento fosse necessário, pois ainda sinto sua ausência.

Em decorrência disso, minhas notas despencaram, as dificuldades

que eu tinha aumentaram e eu não tinha mais forças para manter a *persona* que os outros esperavam que eu fosse. Nessa fase encontrava-me em negação sobre a minha cor, minha sexualidade e minhas identidades. Assim, mesmo com a existência da Lei 10639/03 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação que inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da presença da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, que mais tarde foi alterada pela Lei 11.645/08, a qual incluía a cultura indígena, eu não me sentia contemplado, pelo contrário, me sentia reprimido, violentado e sem espaço para expressar a minha presença, a minha negritude. Eu queria ser branco, ter o cabelo liso, o nariz fino, fazer parte de uma história grandiosa e monárquica.

Mas não, segundo a professora minha identidade vinha do primitivo, da ausência de produções intelectuais, de um esvaziamento cultural e de raízes improdutivas. Nos tornamos alguém após a grande salvadora assinar a Lei Áurea, a Princesa Isabel em seu grande ato benevolente nos libertou e nos fez ser alguém na vida, na vida dos brancos. A história afro-brasileira e africana que recebi na educação básica não preenchiam os espaços de ausência que eu tinha, alargavam eles.

No final de 2009, quase terminando o quarto ano, após uma sequência de ataques racistas que duraram dias e foram ignorados pela professora, eu fui gravemente atacado com xingamentos racistas e violência física, por duas horas eu fui xingado de modo pejorativo de preto, macaco, cabelo de bombril, dentre outros adjetivos que tinham a intenção de humilhar. Além disso, recebi tapas na cabeça, chutes nos pés e fui alvejado por várias bolas de papel; todos riam e a professora apenas ignorava o ocorrido. Em prantos, pedia para que cessassem, mas não conseguia revidar porque, no fundo, acreditava no que eles falavam, afinal de contas eu não queria ser preto.

De acordo com Fanon (2008), esse sentimento não era de inferioridade, mas de inexistência. “O pecado é preto, como a virtude é branca. Todos estes brancos reunidos, revólver nas mãos, não podem estar errados. Eu sou culpado. Não sei de quê, mas sinto que sou um miserável” (FANON, 2008, pág. 125).

EM MEIO A ESPINHOS: UM FRUTO

No quinto ano do ensino fundamental ainda me encontrava com muita dificuldade de aprender, as práticas de repetição e cópias de textos enormes dos livros didáticos não eram atrativos para mim. As violências raciais agora eram constantes, como também ataques a minha sexualidade, uma questão que optei ignorar, mas que no ensino fundamental II fez-se constantemente presente.

Apesar da grande maioria dos professores terem um ensino engessado nos moldes tradicionais, o professor de geografia era uma exceção. As aulas dele sempre eram repletas de novidades que fazer parte do nosso cotidiano, como, por exemplo, uma aula de relevo onde ele trouxe imagens de alguns bairros do município para que pudéssemos ter uma melhor compreensão e aproximação dos conceitos; em outra aula ele nos mostra o mapa de Pernambuco e nos explica a diversidade cultural do Estado e as particularidades de cada região. Consoante à Gohn (2010), quando ela afirma que o poder local da sociedade e suas possibilidades emancipatórias e civilizatórias devem ser sistematizados e agregados nas instituições, de maneira que os objetivos respeitem as culturas e diferenças locais, criando laços de pertencimento e identidade sociocultural e política.

A partir dessas aulas comecei a ter interesse por questões culturais e toda a diversidade presente no meu cotidiano. Provocado pela diversidade que me deparei, comecei a frequentar a biblioteca e pegar livros para ler, mesmo que sem orientação ou vieses de conteúdo para a leitura. E foi através da rotina da leitura que percebi um melhor desempenho na realização de atividades que exigiam interpretação e produção de texto. Consegui passar com médias suficientes que não me fizeram ir para a recuperação.

Durante o período do meu sexto ano, no âmbito familiar, ainda nos encontrávamos em um solo instável. Meu pai desenvolveu o vício pelo álcool e surgia constantemente embriagado em casa, o que gerava algumas discussões acaloradas e assustadoras. Meu perfil na época era de uma criança passiva a tudo o que era imposto. Eu não tinha coragem para me opor às violências que presenciava e vivenciava, ao contrário das minhas irmãs, tias e primas. Nesse mesmo período, meu pai se torna evangélico e obriga toda a família a se tornar também, eu, minhas irmãs e minha mãe frequentávamos a igreja católica do bairro. Deixamos de frequentar e passamos a ir para a igreja evangélica.

Porém, eu não conseguia manter o personagem de um garoto

estudioso, “culto”, íntegro, hétero e evangélico em todos os espaços que me apresentava, o que me fez perder o interesse na escola. Consequentemente, quase reprovei. Passei em progressão parcial em três matérias: português, matemática e geografia (o professor de geografia do quinto ano não permaneceu na minha turma no ano seguinte). A Lei n.º 9.394 /96 (de Diretrizes e Bases da Educação) permite aos estabelecimentos de ensino a adoção do sistema de progressão parcial, possibilitando que o aluno reprovado em algum componente curricular possa avançar de série, cursando no próximo ano o componente curricular que não conseguiu aprovação.

No sétimo ano continuo com as mesmas dificuldades de aprendizagem e com os mesmos professores do sexto ano, o que não me ajudou muito. Todavia, consegui me enturmar com a classe e fazer amigas, que foram a minha rede de apoio até o final do oitavo ano. Consegui, também, manter uma certa estabilidade durante o sétimo ano, mas ainda com muita dificuldade de absorver o que era exposto em sala de aula. Por fim, faço as provas da progressão parcial e fico devendo apenas matemática para o oitavo ano.

Em 2013, no oitavo ano do ensino fundamental, fui um educando de professores maravilhosos. Voltei a ter aula com o professor de geografia que nos instigou a pensar criticamente sobre o meio em que vivíamos. Também tive um professor de matemática substituto que nos instigava a pensar para além das fórmulas; éramos desafiados a pensar de maneira crítica em como os números, formas geográficas, pesos e medidas se portavam no nosso cotidiano. Inclusive, uma situação decisiva que me fez ter consciência do futuro que eu queria, aconteceu na aula dele.

Em uma de suas aulas semanais ele não estava tendo um dia bom, a turma também se encontrava bastante agitada e dispersa, então ele faz uma fala sobre ir embora nos próximos dias e disse que se a turma continuar com esse comportamento, dificilmente irá conseguir entender a didática do próximo professor. Por algum motivo, quando ele se virou, eu acenei com a mão dando “tchau”. Não sei dizer o porquê, talvez por não gostar do tom dele, por aceitação e reconhecimento da turma, não sei explicar o motivo, mas me arrependi imediatamente. Ele virou repentinamente e viu o meu gesto. De imediato pediu para que eu o esperasse na biblioteca. Eu não fui à biblioteca, mas imagino o que ele queria me dizer. Essa foi

a última aula dele, e ainda que não tenha escutado o que ele queria me dizer, desse momento em diante, passei a levar o meu ensino com mais responsabilidade e a respeitar a figura dos professores.

Outra professora incrível que tive foi a de história. Pela primeira vez em 10 anos de ensino básico conheci uma professora preta e consciente de como o racismo está instaurado na nossa sociedade. Através de suas falas elucidativas no que desrespeito às questões raciais, pude entender-me como um sujeito histórico repleto de luta, riqueza, amor, resistência e identidade.

Segundo Munanga (2009), ao tomarmos consciência do que foi imposto à comunidade negra, a condição histórica de todos os que foram vítimas da inferiorização e negação da humanidade pelo mundo ocidental, as vítimas se acolhem com uma solidariedade que só quem sente o racismo é capaz de acolher. Tal solidariedade e fraternidade, ainda de acordo com Munanga, fez-me sair de uma condição passiva e me colocou em uma condição de combate perante as opressões que estavam presentes no meu cotidiano, pois se tratava da minha existência.

Nesse sentido, considerando o que foi supracitado, os meus educadores do oitavo ano, na visão de Freire (2005), foram bons professores. Tendo a compreensão que, o bom professor é aquele que consegue atrair os alunos através da exposição dos seus pensamentos. O professor que consegue esse feito possui uma aula desafiadora, não sonolenta. Freire (2005) ainda ressalta que é fundamental respeitar a autonomia, a dignidade e a identidade dos seus educandos, e, que para manter esse respeito como algo produtivo e construtivo, é necessário que o educador pense em práticas educativas na qual esse respeito será assegurado, não negado. Tais práticas demandam a existência de sujeitos que considerem o fato de que se aprende ensinando e ensina-se aprendendo.

Concluindo o ensino fundamental II, levo comigo o entendimento que Frantz Fanon (2008) explicita sobre ter a consciência do que é ser negro:

A dialética que introduz a necessidade de um ponto de apoio para a minha liberdade expulsa-me de mim próprio. Ela rompe minha posição irrefletida. Sempre em termos de consciência, a consciência negra é imanente a si própria. Não sou uma potencialidade de algo, sou plenamente o que sou. Não tenho de recorrer ao universal. No meu peito nenhuma probabilidade tem lugar. Minha consciência negra não se

O SUJEITO EMERGENTE DE UMA CLASSE PERIGOSA “(R)EXISTE”

Em 2014 ingressei na escola de referência da minha região para cursar o ensino médio. Cruzava a cidade andando para estar lá às sete e meia, voltando para casa apenas às cinco horas da tarde, porém, posteriormente, com o meu ingresso no curso de espanhol do “Programa Ganhe o Mundo”, passei a voltar para casa às sete e meia da noite. Ao contrário da escola anterior, nesta instituição eu me sentia participativo no que tange a cultura organizacional do ambiente escolar, pois também fazia parte do protagonismo juvenil, um projeto que estimulava a construção do protagonismo e autonomia nos jovens, além de nos envolver em alguns processos de tomada de decisões e intervenções na escola.

Minha adaptação com a nova rotina e com a minha turma não foi tranquila, pois, mesmo tendo professores que buscavam inovar e desenvolver saberes a partir dos nossos conhecimentos, ainda havia muitos professores com enfoque na forma tradicional de ensino, nada tão diferente da escola anterior. E com a minha turma, aconteceram inúmeros eventos que fizeram nossa sala ser uma classe indesejada pelos professores e pela escola, o que gerou vários atritos internos entre os educandos. Entretanto, tivemos uma professora que não nos entendia desta maneira. A professora de espanhol, a grande responsável por eu estar cursando pedagogia, tinha como prática pedagógica desenvolver atividades com elementos culturais que faziam parte do nosso cotidiano, o que realmente funcionava, pois eram as aulas quemais prestávamos atenção.

Em uma determinada aula ela interrompe o que estava fazendo e aborda a questão do nosso comportamento nas demais disciplinas, e em um tom bastante sério, porém afetivo, a educadora faz um discurso mostrando as potencialidades que tínhamos e foram ofuscadas pela enxurrada de críticas e descrença que recebemos. A sala toda ficou emotiva. Daquele momento em diante assumimos uma postura de seriedade, todavia sem perder a nossa essência.

Essa conversa mudou não somente o comportamento da turma, passei a questionar o tratamento que recebia e como eu me entendia.

Quando passei a compreender o racismo, busquei entender como ele me afetava para além dos conceitos que li durante minhas pesquisas, aos poucos, ainda de forma muito rasa e insegura, fui desconstruindo os sentimentos autodepreciativos de descrença, incapacidade e culpa.

Atualmente, ao pensar sobre os alunos brancos e não brancos das minhas turmas, reflito criticamente acerca das inquietações que eram bastantes latentes na época: por que nossas condições enquanto cidadãos eram tão distintas? Por que os alunos brancos em sua maioria possuíam condições para pagar um transporte até a escola, enquanto a grande maioria dos negros andavam trajetos enormes para ter acesso à escola? E por que as condições das nossas famílias sequer chegavam perto das deles?

Boas (2007) defende que nossos corpos e consciência independente das nossas intenções reagem como um mecanismo de autodefesa aos processos que nos violentam:

o sujeito - quer sua raiz floresça, quer não - também luta, de alguma forma, contra seu meio, a fim de superá-lo. Uma opção de aperfeiçoamento seria descobrir como o personagem adquiriu consciência de si próprio, como ele/ela se moveu para se transformar no que sempre foi (ou no que de repente quis ser), desfocando um pouco (um pouco) as condições exteriores que o envolveram. (BOAS, 2007, pág. 83)

E através dessas estratégias de combate, uma hora compreendemos as violências que nos cerceiam e como elas nos afetam. Historicamente corpos negros são segregados para a margem da sociedade, direitos como saúde, educação e cidadania para a comunidade afro-brasileira são recentes, desconstruir uma sociedade com bases estruturais escravagista e colonial irá demandar bastante tempo e luta. Corpos negros são corpos de resistência, tendo consciência ou não do que nos afeta, o nosso existir já um ato de resistir.

Voltando a rotina escolar, com meu ingresso no programa ganhe o mundo, comecei a receber muita pressão em casa, todos os dias alguém comentava que eu iria viajar, que eu já tinha passado, o quão inteligente eu era, sobretudo, porque no início de 2015 a minha irmã viajou para a Espanha, passando 6 meses lá. Essa pressão, juntamente com as dificuldades que encontrava na escola e com a “negação” da minha sexualidade, fizeram-memal. Passei a me isolar da família, afastar-me dos amigos e me sabotar

nas disciplinas.

Fui aprovado no primeiro ano do ensino médio. Enquanto estava no segundo ano as questões sobre minha sexualidade se intensificaram, entretanto, tive que reprimir novamente, pois aconteceu outra tragédia na minha família. Enquanto meu primo jogava futebol em um campo próximo à casa dele, traficantes o confundiram com alguma outra pessoa e o balearam.

Meus amigos e familiares me chamavam de “Nego”, na época a minha mãe passou a não aceitar que me chamassem assim devido ao que aconteceu. Fiquei bastante assustado e concordei com isso. Quando meus amigos na escola me chamavam de “Nego”, prontamente repreendia, mas eles não se importaram. Com isso, me afastei deles até me chamarem pelo meu nome. Nenhum deles me chamou pelo meu nome, pelo contrário, foram atrás de documentários e filmes que iriam me ajudar a superar e entender os contextos dessa situação. E de fato ajudaram, a partir dos documentários pesquisei, com mais afinco, questões identitárias, o que permitiu a aceitação dos meus traços, cultura e o reconhecimento enquanto sujeito negro.

Nesse mesmo período aconteceu a prova do “Ganhe o Mundo”, eu fui muito bem, mas não passei. Quando descobri que não passei, estava em casa, minha irmã informou a família que o resultado saiu e ao descobirmos que eu não passei, se estabeleceu um silêncio. Eu não chorei em casa, apenas me senti incapaz, insuficiente e fraco. Após isso fui me distanciando dos meus amigos e familiares com a desculpa de que estava estudando para uma repescagem que nunca aconteceu. Os 0.5 pontos que faltaram em matemática moldaram o restante do meu ensino médio.

Quando esses resultados saíram eu já estava basicamente aprovado no ano letivo, todavia minhas notas do último bimestre decaíram. No final de 2015 meus pais se divorciaram, e essa separação não aconteceu de forma saudável, todos nós saímos machucados.

Em 2016, ano de ENEM e meu último ano no ensino médio, fui um desastre. Todas essas situações mais o falecimento de um primo que era bastante importante para mim me fizeram desabar. Desenvolvi transtornos de ansiedade a ponto de não conseguir terminar de ler uma frase. Eu não tinha mais nenhuma expectativa de futuro. No fim do ano a professora de espanhol realizou uma roda de diálogo com a turma e

pela primeira vez, eu falei para a turma o que estava acontecendo comigo. Para minha surpresa, fui muito bem acolhido não só pelos meus amigos e companheiros de classe, como também pela coordenação da instituição.

Assim, concluí minha educação básica após fazer três provas finais. 2017 foi bastante estressante, mas tentei focar nos estudos para o vestibular de 2018, e consegui. Em 2018, com nota para entrar em faculdades pelo PROUNI, optei pelo curso de Produção Publicitária em uma faculdade de Olinda, ingressei mesmo não sendo a minha primeira opção, queria cursar pedagogia, mas apenas em uma universidade pública. No momento em que fui realizar minha matrícula sofri dois ataques racistas.

O primeiro aconteceu assim que cheguei na porta da faculdade. Enquanto me comunicava com o porteiro, dois alunos entraram comendo biscoito de morango. Ao passarem por mim, ouço a palavra "negresco" e muitas gargalhadas, então ignorei e fui em direção à sala indicada pelo porteiro. Ao chegar na minha vez de ser atendido, uma senhora perguntou se direcionando a secretária que estava me atendendo (com um tom arrogante), o porquê recebi uma bolsa de 100% e a filha dela não.

Ao sair da faculdade segurei o choro, sentia um misto de felicidade e medo pelas coisas que teria que passar naquela instituição. Lembro da sensação de alívio e revolta. Quando sentei no ônibus na volta para casa, foi o momento em que consegui entender e pensar sobre as duas situações que aconteceram. PE 15/Circular, o local onde entendi por completo como o racismo me atinge, que chorei prometendo não ser mais tão submisso a essas violências.

Quebrando o ciclo de violência presente na minha família, fui o primeiro familiar negro a ingressar no ensino superior, orgulhando todos os que fizeram isso acontecer e frustrando os que acreditam que eu não deveria ocupar tal espaço. Fanon (2008, pág. 124) aponta que ao nos apropriarmos da nossa negritude rasgamos o véu que encobre nossa identidade:

Mas esqueceram a constância do meu amor. Eu me defino como tensão absoluta de abertura. Tomo esta negritude e, com lágrimas nos olhos, reconstituo seu mecanismo. Aquilo que me foi despedaçado é, pelas minhas mãos, lianas intuitivas, reconstruído, edificado.

Com o início das aulas as dificuldades com passagem, alimentação

e material para estudar se tornaram frequentes. Meu pai não contribui em nada, minha mãe estava sobrecarregada e bastante exausta emocionalmente, mas, apesar disso, sempre fez o máximo para que eu pudesse continuar frequentando a faculdade. No final de 2018, infelizmente, ela teve uma crise de pânico causada pelo acúmulo de estresse.

No começo de 2019 passo em pedagogia na UFPE, com muita insegurança realizei minha inscrição. Logo no início do curso não tive como me manter e fiquei afastado por algumas semanas. Se não fosse pelo apoio da minha família e da minha turma, eu não estaria cursando a disciplina de história da educação brasileira hoje.

Por fim, a minha trajetória escolar foi pautada em muitos processos violentos, sobretudo contra o que o meu corpo representa. Para o corpo negro ser uma exceção dentre os seus, ele perde muita coisa, muitos pesos são postos nas nossas costas, muitas dores são sentidas e causadas, mas ainda assim, temos exceções, mas ainda assim, eu sou uma exceção. Uma exceção que diante dos meus transcende qualquer apagamento histórico. Não sou o começo de uma nova narrativa, sou a consequência de um protagonismo que vem sendo conquistado há séculos pela população afro-brasileira.

ANEXOS





ESCOLA HUGO ALVES

QUERIDOS ALUNOS...

...É CHEGADA A HORA DE NOS DESPEDIRMOS. COMO O ANO PASSA DEPRESSA!

VOCÊS CHEGARAM AQUI AINDA TÃO PEQUENOS, TÃO INSEGUROS E COM O PASSAR DO TEMPO, NÓS FOMOS NOS CONHECENDO MAIS E MAIS. VOCÊS FORAM APRENDENDO COISAS NOVAS A CADA DIA. E O MEU CORAÇÃO FOI FICANDO GRANDE, PARA CABER TODO O AMOR QUE PASSEI A SENTIR POR VOCÊS...

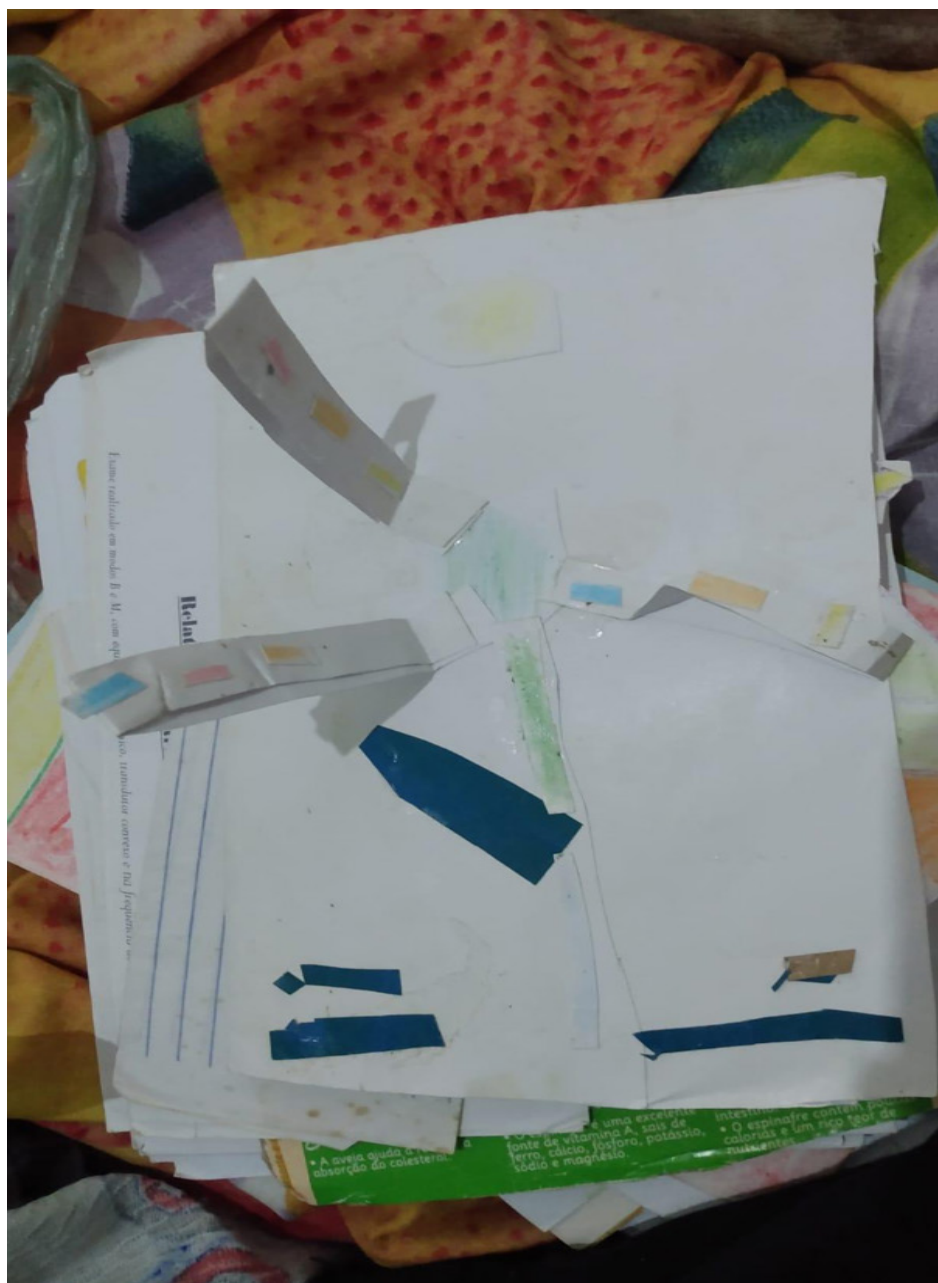
A LEMBRANÇA E O SORRISO DE CADA UM EM ESPECIAL, FICARÁ GRAVADO PARA SEMPRE NO MEU CORAÇÃO.

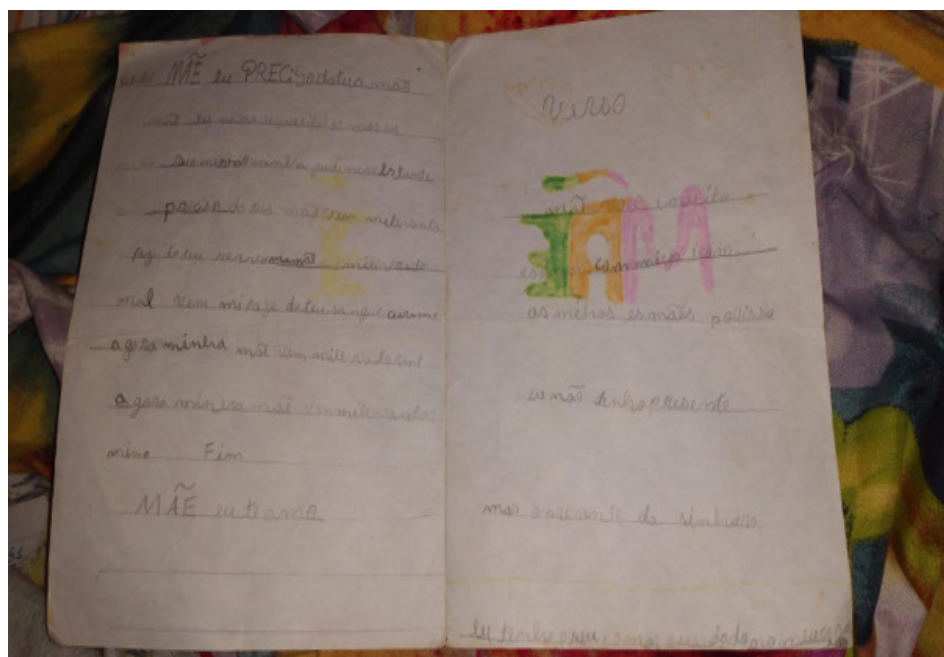
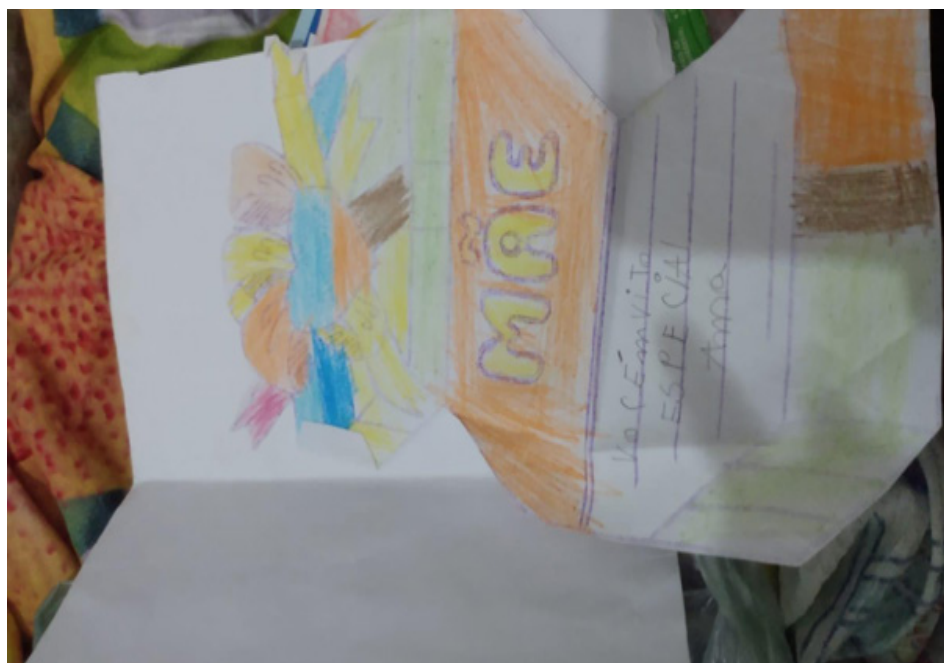
ADEUS, MEUS BAIXINHOS, QUE O PAPEI DO CÉU OS ABENÇOE MUITO E QUE A VIDA SEMPRE LHESSORRIA.

COM AMOR, TIA LANINHA!









Cecom Antônio Soares Viana

Aluno (a): Demilson Louiz

Prof.^a Milva Muniz

Série: 3^a

Turma: A

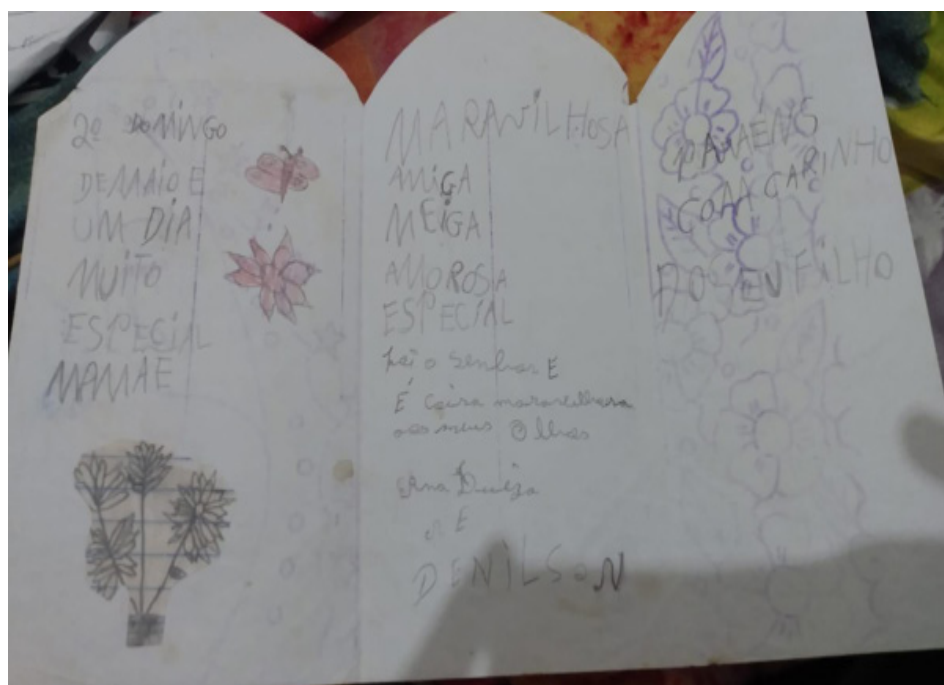
Turno: manhã

Aprovada!

Reaprovada!

• MINHAS VERIFICAÇÕES DO IV BIMESTRE





MEMÓRIA DE UM ESTUDANTE

Douglas Joel dos Santos

RELEMBRANDO...

Podemos iniciar o resgate de minha memória a partir do ano de 2005, um ano antecedente à minha formatura de alfabetização, acontecida em 2006, no bairro de Candeias, localizado em Jaboatão dos Guararapes - Recife. Meus primeiros passos escolares foram dados em um dos colégios particulares mais conhecidos da região na qual ainda sou residente, o Colégio Zuleide Constantino, no qual estive durante os anos da educação infantil até 2007, ano em que após minha alfabetização matriculei-me no colégio ao lado, também particular. O Colégio Souza Leão, que divide a avenida presidente castelo branco com o Zuleide Constantino, também era (e não deixaria de ser hoje) particular e bem renomado por aqui, o que chamava a atenção da minha família, visto que, assim como o primeiro colégio, meus familiares conheciam a família fundadora da escola e compartilhava desde então dos valores da instituição.

Meus anos iniciais do ensino fundamental foram vivenciados no Souza Leão, onde criei minhas primeiras amizades duradouras, sendo o período de tempo mais antigo que recordo na minha trajetória escolar, com exceção de fragmentos perdidos do dia em que me formei alfabetizado. Ambas instituições possuem concepções tradicionais de ensino, sendo de certa forma punitivas em suas avaliações e classificações de seus melhores alunos no quadro de laureados. Nas duas escolas, na maioria das vezes eu era um bom aluno, andava com poucos amigos, mas tentava me dar bem

com os outros que dividiam a sala comigo, me esforçava para tirar notas boas e tentava ficar longe de problemas, mesmo quando era difícil manter essas duas tentativas firmes.

Recordo muito bem de quando, às duras penas, entre o meu 3º e 5º ano do ensino fundamental no Souza Leão Fui até os últimos dias de recuperação em matemática, ciências e inglês, disciplinas que eu não dominava, ou dominava muito pouco, sendo matemática uma matéria indomável até hoje. Essas matérias tinham pouquíssima ligação (se não nenhuma) com o conhecimento de mundo que tínhamos até aquele momento de trajetória escolar. Era tudo muito novo e precisávamos assimilar uma quantidade massiva de conteúdos em pouquíssimo tempo, então restava-me decorar a maioria deles e lembrar desses assuntos que soavam tão estranhos. Para piorar essa situação, existia/existe uma divisão do conhecimento escolar entre *exatas* e *humanas*, fragmentando as disciplinas quando todas poderiam, literalmente, complementar-se. Os professores e professoras os quais mal lembro os nomes ainda estão (mesmo que vagamente) na minha memória, lembro que Daniel ensinava inglês, Rosa ensinava português, Luís Felipe ensinava educação física, Amélia nos dava aula de etiqueta (à época a maioria das escolas do bairro tinham essa disciplina em seus cronogramas), e paramos por aí. Todos muito atenciosos mas também muito pragmáticos, carregados de uma certa soberba elitista. Os colegas de turma, até certo ponto, se davam bem comigo e eu com eles, compartilhamos muitas brincadeiras e dificuldades nessa época, tanto que tenho a amizade de um deles até hoje.

Contudo, a minha vivência no fundamental II trouxe algumas dificuldades relacionadas a isso. Por se tratar de uma escola particular majoritariamente de classe média/alta com concepções tradicionais de ensino e gestão, suas práticas eram totalmente refletidas nos alunos e em como eles se comportavam um diante do outro, do diferente. Nesse sentido, a rigidez da rotina e a educação conservadora (advinda da criação familiar ligada a certos valores considerados nocivos à nossa própria cultura) tiveram como válvula de escape comportamentos ofensivos no espaço escolar. Nessa perspectiva, já durante o ensino fundamental presenciei práticas de bullying, as quais também me afetaram negativamente, mas apesar de ser uma escola elitista e conservadora em suas concepções pedagógicas, minha família estava convencida a acreditar ser um bom

investimento em minha educação e trabalhavam dobrado para conseguir manter as mensalidades.

A respeito do elitismo tratado em meu relato acima, Duarte e Saviani (2012, p.2) nos dizem que “o sistema escolar estrutura-se de forma fragmentada, reproduzindo a divisão social e a lógica do mercado”, o que caracteriza a finalidade geral de escolas como o Souza Leão, explicitando, desta maneira, o público ao qual instituições como essa atende e serve. A essência classista da escola levava os sujeitos vulneráveis a experienciar sentimentos de superioridade que apenas reforçava a desigualdade na escola, um tipo de estímulo criado nas raízes da instituição, reproduzido por aqueles que já haviam de certa forma internalizado os estigmas de nossa cultura. Esse era o aspecto negativo mais forte da escola para mim, visto que acentuava as diferenças como algo negativo e inferior, gerando muito desrespeito entre os alunos. Diante desse panorama, fez bastante sentido, hoje, chegar a conclusão de que a educação, para a elite, pode ser entendida como “um plano que foi orquestrado desde tempos remotos por oligarcas que se apoderaram da educação para usá-la como mecanismo de perpetuação de seus interesses em detrimento de todos” (BUFFA, 1979, p.42). Ainda sobre algumas dificuldades durante minha trajetória no ensino fundamental II, complemento dizendo que os professores eram pouco presentes, sua presença em sala estava limitada a realizar atividades propostas no material didático e tirar dúvidas, o que muitas vezes transformava aulas em monólogos ou em leitura e escrita exaustiva, não havendo espaço para um diálogo mais humanizado entre professores e alunos, salvo aqueles que, em meu 8º ano, eram mais próximos do nosso processo de aprendizado frente aos conteúdos didáticos. Esses elementos nos remetem aos moldes tradicionais da cultura escolar, sendo

...um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). (Julia, 2001, p. 10-11).

Essa concepção rígida operou com efeito no decorrer da minha trajetória, com ênfase na minha chegada ao 8º ano. Ainda estudante do Souza Leão, no 8º ano meu perfil como aluno não havia mudado tanto

assim, continuava reservado e de poucos amigos como antes. Boa parte da turma ainda era composta por colegas que estavam comigo há anos, o que realmente mudou foi a composição do professorado. Antes nós tínhamos professores rígidos, mas não tanto, ainda existia flexibilidade e diálogo, o mínimo que fosse. A partir do 8º ano (2014) as atividades, avaliações e até mesmo as aulas em seu tempo integral estavam de nova roupagem, dessa vez eu já estava incluso no processo de treino para ser aprovado no Enem, feito por mim apenas em 2017. Então a partir daí todos os processos de aprendizagem assumiram caráter técnico, visando a constatação de conteúdos a serem incorporados sob pressão, a metodologia das aulas, principalmente das disciplinas relativas à matemática, apenas seguiam fórmulas impossíveis de serem contrariadas ou entendidas de outra maneira. Tudo aquilo me torturava em ansiedade! Enquanto muitos se adaptaram eu apenas testemunhava um legítimo projeto de homogeneização intelectual em massa que não estava preocupado em ajudar a entender **o que era** tudo aquilo e **para que** estávamos fazendo aquilo.

Chegando ao ensino médio isso foi intensificado, reforçando mais uma vez a concepção tradicionalista de ensino aplicada não só no Souza Leão, mas nas escolas privadas que fazem parte do bairro no geral. Diante desse aspecto, Mizukami esboça que

A abordagem tradicional do ensino parte do pressuposto de que a inteligência é uma faculdade que torna o homem capaz de armazenar informações, das mais simples às mais complexas. Nessa perspectiva é preciso decompor a realidade a ser estudada com o objetivo de simplificar o patrimônio de conhecimento a ser transmitido ao aluno que, por sua vez, deve armazenar tão somente os resultados do processo. Desse modo, na escola tradicional o conhecimento humano possui um caráter cumulativo(...) (Mizukami, 1986).

Trazendo para o meu contexto naquele momento, ir para a escola estava reduzido ao ato de assistir aulas até às 12:00 tentando absorver tudo que era ministrado pelos professores. Do primeiro ao terceiro ano do ensino médio tive alguns problemas com isso que afetaram minha saúde mental e até mesmo minhas habilidades sociais em detrimento de uma suposta preparação para o mercado e vestibulares. O conhecimento tornava-se fragmentado, além de obrigatório e desconexo com a

realidade e conhecimento de mundo dos alunos, assumindo uma posição contemplativa, não interacionista. Apesar disso, cabia aos estudantes se adaptar e planejar suas rotinas para dar conta das exigências, sendo competência nossa memorizar definições, enunciados de leis, sínteses e resumos oferecidos no processo da educação formal (Mizukami, 1986).

Avançando um pouco sobre meu tempo no ensino médio, é válido destacar o 3º ano. Considerado por mim o ano mais conflitante do colegial, foi o momento em que o foco da escola estava voltado para a aprovação no Enem, mais especificamente, e por isso a gestão dos professores em sala era adaptada aos objetivos, aos resultados que se pretendia alcançar. Dessa forma, constantes avaliações eram feitas como forma de verificar o quão apto os alunos estavam para com todo aquele conteúdo. Consequentemente, isso não despertava interesse nenhum nos alunos, a não ser aquele gerado forçadamente pela pressão de ser bom em alcançar médias e garantir o futuro universitário que nos é imposto logo cedo. Alguns colegas faziam cursinho enquanto terminava o colegial, o que traduzia um pouco da disparidade econômica que era bastante presente no cotidiano da escola, reforçando vantagens e privilégios que certos alunos recebiam por parte da escola de acordo com seu desempenho. Ademais, na mesma linha temporal do ano de 2017, ao fim do 3º ano realizei o Enem para tentar ingressar na universidade.

Não fiquei tão surpreso quando fiz o exame e não alcancei uma nota boa. Àquela altura minha mente estava exausta, eram tantas cobranças, exigências e uma pressão enorme em volta do discurso que dizia: “Seu futuro apenas depende de você”. Eu não sabia ao certo o que fazer com tantos conteúdos jogados ao vento e também não tinha uma ideia fixa do que eu realmente queria dentro da universidade. Inicialmente, planejei ser aprovado em psicologia, mas essa ideia desvaneceu com o tempo. Meu pai no ano seguinte investiu em um curso preparatório. Da minha família, ele foi a pessoa que mais ficou apreensiva quando não fui aprovado na primeira tentativa do Enem; era latente nele a vontade de que eu conseguisse a aprovação no exame e um emprego o mais rápido possível para garantir meu futuro. Contudo, isso não fazia muito sentido para mim, porque até então, eu via meu futuro ligado à inconstância das coisas, inclusive de minhas vontades, ou seja, era no máximo planejável, mas impossível de ser determinado. Em 2018, um ano após minha conclusão do ensino médio,

consegui me matricular em um pré vestibular perto de casa, era o Centro Profissional Especial, existente até hoje e bastante popular também entre os estudantes.

Eu tinha muitas expectativas em relação ao centro, achei que lá eu conseguiria encontrar as “respostas” que procurava, no entanto, não demorou muito para as decepções acontecerem. Eu fazia parte de uma turma de pré Enem no horário da manhã, pessoas de várias idades estavam comigo estudando para aquela prova, muitos deles já trabalhavam, outros eram mães e pais, outros estavam na mesma situação em que eu me encontrava e alguns eu já conhecia. De certa forma, a primeiro momento foi reconfortante encontrar no Especial alguns colegas que estudaram comigo no ensino médio do Souza Leão, mas mesmo assim, eu não era tão próximo deles e nossas diferenças nos afastavam mais do que aproximavam, então aos poucos fui entendendo que aquele seria mais um trajeto solitário até o dia do Enem. No pré Enem o perfil dos professores foi algo que me marcou, sempre aligeirados para entregar da maneira mais prática e eficiente seus conteúdos, sem tempo para dar alguns passos para trás ou aprofundar-se em miúdos. Era uma verdadeira corrida contra o tempo, sendo o foco do trabalho deles compactar os conteúdos do ensino médio da melhor forma em um único ano, tirando dúvidas e levando os alunos a participarem através de atividades em apostilas e na resolução de questões em sala. Com esforço eu consegui me adaptar, mas constantemente a sensação de que eu estava perdendo tempo era inevitável, e isso me inquietava, enchia-me de ansiedade para o que estava por vir.

Ao chegar o mês de dezembro o Enem batia à porta e àquela altura da corrida precisei estar confiante e determinado a ser aprovado, mesmo sem saber em qual curso exatamente, eu só queria estar na universidade no ano seguinte, e foi possível. A minha identificação com a Pedagogia surgiu no momento em que as notas saíram no ano seguinte (2019), ao descobrir que esse foi um dos cursos que a minha nota foi compatível, comecei a pesquisar e ler um pouco mais sobre do que se tratava a fundo. Eu sempre fui mais ligado às humanidades que qualquer outra coisa no contexto acadêmico, então senti firmeza quando vi a grade curricular do curso e como se dariam as práticas no seu percurso. Dessa forma ingressei no ensino superior, que posteriormente ampliaria minha visão

de mundo e me levaria para o que realmente importa à minha realidade: minha formação enquanto sujeito/profissional crítico imerso no mundo do conhecimento, o qual continuamente retroalimenta minha curiosidade pelo saber.

Rememorando minha breve trajetória escolar até o momento atual pude esclarecer a mim mesmo acerca de alguns aspectos (negativos e positivos), com destaque para o âmbito social. Concordo enfaticamente com Moita (1995) quando ela fala em como colocamos em evidência o modo como mobilizamos nossos conhecimentos, valores e energias para dar forma ao que chamamos de identidade, dialogando com o contexto no qual estamos inseridos. Nesse sentido, recordando mais um pouco das minhas vivências pragmáticas no tempo de escola percebo como me isolei enquanto criança e como vários estímulos à minha volta contribuíram para isso, seja por métodos repressivos em sala de aula, seja pela não adequação ao meio social, ou até mesmo por questões familiares. Entender como esses elementos foram responsáveis por grande parte de quem sou enquanto sujeito atualmente é conflitante, principalmente pelo fato de que alguns aspectos intrínsecos a mim ainda resistem, porém, ainda assim, é nesse movimento de resgate do meu passado que residem as possibilidades para o enriquecimento de minha formação como pessoa e futuro educador.

MEMÓRIAS DO REAL HISTÓRICO VIVIDO (MEMORIAL)

Elisama da Paixão Gomes

Exercer a função professoral é saber mediar as relações de atribuições frente às muitas demandas que a escola passa a ter quando a sociedade tem carências que passam a ser supridas pela escola. Sendo ela social, psicológica ou intelectual.

Os direitos são conquistados por lutas somos um indivíduo antes do gênero somos plurais e as diferenças nos constituem. Temos a responsabilidade docente de ser professor e não salvador. No meio da construção identitária precisamos nos submeter a uma doutrina, metodologias em determinadas instituições. Falar então na valorização do docente é entender um histórico que fomenta nossas diretrizes que apesar de tais lutas constitui uma sociedade que valoriza o capital e não humano. No texto, a biografia remota uma memória sensível. Lembrar faz com que a dor sentida não seja mais revivida e sim ressignificada.

O estudo da memória feminina tem sido feito de modo tal que possibilita construir histórias de vida com a coleta de relatos autobiográficos, permitindo, mais recentemente, trabalhar também os modos de funcionamento da memória. Por um lado, os materiais biográficos estimulam a tentativa de uma “releitura crítica” que coloque em questão “os critérios androcêntricos de avaliação e definição dos fatos históricos” (Varikas, 1988, p. 45 citada por SOUZA et al, 1996).

A escrita autobiográfica favorece a compreensão sobre os processos formativos. Ao escrever sobre si, o professor ou a professora se vale

da memória, em um diálogo com um passado que segue suscitando, perguntando e intervindo sobre o presente. É necessário então revisitar meu passado e saber como a minha memória influenciou a minha formação.

Vale portanto ressaltar que a memória feminina no passado e no presente está intrinsecamente ligada ao lugar em que a mulher ocupa e aos tipos de atividade que ela desempenha no espaço social (SOUZA et al, 1996, p. 63). Devemos então retomar ao passado histórico para entender como esses espaços foram ora delimitados ora conquistados pelas mulheres para que seja possível entender em quais instâncias se faz necessário a luta pela aparição e transformação que as diversas narrativas podem proporcionar para nossa sociedade.

Ao analisar o processo de escolarização primária no Brasil, atentando para questões referentes aos espaços e tempos escolares e sociais (e aos métodos pedagógicos), temos a possibilidade de interrogar o processo histórico de sua produção, mudanças e permanências, contribuindo para descobrirmos infinitas possibilidades de viver e, dentro da vida, formas infinitas de fazer e do fazer-se da escola e de seus sujeitos. (FARIA FILHO; VIDAL, 2000, p. 21)

Esse fazer e o fazer-se da escola que os autores abordam se dão justamente em meio às práticas escolares que são herdadas historicamente. Com os jesuítas, a partir de 1549, herdamos regras, costumes e metodologias e por 210 anos fomos moldados aos interesses de civilizar, domesticar, catequizar e educar os/as meninos, meninas, homens, mulheres, indígenas, negros e brancos. Esses sujeitos do processo educativo, no entanto, não tiveram de forma igual seus acessos e permanência escolar garantidos.

Irei remontar agora a minha memória e os acontecimentos que se deram entre os anos 2004 a 2013, espaço de tempo em que vivenciei minha escolarização na educação básica a partir da 3ª série (nomenclatura usada no período citado) do ensino fundamental até 3º ano do ensino médio - período qual me recorro de fatos do vivido. Passarei pelas memórias dos acontecimentos que me afetaram e que de certa forma forjaram minhas escolhas no presente. Pontuarei também importantes marcos que regulamentaram nossa educação básica desde o Brasil Império (1822-1889) até os dias atuais que foram ou não sentidos por mim enquanto vivenciava a dinâmica escolar na educação básica.

Durante a minha infância enquanto ingressante na escola dos

7 anos e até os 11 anos, vivenciei a escolarização regular, e mesmo com todos os percalços devido a nossa realidade pobre, estive a todo momento sendo incentivada e orientada por meus pais, sobretudo por meu pai que era o adulto alfabetizado em casa, pois minha mãe vinda de uma realidade ainda mais difícil e precária não teve a oportunidade de concluir os anos de alfabetização na idade adequada.

Recordo-me que era levada a escola de bicicleta por meu pai, pois devido ao calor excessivo e a distância da escola, ele sempre me conduzia e trazia de volta para casa. Havia outras escolas mais próximas a minha residência porém a oferta de vagas foi insuficiente para o quantitativo de crianças do nosso bairro. Por esse motivo, mesmo residindo no município de Jaboatão dos Guararapes, estudava em uma escola no bairro próximo, na cidade de Recife.

Se formos então retornar ao cerne do problema que é histórico sobre a oferta de ensino nos municípios do Brasil, chegaríamos às antigas províncias no período imperial. A partir da 1ª constituição brasileira em 1824 que discorre sobre a então nova pátria com uma identidade brasileira e também sobre uma educação pensada para todos, encaminha-se, em 1827 a 1ª lei de educação brasileira em que manda-se abrir escolas de primeiras letras em todas as províncias para meninos e meninas. Tem-se em termos gerais uma preocupação com a formação da população porém na prática o que se tem é um mínimo de escolas com um amontoado de crianças e a oferta de um ensino pragmático desvinculado da cultura dos sujeitos escolares e professores com um mínimo de formação básica. Ademais, em 1854 é feita a descentralização da responsabilidade de oferta para educação.

Vivenciei durante a 3ª, 4ª e 5ª (nos anos 2005, 2006 e 2007) série do ensino fundamental as mudanças dessa descentralização. Eu estudava nessas séries em uma escola estadual do governo que ainda ofertava o ensino fundamental I, devido a pouca oferta de escolas pelo município de Jaboatão dos Guararapes. Fui então percebendo que com o passar dos anos, as escolas municipais foram abertas e a escola estadual em que estudava ofertava apenas o ensino fundamental II a partir da 6ª série. Essas mudanças se deram devido as organizações educacionais e dos incentivos que se mostravam mais notáveis para oferta de uma educação de qualidade.

Os professores que passaram por minha escolarização eram formados e tinham diplomas de especificações. Por isso não me sentia defasada em relação aos conteúdos ensinados e aprendidos. Durante o meu ensino médio no entanto, aos 16 anos devido a um casamento precoce fui para outra cidade e lá aos 17 anos trabalhava durante o dia e estudava em uma escola estadual à noite na modalidade EJA. Nessa modalidade, havia na minha turma do Módulo V, dez homens e 3 mulheres. Nesse período que durou um pouco mais de 1 ano percebi uma metodologia de ensino por parte dos professores, mais simplificada. Isso se dava sobretudo porque em minha turma havia homens mais velhos e mulheres trabalhadoras que não concluíram a escolarização na idade adequada e estavam ali para garantirem suas fichas de 19, como prova de conclusão da educação básica. Logo, suas obrigações com o trabalho durante o dia causavam-lhe extremo cansaço e por isso os conteúdos eram de forma mais diversificada reduzidos.

Essa experiência na EJA me permitiu um outro olhar sobre a vida adulta, sobretudo devido às novas responsabilidades que adquiri enquanto mulher, casada e mãe posteriormente. Senti uma desvantagem ao prestar o ENEM, pois percebi que estava com o ensino defasado em comparação aos conteúdos cobrados. Por causa disso, só após um cursinho preparatório é que pude ingressar na universidade pelo SISU.

Essas disparidades históricas, se retornarmos sobre as causas iniciais, ocorre devido à desigualdade entre a distribuição das escolas no território e devido a descentralização dos poderes e responsabilidades. Os municípios mais ricos conseguem implementar escolas primárias, já os mais pobres não, pois não havia financiamento do estado nem do império ou federação. Esses são retratos históricos que tanto debatemos em aula durante a disciplina de História da educação no Brasil, e que nos fazem entender de onde vem as lacunas e dificuldades até hoje enfrentadas pela educação brasileira como afirma Silva (s.d):

Do ponto de vista da gestão da “instrução pública”, faltou uma política integrada entre o governo Central e as províncias e a escassez de recursos comprometeu o atendimento à população. Do ponto de vista da modernidade educacional, uma persistente mentalidade conservadora vai retardar ao máximo a mudança da educação no país.(p. 101)

Ao revisitar esses fatos que sucedem meu histórico escolar vejo

como numa sociedade de classes há uma aversão. Numa democracia os desiguais alcançam os direitos. E nela é possível as mudanças sociais, políticas e educacionais. Já num estado totalizador o poder e as riquezas se concentram em poucos a um apagamento das outras narrativas e do diferente que constitui nossa sociedade. Trazer os outros olhares para que as crianças tenham contato e possam protagonizar outras narrativas é crucial para uma educação de todos e para todos com qualidade e equidade.

Em minha vivência escolar durante o ensino fundamental não presenciei o acesso de crianças com deficiências em sala de aula e na escola. A Lei Nº 9394/96 – Lei de Diretrizes Bases da educação Nacional - 1996, já instituiu em seu capítulo V sobre a educação especial, as determinações para o acesso dessas pessoas.

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais.

§1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender as peculiaridades da clientela de educação especial.

§2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns do ensino regular.

§3º A oferta da educação especial, dever constitucional do Estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil.

Trago então o questionamento essas pessoas não tiveram o acesso a essas escolas regulares, as quais passei, porque não lhe foram ofertadas o acesso e permanência, ou por outro motivo? Segundo Santos, Voltarelli e Santos (2016):

Um dos desafios da constituição de uma educação inclusiva consiste em romper com o preconceito, uma vez que a educação na nossa sociedade é baseada na ideia de que todos são iguais, e devem ser tratados iguais. Portanto, algumas escolas ainda não criam espaços para que as crianças demonstrem suas habilidades e potencial. É preciso repensar essa postura e questionar até que ponto a escola está conduzindo a formação da criança, precisamos de uma educação que respeite os direitos e promova a equidade,

Esse desafio se mostra até os dias de hoje e por isso minha formação enquanto docente faz-se para entender as dificuldades de acesso e permanência dessas pessoas em sala de aula. Assim sendo, atuei de forma mais preparada possível para garantir o ensino e aprendizagem dessas crianças com deficiências e transtornos e das crianças típicas que são também sujeitos de direitos e culturas diversas.

Presenciei ainda durante minha trajetória escolar cenas em que machismo e a banalização do corpo feminino como objeto a ser tocado sem ressalvas foi permitido até por uma professora. Nesse sentido, ao ser informada sobre um beijo que me foi dado sem permissão por uma outra criança do sexo masculino, a professora riu do ocorrido e ainda me culpou como se eu tivesse permitido e gostado do ato. Enquanto caminhava de volta para casa sem a companhia de meu pai, senti-me enojada e chorei pelo abuso que sofrerei.

Historicamente tenho respostas para tal cenário. Fomos enquanto meninas, moças e mulheres menosprezadas, ora por não ser de igual modo forte e masculina, ora por menstruar e gerar filhos. Dessa forma, fomos inferiorizadas e rebaixadas a um papel de objetos de uso do homem, que se resumia a cuidar da casa e cuidar dos filhos. A mulher no entanto com muita luta e sutileza foi ocupando espaços e desfazendo esses estereótipos construídos pela sociedade.

Na história da educação a entrada da mulher a partir do início do século XX se deu junto à entrada no magistério. Esse lugar foi a muito custo conquistado pois até então só os homens atuavam como professores. Devido às mudanças industriais o magistério passou a ser uma profissão desvalorizada pelos homens. A atuação das mulheres sobretudo no ensino primário foi devido a sua vocação materna e por amor recebiam menos pois trabalhavam pelo dom de cuidar.

As mulheres eram apenas responsáveis pela base então não havia concentração de mulheres nas diretorias de escolas. A partir de 1950 e 1960 os cursos normais que formavam professoras permitiam suas atuações no ensino secundário. O magistério era de certa forma uma saída. As normalistas passaram a trabalhar fora de casa e as que não eram ricas ou não se casavam tinham no magistério uma nova perspectiva. Nesse

sentido, de acordo com Vicentini et al. (2014) construção de autonomia ir para escola normal era a possibilidade de continuar estudando pois era a possibilidade de uma formação .

Estive então, a todo momento enquanto mulher, tensionada a estar em um lugar em que um outro me quis impor, porém me fiz mulher, mais uma vez, e escolhi onde atuar. A educação permite, portanto, a transformação de uma sociedade e das mentalidades. Contudo, precisamos, para isso, dar ouvidos aos diversos tipos de narrativas para construir novas possibilidades.

ANEXO - FOTOS E FATOS



Minha turma da 4ª série do ensino fundamental em sala, no ano de 2005, na Escola estadual “Amor Divino”, em comemoração ao encerramento do ano letivo.

Obs: Eu sou a menina de blusa preta e saia azul que segura uma criança no colo.

MEMORIAL SOBRE A TRAJETÓRIA ESCOLAR

Gisele da Costa Simões

INTRODUÇÃO

A tarefa de escrever um memorial sobre a vida escolar através de narrativas historiográficas, de acordo com Lima (2014), possibilita a compreensão de que uma história de vida pode servir como fonte para a criação de outras narrativas. Relatar minhas vivências escolares me fez resgatar diversas memórias, as quais são consideradas por Nunes (2003) como experiências vividas interiormente, que nos pertencem e dizem quem nós somos.

Lembranças que, embora façam parte de mim, há tempos não eram visitadas, como o longo trajeto que costumava fazer até minha primeira escola, o cheiro da merenda, o trato gentil das minhas professoras, as festinhas de datas comemorativas, inclusive, alguns comportamentos, medos e anseios, que ainda hoje me acompanham. Desse modo, Bittencourt (2008) relata que o espaço e o tempo são indispensáveis em qualquer escrita histórica, pois não se pode relatar um feito humano separando-o do lugar onde aconteceu

Antes de partir para a descrição das memórias escolares, considero importante mencionar alguns aspectos relativos à minha infância. Nasci em Vitória de Santo Antão, em 2001 e meus primeiros anos de vida foram numa pequena casa, anexa a casa da minha bisavó. Quando criança, recebi vários apelidos, como Gi, Gigi, Celina, Lupita, Inha, Josélia, me recordo bem deles, pois alguns ainda são usados por pessoas próximas. Meus pais,

Marivânia e Valdir, não concluíram os estudos, mas sempre fizeram o possível para que eu tivesse as oportunidades que eles não tiveram.

Meu primeiro contato com a escola, segundo minha mãe, foi aos 3 anos. Eu morava no Sítio Várzea Grande, município de Vitória de Santo Antão, e comecei a estudar em uma escola rural que pertencia ao município da cidade de Pombos, que, mesmo sendo longe, era a mais próxima da minha casa. Toda a minha vida escolar foi em instituições públicas, pelo que me recordo, e sempre me esforcei para tirar boas notas, além de não ter histórico de reprovações.

Aos 21 anos de idade, conto 18 anos ininterruptos de vida escolar, os quais comportam experiências que vêm me constituindo enquanto estudante e me abastecendo de aprendizagens. Bondía (2002) descreve a experiência como algo que, de alguma forma, nos toca, nos atravessa e que nos deixa marcas; sendo assim, neste memorial, descrevo um compilado de micro histórias significativas para mim, que compõem a macro história da minha vida escolar.

EDUCAÇÃO INFANTIL

As minhas primeiras vivências na educação básica aconteceram no Grupo Escolar Municipal Florentino Pimentel. Era uma escola bem pequena, com três salas de aula, dois banheiros, uma cozinha, despensa e secretaria, que era utilizada pelas professoras, pois a instituição não tinha diretor/a. Havia a utilização do método de ensino simultâneo, que foi adotado no Brasil Império por possibilitar a instrução de muitas crianças ao mesmo tempo (FRANÇA; SOUZA, 2012). Na escola, eram destinadas duas turmas para cada professora, assim, cada sala comportava alunos de duas séries diferentes.

Entre as poucas lembranças que tenho desse período, recordo que minha primeira professora se chamava Mônica, era alta, bonita, cabelo preto longo, usava saias, era simpática e carinhosa. Minha mãe conta que no segundo dia de aula eu não quis ir à escola, argumentando que lá não tinha sofá, cama, nem televisão, ou seja, nenhum atrativo para uma criança de 3 anos que adorava assistir desenhos. A escola ficava distante da minha casa, então eu ia a pé com meus primos mais velhos, Valter e Tiago, que também estudavam lá.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010) defendem que as práticas pedagógicas na modalidade devem ser norteadas por interações e brincadeiras. Fazendo uma comparação com as práticas da minha escola, recordo-me que nossos momentos de brincadeiras aconteciam apenas no recreio, mas de forma bem restrita, já que não tinha espaço adequado. A educação infantil tinha um caráter preparatório para o ensino fundamental, tanto que fui alfabetizada aos 5 anos de idade.

Lembro que eu não gostava de cobrir pontilhados e quase todos os dias a tarefa de casa era dessa forma. Segundo minha mãe, a professora sempre mandava recadinhos no caderno para que ela me ajudasse a cobrir “mais forte”. Enquanto estava em período de adaptação, eu sentia muito sono na escola, então, a professora me deixava ficar com um dos meus primos na sala dele. Eu encostava a cabeça na mesinha dele e dormia a tarde inteira. Acredito que essa lembrança tenha me marcado pelo cuidado que meu primo tinha em afastar o caderno para que eu coubesse na mesinha dele.

A lembrança da educação infantil que mais marcou foi um episódio em que levei uma bronca da professora porque uma coleguinha falou que eu tinha chamado palavrão, quando, na verdade, eu só tinha dito: “que calor danado”. Analisando a situação partindo das perspectivas que tenho hoje, compreendo que sofri uma injustiça, pois a professora poderia ter conversado comigo, buscando entender o ocorrido, uma vez que, segundo Palácios e Paniagua (2007), o docente da educação infantil precisa exercitar a escuta atenta, dirigir-se às crianças de forma adequada e dar-lhes oportunidade de fala.

Não lembro se tínhamos ou como era nossa rotina, nem me recordo de rodas de leitura ou cantigas. Lembro, apenas, que pintava desenhos, fazia tarefas, comia merenda, e gostava de ficar na sala na hora do intervalo. A última memória que me atravessa, foi o momento em soube que a sala, para a qual tinha me dirigido no primeiro dia de aula, não era mais minha, pois eu tinha passado para o ensino fundamental. A notícia me deixou muito triste e assustada, uma vez que eu não havia sido preparada para deixar minha professora, Aldivan, a quem eu era muito apegada. Segui até a nova sala, que ficava bem ao lado da antiga, em prantos.

ENSINO FUNDAMENTAL

Para melhor organizar as vivências do ensino fundamental, optei por dividi-las em duas partes, sendo fundamental I e II.

ENSINO FUNDAMENTAL I

A transição da educação infantil para o fundamental, embora inesperada por mim, foi tranquila. Continuei na mesma escola, conhecia todos os colegas e as professoras, mas meus primos pararam de estudar, então minha mãe começou a me levar e buscar todos os dias. Lembro que em todo início de ano letivo vinha o mesmo sentimento satisfatório ao comparar os materiais escolares e esperar o retorno das aulas. Eu amava ir para a escola, rever os colegas, conversar sobre as férias, embora eu não fizesse nada interessante. Como eu não costumava passear em família, a escola era meu divertimento, meu refúgio.

Eu ficava triste quando chovia muito, pois os rios enchiam, cobrindo as pontes, e eu precisava faltar. Uma das vezes em que isso aconteceu, foi dia de assunto novo, não lembro se geografia ou história, mas aconteceu que, posteriormente, tive muita dificuldade em estudar para a prova, por ter perdido a explicação da professora. Nos tempos de festejos juninos, nunca participei das quadrilhas ou apresentações de dança, pois tinha vergonha, mas, em um determinado ano fui chamada para ser princesa do milho e aceitei; foi uma experiência muito boa.

Recordo-me de duas mudanças importantes que aconteceram enquanto eu estava no fundamental I. A primeira foi a alteração de Grupo Escolar para a Escola Municipal Florentino Pimentel. Minha professora, Rosivânia, pediu que a turma, um a um, fosse ao quadro escrever o novo nome da escola e quem acertasse, ganhava um pirulito; eu fiquei nervosa na hora e errei, mas também recebi a recompensa. A segunda, diz respeito a mudança de nomenclatura de série para ano, referente à Lei nº 11.274, de 2006, descrita no Art 32 da LDB (BRASIL, 1996), a partir da qual o ensino fundamental passa a ter duração de 9 anos.

A primeira diretora da escola, que se chamava Lindalva, instituiu várias regras e era bem rígida, tanto que a apelidamos como “general”. Sempre tive boa relação com minhas professoras, não tive professores

durante o fundamental I; sempre me esforçava e tirava boas notas, o que fazia de mim uma das preferidas, entretanto, pelos mesmos motivos, também sofria bullying pelos colegas.

Minha mãe era muito envolvida nas questões escolares, participava de todas as reuniões, estudava comigo em casa. Lembro de um passeio que a professora organizou para o Mirabilândia, em comemoração ao dia das crianças, e eu fui com minha mãe e meu tio. Grande parte da turma não foi devido ao fato de o passeio ter sido organizado com pouca antecedência.

Na escola, nós rezávamos e tínhamos aula de religião, que eram focadas no catolicismo, o que, segundo Casimiro (2007), configura-se como vestígios da educação jesuítica. As aulas adotavam metodologias de ensino tradicionais, baseadas em decorar informações para realizar as provas, que eram o único método avaliativo; a maioria delas era estruturada da seguinte forma: copiar o assunto do quadro, prestar atenção na explicação, fazer atividade.

Nas raras vezes em que a professora pegava o mimeógrafo, a turma fazia uma festa, porque ela nos deixava girar a alavanca para imprimir as atividades, que quase sempre eram desenhos de datas comemorativas. Na hora do recreio nós merendávamos na sala, porque na escola não tinha cantina, e depois podíamos brincar no corredor que interligava as três salas.

No 4º ano, com a professora Irany, as sextas feiras eram sagradas. Ela fazia brincadeiras, levava desenhos para pintarmos e fazia bingos, onde os prêmios eram lápis e cadernos. Eu ficava em êxtase esperando esse dia. No meu último ano na escola Florentino Pimentel, a professora da minha turma ficou grávida, então passamos algumas semanas tendo aula com a diretora, que nesse tempo era Nete, até que chegasse a professora substituta. Não me recordo o nome da nova professora; de início, fiquei um tanto resistente em estabelecer vínculos com ela, mas bastaram alguns dias para que eu me tornasse sua auxiliar para tudo o que fosse preciso.

No dia da festinha de natal de 2011 foi a última vez que estive na escola. Me despedi das amigas e fui pra casa pronta para viver um novo capítulo da minha vida escolar, que se iniciou em fevereiro de 2012. Não sei como a escola funciona hoje, se expandiu, se foram construídas mais salas. Mantive contato com três das minhas professoras, especialmente com Aldivan, pois ela também era professora na escola perto da minha nova e atual residência. Aldivan me transmitia a sensação de paz, acolhimento e

leveza, e assim ainda o faz quando, por coincidência, nos encontramos.

ENSINO FUNDAMENTAL II

Em 2012 fui morar em Pirituba, distrito do município de Vitória de Santo Antão, e na Escola Municipal Duque de Caxias foi onde estudei até concluir o ensino médio. A escola atendia turmas de educação infantil ao ensino médio, era bem maior que antiga, tinha uma organização diferente, mais espaço, além de uma dinâmica de aulas mais complexa, que era dividida em 5 tempos e com um professor para cada disciplina.

Duas primas minhas também estudavam na Duque de Caxias no período da tarde, então todos os dias elas passavam na minha casa para irmos juntas; no recreio, me buscavam na sala ou ficavam conversando comigo, até que eu fiz amigas e me adaptei parcialmente ao novo espaço. Digo parcialmente, porque durante todo o tempo em que lá estudei, nunca me livreí da vergonha de pegar merenda, característica que não me acompanhava na primeira escola.

O currículo na Duque de Caxias incluía disciplinas novas, como inglês, espanhol e história da cultura. Esta foi inserida na grade curricular como cumprimento da Lei 10.639/2003, que fez alterações na LDB (BRASIL, 1996), implantando o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira como obrigatório nas escolas públicas e privadas de ensino fundamental e médio.

A disciplina era ministrada de uma forma tão descontextualizada, que mal consigo lembrar dos assuntos abordados. A maioria das avaliações realizadas eram de cunho somativo (CRUZ; OLIVEIRA, 2016), pois visavam apenas a geração de uma nota; ou seja, os professores davam maior ênfase ao produto final, desconsiderando o fato de que o processo de aprendizagem é contínuo.

A estrutura física da escola não era acessível e não tínhamos muitos recursos de aprendizagem, como laboratórios. Só agora percebi que durante tantos anos de vida escolar, só no ensino superior tive colegas com deficiência; na escola existia uma sala intitulada “sala dos especiais”, que era destinada aos estudantes com deficiência, lá naeles ficavam segregados, pois não frequentavam as classes regulares.

A escola não tinha uma gestão democrática, que é caracterizada

por Vieira (2007) pela participação da comunidade escolar; a escolha do gestor se dava por indicação política, forma de provimento na qual o gestor é indicado mediante apoio demonstrado durante a campanha eleitoral de determinado candidato (SILVA, 2007).

Sempre tive boa relação com as professoras e professores, entretanto, tiveram dois, um de matemática e um de filosofia, do ensino médio, que se comportavam como carrascos. Na escola, não tínhamos momentos deleite: assistir a um filme ou ler um livro nunca eram tarefas desempenhadas por prazer, sempre era preciso fazer um resumo, resenha, coisa que me deixava extremamente incomodada. As disciplinas de exatas eram pedras no meu sapato, entretanto hoje me pergunto se realmente eu tinha tanta dificuldade, ou se, na verdade, o problema estava na abordagem dos professores.

Meu gosto pela literatura se deu após ter conhecido Ulissivaldo, ex professor de português; foi ele que me apresentou a leitura como deleite, meu deu livros para estudar para o vestibular, nos impulsionava a escrever, ler, buscar incansavelmente e acima de tudo, o conhecimento. Até cogitei a possibilidade de fazer o curso de Letras, por influência de Ulissivaldo. No fundamental II tive muitos professores bons, mas também tive alguns que não tinham comprometimento algum com a educação, dando a impressão de que davam aula meramente por obrigação.

Eu fazia parte do grupo de estudantes da sala que tirava boas notas, cobrava dos professores, de modo que cheguei a ser representante de sala no 6º ano e sempre tratei os estudos com responsabilidade. Minha turma era dividida, de forma resumida, entre: o pessoal que gostava e o que não gostava de estudar. Assim, os professores sempre davam maior atenção ao primeiro grupo, o que deixava os outros com raiva.

Me recordo de alguns acontecimentos que saíram do padrão na escola: no 8º ano aconteceu uma gincana na escola. As turmas ficaram misturadas, havendo separação de equipes por cor, e eu fiquei na equipe amarela. Conseguimos muitas doações de alimentos e roupas e fomos muito bem nas outras provas, mas perdemos por alguns pontos. Ainda no 8º ano, o professor de espanhol propôs a realização de um festival musical, onde fizemos uma apresentação, com coreografia e figurino, de uma música em espanhol; todas as turmas da escola participaram e foi bem divertido.

No 9º ano, o professor de História da Cultura fez um trabalho coletivo: selecionou uma região do Brasil e a sala toda teve que trazer

elementos culturais dessa região, como objetos, comidas, danças, músicas. Percebi que pouco tive pouquíssimo contato com formas avaliativas que se distanciaram do tradicional; foram atividades trabalhosas de se organizar, entretanto, muito mais significativas do que a realização de provas.

ENSINO MÉDIO

No ensino médio vieram novos desafios curriculares: química, física, biologia, filosofia e sociologia. Tive um ensino muito defasado e descontextualizado; a respeito disso, Aguiar (2014) aponta que o educador deve ter consciência de que é na sala de aula que o aluno vai construir suas próprias reflexões acerca de diversas temáticas, mas para que isso aconteça é importante levar em conta seu conhecimento prévio, e também que os assuntos abordados tenham um pouco de sentido para eles.

Eu morava, e ainda moro, há 5 min da escola, então eu ia sozinha. Saía de casa bem perto do horário de começar a aula, porque antes de abrir as salas, o diretor nos fazia ficar em filas no pátio de entrada para rezar e, às vezes, cantar o hino. Eu achava aquela ação totalmente desnecessária, mas ficava calada, uma vez que os alunos não tinham voz para argumentar contra as decisões da direção.

Menossi (2019) destaca a necessidade do professor conhecer o perfil da turma, o contexto sociocultural dos estudantes e as formas de aprendizagem, sendo assim, a avaliação deve considerar o aluno como um ser completo. Isso não acontecia na escola por diversos motivos, entre eles, a ausência de professores para preenchimento do quadro de horário, tanto que passei muito tempo sem aula de física e inglês.

No primeiro ano, o professor de português propôs a realização de um concurso de barracas juninas para os festejos do São João. Cada turma construiu a sua, sendo a minha turma a vencedora. Fizemos até camisas padronizadas com tecido xadrez, tinha diversos tipos de comidas típicas, incluindo milho assado na hora, tudo muito bem organizado e decorado. Segundo Abud (2017), ainda hoje é possível perceber nas escolas traços da organização curricular do Colégio Pedro II, como a separação que conhecemos entre História do Brasil e História Geral. Os meus professores de História faziam tal separação, dando maior ênfase a história Geral. No 3º ano, o professor nos propôs estudar a Segunda Guerra através de filmes.

Cada grupo ficou responsável por fazer uma resenha sobre o filme assistido, posteriormente as produções foram reunidas em um portfólio da turma. No 3º ano minha matéria preferida era português. pois a professora era nova na escola, e também dava aula em escola particular, então o mesmo padrão de lá, ela tentava trazer pra gente. Entretanto, muitas pessoas da sala reclamavam, dizendo que estava difícil acompanhar; levaram reclamações até a direção, o que deixou a professora extremamente chateada. Eu achava as aulas maravilhosas, porque estava me preparando para o ENEM e via o quanto os assuntos eram necessários.

Durante os três anos de ensino médio fiz ENEM, sendo duas vezes por experiência. No final de 2017 me inscrevi para participar de um pré-vestibular, que era um projeto social para estudantes de baixa renda, fiz a prova de seleção, passei e iniciei as aulas em janeiro de 2018. Eu estudava na escola durante a semana e nos finais de semana, ia para o CAVest, das 8 às 17h. Eu estava muito indecisa e escolhi pedagogia quase no final do ano. O resultado saiu em janeiro de 2019: passei em primeiro lugar cota para estudantes de escola pública. Também passei no Prouni com bolsa integral em uma faculdade particular da minha cidade.

Quando o resultado do Prouni saiu, eu já tinha feito a matrícula na UFPE, mas cogitei a possibilidade de cancelar para ficar estudando em Vitória, em vista do menor grau de desafios que eu precisaria enfrentar. Passados alguns dias de dúvidas e ansiedade, optei pela opção que muitas pessoas acharam loucura: me deslocar até Recife todos os dias para estudar.

ENSINO SUPERIOR

O ingresso na UFPE foi permeado por medos e inseguranças, pois foi, para mim, uma quebra de fronteiras e uma superação de limites. Costumo dizer que a pior experiência que tive em 2019 foi o primeiro dia de aula, pelos seguintes motivos: me perdi na missão de encontrar o centro de Educação, chorei, tive medo, pensei em não voltar no dia seguinte, me senti incapaz, sozinha, frágil, vulnerável. Um misto de sentimentos tomou conta de mim na primeira semana de aulas, cogitei muitas vezes desistir, mas o apoio dos meus pais foi essencial para que eu continuasse.

No primeiro período tive experiências traumatizantes com alguns professores que esqueceram que a maioria da turma tinha acabado de sair

do ensino médio. Assim, aprendi na prática que o meio acadêmico, ao mesmo tempo que expande horizontes, também pode ser um ambiente muito hostil e adoecedor. Minha rotina se tornou muito cansativa: acordava às 4h da manhã, saía de casa às 4:30, ia até o centro da cidade esperar o ônibus dos estudantes, chegando em Recife por volta das 6h da manhã. Vivi dessa forma durante um ano, chegando em casa tarde, cansada e me cobrando por não conseguir dar conta de todas as demandas.

No ano de 2020, tive apenas duas semanas de aulas presenciais, pois o que seriam 15 dias de isolamento, se transformaram em dois anos. Na segunda metade do mesmo ano, teve início o período complementar, 2020.3, no qual consegui cursar apenas 2 disciplinas por falta de vaga nas demais. Aos poucos, tanto os estudantes, quanto os professores, foram se adaptando à nova realidade, mas, em diversos momentos, o exagero na carga de atividades me causou crises de ansiedade. Mesmo assim, consegui fazer monitorias, participei de projetos de extensão e palestras, minicursos e oficinas, conseguindo preencher minha carga horária complementar.

Foram dois anos estressantes, lidando, simultaneamente, com problemas pessoais e estudos, tornando minha casa uma extensão da sala de aula e chorando todas as noites com medo de não conseguir dar conta de tudo. Cursei, em casa, quatro períodos- 3º, 4º, 5º e 6º, mais o complementar. Tenho a sensação de não ter vivido esses anos pandêmicos, mesmo tendo vivenciado muitos acontecimentos; sinto que algumas disciplinas passaram despercebidas, uma vez que não me deixaram marcas significativas, já outras, agregaram profundamente na minha formação, sendo a presença de professores empáticos, um fator essencial para tanto.

A volta ao presencial, por mim, foi bastante sentida, pois estava acostumada com a certa comodidade proporcionada pelas aulas remotas. Eu tinha conseguido estabelecer uma rotina de estudos e oferta de aulas particulares, com tempo para prática de atividade física, entretanto precisei abdicar das duas últimas ocupações citadas, em virtude do tempo gasto com o deslocamento até a UFPE. Passei por uma readaptação, que me custou noites em claro, choro e exaustão.

Lima (2013) ressalta que cada espaço de vivência carrega marcas históricas que podem ser contadas por pessoas que passaram por ele; sendo, os espaços, modificados conforme as novas gerações vão chegando e isso é o mais interessante: cada indivíduo que modifica, de alguma forma,

o ambiente, também tem sua vida modificada por ele. Eu poderia relatar diversas situações ocorridas nesses quase quatro anos na UFPE, mas as experiências mais significativas foram as que me marcaram interiormente e essas, infelizmente, não tenho como mensurar. Em 2019 iniciei o capítulo, até então, mais desafiador e enriquecedor da minha vida, o que vem me fazendo superar limites, expandindo meus horizontes e abrindo meus olhos para enxergar o mundo como ele é, sem lentes ou filtros.

CONCLUSÃO

Quando, no primeiro dia de aula, a professora Raylane nos explicou a proposta de escrita de um memorial sobre nossa trajetória escolar, eu considerei tal método avaliativo algo extremamente difícil, com um número de páginas, por mim, inalcançável. Agora, ao término da escrita, sinto não poder redigir mais algumas laudas, incrementando detalhes e incluindo outras vivências.

Revisitando as memórias, listei muito mais palavras do que o número máximo de páginas, previamente estabelecido, comportaria, então precisei selecioná-las, tentando resgatar as que mais me atravessaram. Acredito que o compilado de vivências relatadas sirvam para descrever, minimamente, minhas vivências escolares. Ao escrever, acabo atribuindo forma e sentido aos acontecimentos, sem, contudo, conseguir descrever sua essência, fato que me causa lamento, mas também me deixa feliz, por comprovar que, na maioria das vezes, o sentir tem mais valor que o relatar.

ANEXOS

Princesa do milho na Escola M. Florentino Pimentel



Festinha de Páscoa na Escola M. Florentino Pimentel



Última festinha de São João na Escola M. Florentino Pimentel (2011)



Foto tirada no 8º ano (2014)



Ensaio de formatura (2018)



Festa de formatura. Na foto, meu pai, eu e minha mãe (2018)



Dia da matrícula na UFPE (2019)



MEMÓRIA SOBRE A TRAJETÓRIA DA MINHA VIDA NO MBITO ESCOLAR E EDUCACIONAL

Glenda Malta de Almeida

Sempre foi muito fácil começar a falar sobre minha vida de modo geral. Nos últimos tempos que se tornou um desafio quando a proposta seria falar sobre minha vida, mas de uma forma mais específica: no campo escolar e educacional. Revisitar e fazer uma retrospectiva de tudo que eu passei até o momento em aproximadamente 7 páginas seria um pouco mais difícil, mas estarei pronta para encarar. Por onde começar? Vou tentar, vamos lá, afinal, trazer todos esses fatos em forma de memória tem a função de se lembrar, de forma consciente, experiências vivenciadas no passado (GAUER, 2005).

Glenda Malta de Almeida, ou também conhecida como eu mesma, nasceu no dia 15 de janeiro de 2000. De lá para cá já são 22 anos vividos de uma forma intensa e com muitos desafios. Nasci em uma família que no total já somam 8 pessoas, contando comigo, entre eles são meus pais, meus irmãos e meus avós. Começo então falando de uma personagem dessa minha enorme família que tem uma importância enorme em muito do que eu me tornei hoje: minha avó. Maria da Glória Valente de Almeida se tornou professora através do magistério e teve a coragem e força de ser uma mulher a fundar uma escola, a Sonho Feliz, em San Martin, bairro do Recife. Anos se passaram e ela mudou a vida de muitas pessoas que passaram por lá e até hoje, sem brincadeira, reconhecem a “tia Glória” da vida deles. Em 2000, essa escola já não existia mais, minha avó já estava aposentada, mas sempre deixava seu toque de educação onde passava. Eu sou uma dessas pessoas beneficiadas. Comecei a ler e escrever antes do tempo que costuma

ser considerado o “normal” para as crianças. Por isso ter acontecido, fui convidada a pular uma série e acabei sendo sempre a pessoa mais nova das séries que passava, mas isso eu conto mais depois. Por gostar de ler e escrever bastante, sempre estive com um livro na mão ou escrevendo contos de romance, quando mais velha e sendo assim, creio que devo dedicar essa memória, principalmente, a ela, que hoje se encontra em um quadro elevado de Alzheimer, mas que teve e tem uma contribuição enorme em minha vida. Trazer esse aspecto da minha vida que considera a minha família é muito importante para mim, pois creio que o processo de escolarização para mim, envolve bastante eles. Ou seja, expô-los de maneira compreender a “cultura” escolar desses personagens (THOMPSON, 1992), possibilita entender de onde vem os aspectos tais quais: “compreender as marcas, as particularidades, as peculiaridades, os ritmos, as visões de mundo, os hábitos, os costumes, de cada espaço/tempo destes sujeitos e da interação destes com seus pares” (LIMA, 2014).

Ao iniciar falando sobre a educação escolar, antes que eu nascesse, o governo editou a constituição, trazendo os princípios de igualdade e justiça e incluindo a educação, cultura e esporte:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da Família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1998, p.32).

Quanto a minha vida escolar, sempre fui muito privilegiada, e reconheço esse fato, de ter sido oferecida boas escolas. Iniciei minha trajetória em uma escolinha de bairro, mas nesse momento vou ter que pedir perdão, porque me lembro apenas de um fato: eu chorando e esperneando, porque não queria ter que sair do colo da minha mãe ou do conforto da minha casa para ir ficar com um bando de gente desconhecida e mais um monte de criança igual a mim, na qual eu teria que dividir a atenção, sem condições. Sobre esse fato ter sido o único marcante desse período, Le Goff (1997) e Sarat (2002) já falavam que o registro de algumas memórias e o não lembrar de outras vai se apresentar para a gente como algo impreciso. Ou seja, a nossa forma de lembrar de alguns fatos é seletiva, de maneira a lembrar apenas de momentos significativos e que nos marcaram por alguma razão.

Caminho então para o momento que eu já consigo lembrar melhor que foi a alfabetização. Eu estudei em um colégio particular que era considerado construtivista que segundo Pozo (1994, p.24):

O construtivismo propõe que o aluno participe ativamente do próprio aprendizado, mediante a experimentação, a pesquisa em grupo, o estímulo a dúvida e o desenvolvimento do raciocínio, entre outros procedimentos. A partir de sua ação, vai estabelecendo as propriedades dos objetos e construindo as características do mundo. As escolas que usam o método construtivista têm características de estrutura diferentes das escolas que usam outros métodos. (POZO, 1994, p. 24).

Esse colégio era minha segunda casa e eu sempre me senti muito bem acolhida pelas professoras e colegas. Eu era a única criança menina da sala, rodeada por mais 3 meninos agitados, como mostro na imagem 01 do anexo. A respeito das questões didáticas, explorávamos bastante o mundo das artes e sobre o mundo e nós mesmos. Lembro-me que a primeira memória que fiz foi nessa escola. Quando a proposta da disciplina de História da Educação seria montar uma memória também, logo me veio a mente esse registro antigo que guardo até hoje com maior carinho, mostro um pouco sobre ela nas imagens em anexo (imagem 02, 03, e 04). A parte que eu mais amava era as peças teatrais e apresentações musicais que a gente fazia toda unidade e a cada data comemorativa. Lembro-me que já fui a branca de neve, já fui uma mulher do tempo das cavernas, médica e dançarina. Ao falar sobre esses anos, sinto um quentinho no coração por ter vivido momentos marcantes em que eu pude expressar minha autonomia, apesar de ser bem nova.

Infelizmente passei pouco tempo nesse colégio, até praticamente a antiga 2º série. Mudei-me, pois a distância que percorria diariamente era bem complicada e seria melhor estar em uma escola mais próxima de casa. Essa escola já era bastante diferente da anterior, a começar por, na minha concepção, ser uma escola altamente tradicional e que prezava por uma educação bancária (FREIRE, 1974), que é o tipo de educação centrada na figura do professor como detentor do conhecimento e que vê o estudante como um grande baú para o “depósito” de informações. Passei muitos anos nessa escola, fiquei até a antiga 7º série e tive muitas vivências seguindo os padrões ensinados pelos professores de lá. Revisitar essa parte da minha história é um pouco mais complicado, pois tive

docentes insensíveis, principalmente os da área de exatas. Lembro-me, perfeitamente, já no último ano que estive estudando lá, que o professor de matemática foi extremamente indelicado comigo e meus colegas que tinham dificuldade na matéria dele e praticamente chamou a gente de burros, que se a gente fosse para um colégio mais difícil, reprovaríamos. Aquela frase foi a gota d'água para minha mudança de colégio, mas que mesmo mudando de instituição, as marcas de realmente ser verdade e eu reprovar, ficaram impregnadas em mim. Esse tipo de comportamento ia totalmente contrário ao pensamento de Gomez (2000), que defende que a relação entre professor/aluno deveria ser de empatia, ou seja, se colocar no lugar do outro, buscando a comunicação como forma de ouvir atentamente e refletir sobre as questões e ações realizadas por cada um deles.

Embora o que eu vou falar agora seja de espécie fora do âmbito escolar, creio que foi importante na minha formação enquanto indivíduo. Em paralelo a esse colégio que foi marcado por momentos não tão legais, eu pedi aos meus pais, quando tinha cerca de 10 anos, para ser matriculada em um curso de inglês. A língua inglesa, por algum motivo, sempre foi de grande curiosidade minha, eu queria explorar e entender o que tanto as pessoas estavam falando em filmes e séries que não eram do mesmo idioma que eu falo e mais importante, meu sonho sempre foi querer viajar para Londres ver o Big Ben. Até o momento isso não foi realizado, mas com muito esforço e trabalho dos meus pais, consegui ir para o curso de inglês aprender o tão desejado idioma. A metodologia desses cursos sempre são bem diferentes do que vemos nas escolas, independentemente da abordagem que utilizam. Sempre me senti contemplada pelo ambiente, pelas pessoas e pelas amizades que fiz por lá. Creio que o período que totalizou 06 anos foi o que eu mais entendi sobre mim e sobre o mundo que eu vivo. Amava escrever histórias em inglês e criar diálogos estrangeiros.

Saindo da escola horrenda que tratava o aluno de uma forma muito esquisita, na minha opinião, meus pais me colocaram em outra com um viés católico e foi nela que passei a ter outras vivências diferentes. A começar, por ser católica, passei a ter aulas de ensino religioso que apesar de ser um direito facultativo, é garantindo constitucionalmente como visto no artigo 33:

O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos

horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo (BRASIL, 1998).

Esse artigo apesar de propor o ensino da diversidade cultural religiosa, na prática, na escola em que eu estava estudando, era majoritariamente explorado o catolicismo. Esse fato, após visualizar de fora e de maneira crítica, me remete aos tempos dos Jesuítas em que o objetivo era difundir a palavra do catolicismo, tentando ao máximo converter pessoas. Lembro-me que fiquei bastante engajada nessa perspectiva que me matriculei nas aulas de Crisma, sem sequer ter sido batizada. O processo então dessa minha “conversão” ao mundo católico se deu de maneira bem rápida, em que no mesmo ano eu me batizei, fiz primeira comunhão e crisma.

Outro ponto que gosto de destacar na minha passagem nessa escola foi o primeiro contato com uma parte da história que eu considero fundamental. Assim que iniciei o processo de matrícula, dentre os livros didáticos a serem comprados, precisaria ser comprado um específico da história da África. Achei bacana, todavia esse livro não foi nem tocado uma única vez durante as aulas. Apesar da Lei nº 11.645, de 10 março de 2008 tornar obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, isso não ocorria na prática. A prática na verdade era que a carga horária disponibilizada para as disciplinas de humanas já era bastante curta e portanto, essa parte da história continuava apagada, como sempre foi, infelizmente.

O Ensino Médio chegou na minha vida ainda nessa instituição citada anteriormente e muita carga me foi atribuída. A gestão por resultados, muito presente em escolas particulares, faz querer e exigir do aluno 500% daquilo que ele pode oferecer, é cansativo e doloroso esse processo. Quando junta isso ao ponto daquele questionamento de “o que escolher o que fazer da vida pelos próximos anos?” fica ainda pior. Meu terceiro ano foi marcado de muita indecisão e angústia por não conseguir achar um direcionamento, mas ao mesmo tempo, carregar uma cobrança externa, além da interna.

Apesar das críticas que eu também faço a essa instituição, muitos momentos bons foram vividos por lá. As amizades que eu fiz, os passeios que eram realizados. Fui a primeira vez ao Espaço Ciência e pude explorar

o mundo fantástico de experimentações. Acredito que apesar de, no senso comum, todo adolescente ter suas aversões ao colégio, sinto que meu tempo por lá foi bem aproveitado, podendo descobrir quem eu era, principalmente. Continuei tendo algumas dificuldades nas matérias exatas, principalmente física, mas acabei, misteriosamente, me destacando em Química, cogitando inclusive prestar vestibular para esse curso. Foi amor a primeira vista e que me rendeu diversas premiações em olimpíadas de conhecimento.

Quando prestei vestibular, inicialmente decidi que iria para a área de humanas e que faria Jornalismo, viria aí a segunda Glenda Kozlowski da televisão? Esse era meu questionamento, mas naquele ano isso não aconteceu. É muito frustrante, porém hoje com outro olhar, considero necessário, passar por algumas experiências na nossa vida que podem ser consideradas uma decepção. Por ter acabado o colégio muito nova, muitas ideias passavam na minha cabeça sobre o que fazer e qual área seguir. Muito foi percorrido até chegar o que cheguei hoje, cogitei além de Jornalismo tentar Letras, Gastronomia, Nutrição, Medicina e somente depois entrei no mundo da Pedagogia.

Chegar na Pedagogia foi um presente e realização de algo que eu queria bastante, mas negava dentro de mim. Eu sempre fui apaixonada por crianças e sempre quis atuar em uma profissão que elas estivessem presentes, mas chego lá já já também, pois ainda não finalizei minha história escolar/educacional.

Voltando ao estar frustrada por não entrar na faculdade de primeira, entrei em um cursinho pré-vestibular de matérias isoladas. O que parecia um sonho, na verdade era um grande pesadelo. De início eu me dediquei com unhas e dentes, mas depois foi ficando bastante maçante devido à metodologia e o clima daquele local. Era um clima de bastante competição e de pessoas se submetendo ao extremo para passar em uma prova. É muito difícil estar em ambientes assim porque eles nos adoecem e foi exatamente isso que aconteceu, eu fiquei doente, tive depressão por cerca de 1 ano e meio devido ao ambiente que fui submetida a estar. Esse ano acabou que não me fez passar novamente no vestibular e eu tive que parar e perceber que continuar no ritmo frenético não me faria nem um pouco bem. Comecei então a estudar de casa, fazer cursos online, aprendendo no meu ritmo e sem muita pressão. Finalmente decidi o que eu queria e no dia 28 de

janeiro de 2019, como um presente atrasado de aniversário, eu passei em 24º lugar no curso que queria, na universidade que eu almejava, fiz uma publicação nesse dia e acho que vale a penas compartilhar um pouco dos meus agradecimentos aos tantos professores desses lugares que citei mais cedo e que me ajudaram a ser quem eu sou hoje (figura 05).

Iniciei a faculdade no dia 19 de fevereiro de 2019 e como tudo novo nos aflige um pouco, não foi diferente, mas logo o sentimento passou, pois eu estava realizando meu sonho. A universidade é um local bastante plural e me fez expandir muitos horizontes que não faziam tanto parte do meu pequeno mundinho. Estar rodeada de pessoas negras, indígenas, que vieram de escola pública, graças a Lei de Cotas, Lei 12.711, de 2012, pessoas de escolas particulares, de todas as idades, com deficiência, me fez enxergar como o mundo realmente é e como é bom aprender todo dia com a diversidade.

Algumas experiências ainda na universidade foram desagradáveis, não vou mentir. Logo no primeiro período, tivemos uma experiência com um docente péssimo, mas que isso nos tornou mais forte enquanto turma. Ainda no sexto período, outro professor também teve um comportamento lamentável, reprovando diversas pessoas, incluindo eu. Mas enfim, isso também faz parte das experiências educacionais.

Finalizando por aqui, tenho o desejo de poder revisitar essa memória no futuro e escrever ainda mais sobre meus feitos, sobre os lugares que passei, sobre o quão feliz e triste eu fui neles e, principalmente, o quanto eu cresci e me fortaleci com essas experiências. Queria agradecer pela oportunidade de revisitar meu passado e escrever de uma forma bastante satisfatória sobre tudo o que aconteceu.

ANEXOS



Figura 01: foto de formandos do ABC



Figura 02: capa da minha memória

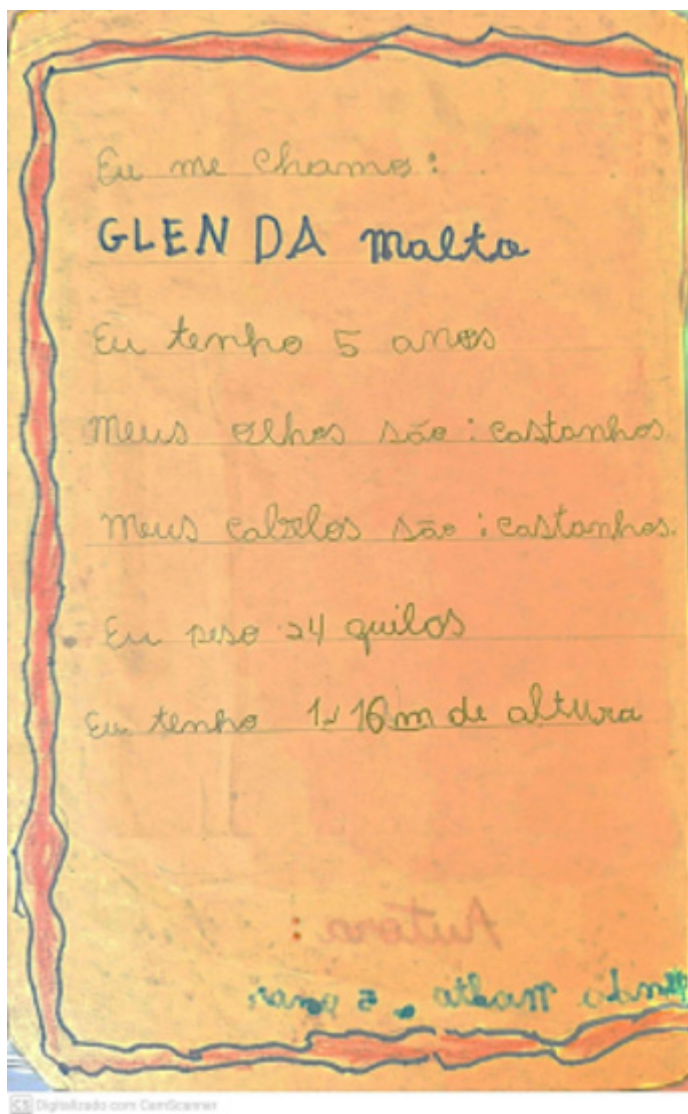


Figura 03: Apresentação pessoal da minha memória



Figura 04: uma página da minha memória

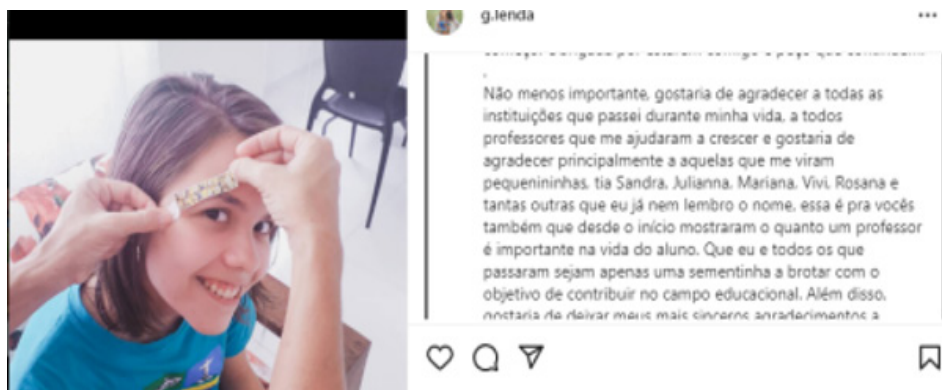


Figura 05: post de agradecimento após aprovação na universidade.

MEMORIAL ESCOLAR

Letícia Miranda Barbosa da Silva

“Você tem que agir como se fosse possível transformar radicalmente o mundo. E você tem que fazer isso o tempo todo.”

Angela Davis.

INTRODUÇÃO

Este memorial pertence a Letícia Miranda Barbosa da Silva, nascida em Recife, no dia 13 de outubro de 1999. Antes de começar, é importante frisar que a pessoa mencionada sempre estudou em escolas privadas durante a infância e adolescência, só adentrando no ensino público a partir da modalidade superior de ensino. Além disso, passou por seis escolas ao longo da vida, três cursos preparatórios (um para a entrada em escolas de referências, dois para a entrada na universidade), e está atualmente nos períodos finais da graduação de Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco.

EDUCAÇÃO INFANTIL

A sua trajetória escolar iniciou-se cedo. Aos um ano e quatro meses de idade foi matriculada em uma escola do bairro da Mustardinha, chamada Instituto Educacional Crescer, no período da tarde. Tal fato decorre da

necessidade de sua mãe de estudar e do pai de trabalhar, de modo que não havia ninguém que pudesse ficar com a criança nesse período. Essa ideia de escola, que era compreendida por aquela família, remete bastante a uma visão assistencialista da educação infantil, muito difundida no início das sistematizações das creches do Brasil, com destaque para o cuidado das necessidades básicas da criança, como saúde, alimentação e higiene (Machado; Paschoal, 2009).

De acordo com a mãe, no seu primeiro dia de aula, em vez de chorar como a maioria das crianças, Letícia entrou na escola e deu tchau para ela, sem muitas preocupações. Além disso, a mãe completou dizendo que Letícia adorava ir à escola e interagir com as outras crianças.

Em suma, a menina passou quatro anos nessa instituição, os quatros anos referentes à educação infantil, perpassando pelos antigos maternalzinho, maternal, jardim I e II. Assim, de acordo com Kramer (1995) as divergências entre as instituições públicas e privadas para a educação de crianças, é percebido que as escolas privadas, além do cuidar, privilegiavam a questão da socialização e do preparo para as próximas séries escolares, com enfoque na criatividade e sociabilidade das crianças, sendo esse o caso da instituição mencionada.

ENSINO FUNDAMENTAL I

Aos cinco anos, Letícia se mudou com sua família para o bairro de Campo Grande, cursou, na escola Construindo o ABC, a alfabetização e a 1ª série. As lembranças dessa época são muito escassas, principalmente, em relação ao ensino, mas é creditada à essa época a realização das primeiras provas por parte da criança, além disso, também é recordado da disposição das bancas de forma vertical e da utilização obrigatória de fardamento.

Dessa forma, refletindo a partir da ótica atual, é notório como o modelo de escola da revolução industrial ainda permaneceu vivo nas instituições durante o período escolar de Letícia, visto que alguns desse padrões foram encontrados não só nessa escola, como em nas várias outras pelas quais passou, sendo esses: “[...] educar em ambientes fechados e na posição de filas, controlar o tempo dos alunos, selecionar os saberes e dar a eles caráter universal, adequando-os às capacidades dos alunos [...]” (Corrêa, 1997, APUD Kujawa; Martins; Patias; 2020, p. 194).

Aos sete anos, foi transferida novamente para outra escola, o colégio Walt Disney”, que fica no bairro da Estância. Nele, permaneceu entre a 2º até a 4º série (hoje 3º ao 5ºano). Desse período, é lembrando bastante do uso do livro didático em sala de aula, bem como de inúmeros exercícios que eram passados pelas professoras (sim, apenas mulheres) e das festividades ocorridas no colégio (como Dia das Mães e dos Pais, São João, feira de ciências, Dia do Índio e etc). Entretanto, honestamente, a sensação que ficou para Letícia é que a prática pedagógica se distanciava bastante da realidade do aluno, pois era baseada em transmissão de conteúdo guiado pelo livro didático, formando, assim, “um sistema que não oportuniza a expressão e vivência de seus educandos.” (Kujawa; Martins; Patias; 2020, p.195)

Assim, questões como educação de gênero ou educação antirracista não eram levadas para a discutidas em sala de aula; tudo se resumia ao velho “somos todos iguais”. Além disso, na capa das pastas que eram colocadas as provas do bimestre sempre tinha algum desenho estereotipado pintado pelos alunos e, honestamente, não há lembranças da pintura da cor dos bonecos de outra cor que não seja o bege. E Letícia nem é/era uma garota branca. Apesar disso, a garota recorda de uma gincana sobre meio ambiente realizada neste período que mobilizou toda a escola para a questão ambiental e para o descarte do lixo. Todavia, em relação à religião, só o cristianismo para as crianças, não mencionado os outros tipos de religião.

Na 4º série, entrou em um curso para tentar a vaga nos colégios de Aplicação” e Militar” mas não o concluiu e nem fez as provas devido à falta de condição de prosseguir no curso. É percebido aqui como a ótica neoliberal está inserida na educação, visto que aos nove anos de idade, a criança já estava sendo direcionada compreender que apenas os “melhores” poderiam entrar naquelas escolas e que ela não teria capacidade de conseguir aquela aprovação. Afinal,

“[...] a educação é meritocrática. Ela ordena, hierarquiza, classifica os indivíduos em função de seus méritos, postulando em revanche que esses indivíduos são iguais. Os indivíduos devem portanto perceber-se como os autores de seus desempenhos, como seus responsáveis.” (Patrícia; Raasch et al, 2020, p. 5)

ENSINO FUNDAMENTAL II

Aos dez anos, foi morar com o pai e mudou de colégio, tornando-se aluna do colégio Souza Leão, no qual a avó paterna trabalhava como professora e os pais já haviam estudado e se conhecido quando mais jovens. É recordado que foi um período bastante difícil, pois a troca de colégio e o afastamento de outros familiares, bem como a pouca idade, fizeram as notas caírem. Inclusive, foi ofertada uma regressão para se voltar ao 5º ano, em vista das dificuldades apresentadas, que foi negada pela criança na época.

Além disso, foi nesse momento que as séries passaram a se chamar anos, cortesia do Art. 3º da Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006 (Brasil, 2006) que regulamentou o ensino fundamental com duração de nove anos. Apesar de ser sancionada em 2006, as instituições de ensino tiveram até 2010 para pôr em prática essa obrigatoriedade, o que se casou exatamente com o período de entrada caótico de Letícia no 6º ano 10 matérias, um novo colégio, uma nova casa, uma copa do mundo e com a escrita obrigatória de caneta.

Ainda nessa escola, existiam os chamados alunos destaques, que tiravam as melhores notas em todas as matérias e tinham o nome exposto em um quadro para que toda a comunidade escolar pudesse ver. Letícia nunca chegou a ter seu nome em um quadro desses.

No sétimo ano, houve mais uma mudança de colégio e de casa novamente para o bairro de Campo Grande, mas, dessa vez, matriculada no colégio Terceiro Milênio. Comparado ao ano anterior, esse foi um período mais tranquilo, apesar de algumas dificuldades com notas que ocasionaram em idas a um reforço de português e matemática com uma professora aposentada. Seu nome era Silvia e a calma desse ano se deve bastante a ela, afinal, os frutos desse estudo “extra” renderam notas altas. Para além disso, os conhecimentos construídos naquele espaço não-escolar acompanharam aquela criança por muito tempo e foram a base para os assuntos que seriam vistos no futuro, bem como elevaram uma autoestima que a muito estava perdida. Ademais, sobre a escola, há recordações relevantes acerca do boletim, que vinha com as notas baixas em vermelho gritante e as notas altas em cor azul.

No 8º ano, mais uma mudança de moradia, e, novamente, uma

mudança de colégio. Dessa escola, só saíra ao fim do terceiro ano do ensino médio.

As lembranças deste período são mais concretas. Nos 8º e 9º anos, Letícia descobriu enfim a paixão por uma disciplina específica (História), graças a um professor chamado Nilson Castelo Branco, com suas aulas mobilizadoras e seu olhar sensível para com os alunos. Além disso, foi nesse momento também que a adolescente percebeu sua afinidade com as linguagens e com as ciências humanas.

ENSINO MÉDIO

Ao ingressar no ensino médio, muitos colegas saíram daquele colégio para entrar em instituições de ensino médio profissionalizante, o que corrobora a dualidade do ensino propedêutico e profissional no ensino secundário existente desde suas origens. Assim, Letícia passou os três anos de ensino médio tentando descobrir qual curso seria o mais adequado para entrar na faculdade, visto que esse era o objetivo passado pelos seus professores, pelas instituições de ensino e pela família. Seu último ano escolar foi bastante conturbado, visto que não conseguiu se inscrever no Exame Nacional do Ensino Médio. Dessa forma, o único vestibular que poderia prestar naquele ano o Sistema Seriado de Avaliação (SSA) da Universidade de Pernambuco

As memórias mais evidentes dessa fase são sobre a pressão para se passar no vestibular, sendo o mesmo mais importante até do que a escola para a comunidade escolar. Aliás, é compreensível que, por exemplo, os familiares se enfoquem muito nessa questão, visto que é uma das maneiras de transformar a vida daquele adolescente e daquela família, mas esse nível de estresse adoece mais que potencializa, principalmente relacionado a uma exaustiva que é o ENEM. Assim sendo, o que estava em jogo ali era bem mais do que apenas uma nota, era o futuro daquela pessoa, bem como sua capacidade cognitiva e de aprendizagem, e seu prestígio entre a família e a sociedade.

Ainda nesse período do ensino médio, é lembrada uma situação que ocorreu durante um debate acerca do gênero em sala de aula. Um colega falou que quando passava por uma mulher sozinha, encarava, assobiava ou até fazia comentários de assédio, mas se fosse uma mulher

acompanhada por um homem ele simplesmente ignorava. Este foi o dia em que Letícia entendeu como os homens enxergavam as mulheres. Assim já tendo passado por determinadas situações desconfortáveis, como homens mais velhos para o seu corpo, esbarros desnecessários em transporte público lotado e toques invasivos, foi naquele momento, com um amigo ela entendeu que sempre haveria lutas as quais uma mulher deveria enfrentar apenas pelo fato de ser mulher. Corroborando isso, outra questão também ocorreu com uma aluna mais nova que Letícia, pois ela não queria usar sutiã durante as aulas e foi chamada para conversar com a coordenação por conta disso. No fim, ela foi obrigada pela escola a usar aquela peça de roupa, pois a ausência desse item poderia “provocar” os meninos.

PERÍODO PRÉ-VESTIBULAR

Após a saída da escola, passou dois anos estudando em cursinhos vestibulares, que tinham uma logística um pouco diferente da escola, mas que buscavam a mesma coisa, aprovação no Exame Nacional do Ensino Médio. Ao estudar no Grupo Gênese de Ensino, novamente com as aulas de história como preferidas (agora com o professor Filipe Domingues), Letícia teve uma surpresa, um professor chamado Marconi fazia com que anos de sofrimento com equações de 1º e 2º graus ficassem no passado. Apesar disso, por causa da pressão, do nervosismo e da falta de maturidade, Letícia ingressar no ensino superior. A nota da prova não lhe permitia entrar em nenhum curso disponível no Sistema de Seleção Unificada (SISU), o que lhe ocasionou bastante sofrimento, visto que fomentou dúvidas em seus familiares da sua capacidade intelectual e, decidiram, assim não investir mais em cursinhos para ela.

Apesar disso, sua mãe e sua avó não desistiram dela e investiram em mais um ano de cursinho, agora no Colégio Visão, no bairro da Estância. Mesmo desacreditada, Letícia prosseguiu nos seus estudos dando o seu melhor para focar na prova e, assim, após realizar o exame com mais calma e mais preparada, apesar de muita ansiedade, e com o apoio de muitas pessoas que amava, no início de 2019, escolheu a pedagogia para cursar e entrou no 13º lugar na lista de aprovados

ENSINO SUPERIOR

Nesse momento, adentramos no período educacional mais importante para Letícia. Honestamente, a faculdade transformou e transforma diariamente a vida dela e, hoje, ela não consegue nem pensar nos rumos que sua vida teria tomado se não tivesse adentrado na Universidade Federal de Pernambuco, mais especificamente no curso de Pedagogia.

Segundo Gomes, Machado e Saraiva (2018), a história das instituições de ensino superior se origina na Europa, entre os séculos XII e XIII, como associações que agrupavam pessoas sob a jurisdição da Igreja Católica. Essas instituições possuíam a finalidade de formar os filhos dos nobres, o que deu um caráter elitista para esses espaços. Dessa forma, essa presença majoritária da elite na universidade também foi percebida por Letícia em seu tempo na faculdade, e esta acredita que seria até pior no quesito exclusão, caso não existissem determinadas políticas públicas implementadas para a entrada de determinados grupos no ensino superior público.

Ao longo dos sete períodos cursados na UFPE e dos quase três anos de uma pandemia, Letícia passou por inúmeros professores, com metodologias diferentes e formatos diferentes de aulas. Com os quatro períodos que passou no ensino remoto, a universitária percebeu que algumas questões podem ser bastante facilitadas pela tecnologia, mas nenhuma delas conseguem superar as discussões riquíssimas que ocorrem em uma aula presencial. Obviamente, essa é uma opinião dela.

Letícia percebeu que tem mais liberdade do que antes na escola. Isso porque não é necessário fardamento, há a possibilidade de sair da sala a qualquer momento e as aulas são bem mais diversificadas, ou seja, não são pura transmissão de conhecimento. É claro que ainda existem alguns docentes centralizadores, que preferem monólogos à debates e que estão arraigados em um certo tradicionalismo pedagógico (em sua maioria, os efetivos e com uma longa carreira nos centros), mas também existem muitos professores que buscam sempre formas dinâmicas de construir conhecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, este memorial é finalizado com a percepção de alguém que foi aluna durante vinte e dois anos, e que, no momento atual, se prepara para ser professora a partir toda uma bagagem de experiência vividas e transpassadas pela educação. Assim sendo, só quero agradecer a todos os meus professores, os que gostei ou não, e a minha família, pelo investimento e paciência na minha vida.

MEMORIAL ESCOLAR: NARRATIVAS DE UMA GRADUANDA EM PEDAGOGIA

Marcela Eduarda da Silva

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é parte do processo de desenvolvimento da disciplina História da Educação no Brasil do Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco, Turma PA do período letivo de 2022.1. A atividade de avaliação proposta pela professora Raylane Andreza Dias Navarro Barreto, como requisito parcial de aprovação na referida disciplina, tem por objetivo descrever minha trajetória escolar desde a educação infantil até o ensino superior, analisando como as situações vividas impactam minha formação enquanto futura educadora. A fundamentação teórica apresentada em minha narrativa é construída mediante o conteúdo trabalhado na sala de aula através dos textos lidos e discutidos, considerando também artigos que complementam as situações apresentadas.

A escrita do memorial assume uma função importante para a formação e prática pedagógica, pois ao escrevê-lo realizamos uma reflexão crítica sobre situações que nos atravessam ao longo da trajetória estudantil, acadêmica e profissional. Segundo Prado (2011), o memorial de formação apresenta por meio de uma narrativa os conhecimentos importantes que justificam as trajetórias de quem os escreve, possibilitando a realização de uma autocrítica. Por relatar aspectos pessoais, o processo de escrita e

lembranças de certos momentos podem apresentar maiores dificuldades para quem o escreve, principalmente ao relatar experiências traumáticas. Para mim, esse exercício de retornar ao passado e, simultaneamente, vivenciá-lo no presente atribui sentido a medos e inseguranças que surgiam ao me deparar com os novos desafios impostos pela Universidade.

No que diz respeito ao meu momento reflexivo, esse movimento de retorno permitiu o encerramento de ciclos de violência e até mesmo de autoviolência devido a situações que estavam fora do meu controle, pois “ao trazer à tona lembranças e marcas, o sujeito permite que elas sejam (revisitadas e até mesmo ressignificadas, dada a natureza seletiva e subjetiva da memória” (Rosa; Zaquieu-Xavier, 2019 p. 6). O autoconhecimento adquirido ao escrever a autobiografia, para além de acolher a si, também permitirá a valorização da profissão docente. A Prado et al. (2011), a partir desse momento de transformação pessoal, se estabelece a necessidade de que políticas e programas educacionais se direcionem à construção de uma escola de qualidade, a qual deverá auxiliar na identificação de preconceitos e injustiças sociais presentes nas instituições escolares.

APRESENTAÇÃO

Sou Marcela Eduarda da Silva, nasci no dia 03 de outubro de 2001 na cidade do Cabo de Santo Agostinho. A minha família é composta por mim, meus pais, minha irmã, meu cachorro e gatos. Evocar essas memórias da minha trajetória escolar, levou-me a perceber o quanto normalmente me defino como “Marcela, 21 anos, estudante de pedagogia” deixando de fora todos os outros aspectos da minha vida. Diante disso, decidi apresentar as minhas três coisas favoritas no mundo e as 3 coisas que mais odeio, isso pode facilitar para que você, minha cara leitora, conheça-me melhor.

As minhas 3 coisas preferidas são: comer, dormir e assistir à comédia romântica. Pode parecer algo básico e comum para todos, mas quanto mais nos aprofundamos em nossa vida profissional, menos tempo temos para viver as coisas mais básicas como tirar um boa noite de sono, comer uma boa refeição ou só chorar assistindo algum romance. As três coisas que mais odeio são: ser acordada muito cedo, ser obrigada a trabalhar para pagar boletos e interagir com qualquer ser humano antes das 7h da manhã.

Para poder entender melhor toda a minha vida acadêmica,

necessito apresentar toda a minha disfuncionalidade familiar. Os meus pais sempre tiveram um relacionamento muito conturbado com diversas brigas e isso acabou afetando muito o meu rendimento escolar e a forma de me relacionar com outras pessoas, principalmente, professores. Apesar desse permanente desacordo, os meus pais sempre priorizaram a minha educação. Por terem pouco acesso à escola, eles sempre me incentivaram a buscar uma vida melhor por meio dos estudos.

Meus pais estudaram até o ensino fundamental e começaram a trabalhar ainda criança para complementar a renda familiar. Ainda assim, com poucas oportunidades eles conquistaram a nossa casa própria, conseguiram me matricular em uma escola particular do bairro e continuam me auxiliando financeiramente durante a graduação. Contudo, mesmo sabendo da importância dessas oportunidades para a minha educação, estudar em uma escola particular me fez conhecer mais cedo o racismo, o preconceito e o bullying.

TRAJETÓRIA ESCOLAR

Iniciei a educação infantil no ano de 2004 em uma instituição do meu bairro, a escola possuía uma estrutura pequena, com pátio e brinquedos que permitiam diferentes brincadeiras, possibilitando a interação com os colegas da mesma idade e de outras turmas. Esse brincar também acontecia durante as aulas e nas rodas de leitura, momento importante para despertar o meu interesse em literatura. A minha professora inesquecível da educação infantil se chama Nadja, de início tive muita dificuldade para me adaptar e sentia muita falta de casa, porém logo me apeguei a essa professora alegre com o dobro da minha altura. Ela iniciou o meu processo de alfabetização e me ensinou que nunca devo esquecer que dançar sozinha é bom, mas o legal mesmo é dançar em grupo, assim como as sílabas se juntam para formar as palavras que expressam como nos sentimos.

A pouca escolaridade dos meus pais, questões financeiras e até desconhecimento da importância dos hábitos de leitura para as crianças, fizeram com que meu acesso a livros estivesse por muito tempo restrito a bibliotecas escolares. Nesse espaço eu tinha liberdade para desenvolver minha imaginação e sonhar com uma infinidade de personagens e histórias.

Apesar de manter uma boa prática no incentivo da leitura, a instituição mantinha o “cantinho do pensamento” como forma de punição ao “mau comportamento”, afastando as crianças do colega que não seguissem as normas de convivência.

Segundo Aranha (2006), a punição para o disciplinamento e controle era um costume europeu adotado na pedagogia jesuítica durante o período colonial. Durante o período imperial a lei de 1827 estabelece em seu Art. 15 que “os castigos serão os praticados pelo método Lancaster” (BRASIL, 1827), banindo os castigos físicos e permitindo a prática de castigos de cunho moral, assim como é estruturado o “cantinho do pensamento”, forma disciplinar utilizada na minha educação infantil.

Devido ao nascimento da minha irmã mais nova, tive que ficar um ano sem ir à escola, já que as condições financeiras e organizacionais ficaram mais difíceis para a minha mãe, nessa época o meu pai não era muito presente nas nossas vidas, sobrecarregando-a ainda mais. Durante esse afastamento da escola continuei a estudar em casa, mas a interação com outras crianças foi totalmente comprometida, dificultando o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais adequadas para uma criança de 5 anos.

O retorno à escola veio abarcado por inseguranças e cobranças para acompanhar o ritmo e avanço que a minha antiga turma havia realizado, essa insegurança perpassou aspectos escolares e começou a afetar o modo como eu construía a minha identidade e autoestima. Por estar inserida em uma escola particular, os professores e colegas eram em sua maioria brancos, a ausência de referências negras nesse ambiente iniciou em mim uma busca da aproximação de características daquelas pessoas que estavam no meu convívio, seja nas roupas, sapatos, acessório e em meu cabelo no qual eu fazia questão de estar sempre penteado e enfeitado.

A ausência de um projeto político pedagógico e de formação continuada de gestores e professores para o trabalho da cultura e história africana desde a minha educação infantil, desencadeou em mim um sentimento de não pertencer àquele espaço. Ao analisar o meu álbum de fotografias, pude encontrar fotos vestida de indígena após retornar da escola, por compreender a importância do trabalho com a cultura, história e resistência dos indígenas africanos e afro-brasileiros, reflito o quanto essa representação estereotipada fez-se presente durante toda a minha educação

infantil e até mesmo no ensino fundamental. Durante o meu retorno às turmas de educação infantil, devido ao estágio obrigatório em escolas públicas, pude perceber uma mudança significativa com a implementação da lei 11.645/2008 que garante a obrigatoriedade do ensino da história e cultura indígena no ensino básico.

Ao finalizar a educação infantil ingressei no ensino fundamental, um dos ciclos mais difíceis para concluir. No fundamental 1 mudei de escola e tive que passar por todo o processo de adaptação para me habituar a nova dinâmica escolar. Essa escola também era particular, mas atendia em uma parte do bairro mais vulnerável, devido a isso, fiz amizade com muitas meninas negras e até mesmo com uma professora. Nessa instituição eu tinha aulas de inglês, porém tudo acontecia de forma muito descontextualizada e em cima da memorização, me causando um certo desânimo. As conversas paralelas e minha falta de atenção fez com que meus pais fossem chamados com frequência para conversarem sobre o meu comportamento durante as aulas.

As feiras de conhecimentos a partir de temas transversais e até mesmo sobre propostas dos estudantes era um dos projetos que mais me interessava, outra prática da escola que me marcou muito foram as gincanas escolares. Essas gincanas, organizadas pela coordenação, tinham por objetivo a coleta de materiais recicláveis que seriam entregues para catadores locais no fim do ano. Os professores sempre levantavam debates sobre a importância dessas pessoas para a nossa sociedade e como pedíamos facilitar o seu trabalho, engajando todos os estudantes durante as aulas.

O meu ensino fundamental 2 aconteceu em outra instituição também localizada no meu bairro, essa não tinha um espaço adequado para o brincar, mas possuía uma biblioteca admirável com um acervo diverso, porém não tínhamos discussões problematizando algumas obras e autores como Monteiro Lobato. As bibliotecas escolares sempre foram meus locais favoritos, contudo, a ausência de um bibliotecário assim como garante a lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010, diminui suas potencialidades educativas, fazendo com que aquele espaço não seja utilizado em sua totalidade para diversificar e aprofundar os conteúdos vistos em sala.

A minha maior dificuldade nessa instituição foi a divisão de professores para cada disciplina, pois resultou em um afastamento maior

dos professores, não só para tirar dúvidas, mas também relatar situações de preconceitos. Essa etapa da minha vida, é uma das mais difíceis de rememorar, a escola que até muito tempo era um ambiente bom para conversar, fazer novos amigos e descobrir novas coisas, se tornou o último lugar que eu queria estar. O bullying começou como se fossem brincadeiras sobre o tamanho dos meus lábios, meu jeito de ser até mesmo coisas que estavam fora do meu controle, nessa época me afastei de todos e comecei a ter crises de ansiedade, chegando a ficar internada por um tempo.

O racismo camuflado pelo bullying e a cobrança dos professores para que entrássemos em uma escola técnica resultou em crises de ansiedade, por conta disso, o meu último ano no ensino fundamental foi marcado pelo medo de pessoas que diziam ser meus amigos e dos professores que não percebiam o que estava acontecendo durante as aulas. De acordo com (CARAPELLO, 2020) quando a comunidade escolar não está preparada para combater o racismo, o preconceito e a discriminação, quem deveria enftetar essas ações acabam reforçando esses preconceitos, desconsiderando o modo como essa pratica pode afetar a todos. Apesar de compreender a complexidade de identificar casos de bullying e combatê-los no contexto escolar, a ausência de ação da instituição e dos professores é muito problemática para mim, pois interferiu diretamente no meu rendimento escolar e autoestima.

Essa realidade se alterou no ensino médio, cursei essa etapa da educação básica no SESI-Cabo, essa instituição foi a primeira grande escola que estudei, com quadras, espaços abertos e área verde. Essa grande estrutura permitia aulas mais dinâmicas fora da sala de aula, principalmente nas disciplinas de biologia, química e física. Assim como a produção de eventos culturais sobre os estados brasileiros que aconteciam uma vez ao ano e contava com apresentações e exposições sobre o lugar.

Devido as aulas serem mais dinâmicas e contextualizadas, eu consegui me aproximar de uma professora, ela é uma das inspirações para a carreira que sigo hoje, por manter um relacionamento próximo com todos e se preocupar conosco para além das notas. Sua prática docente lembra-me a ética desvelo, ou seja, ela buscava nos desenvolver integralmente e não apenas as habilidades intelectuais cobradas em avaliações ao longo da vida (SOUSA et al, 1996). As aulas dessa minha professora inesquecível me ensinaram não só a conhecer os contextos históricos e não repetir os erros

que as pessoas cometeram no passado, mas também, a entender que a minha própria história também estava escrita e os erros que eu cometesse novos ou velhos iriam ficar marcados, e mesmo que eu não sentisse as consequências de minhas ações outras pessoas iriam sentir.

O último ano do ensino médio foi abarcado por situações nostálgicas em tom de despedida, foi muito difícil me despedir dos meus amigos e lidar com a cobrança de alguns professores para que nós entrássemos em universidades públicas. Finalizar esse ciclo me levou a percorrer caminhos maiores, como estar cursando pedagogia na universidade, sendo também uma fase de descoberta e reinvenção do meu ser. A escolha do meu curso teve forte influência de todas as relações que construí e todas as experiências que tive no meu ensino médio. Seja na segurança que sentia ao conversar e tirar dúvidas com algumas professoras, nas relações com colegas e até mesmo na cobrança de alguns professores para que entregáremos o resultado esperado para levantar o índice de aprovados que estudaram na instituição. A cobrança excessiva me fez refletir o quanto o foco em resultados pode retirar toda a beleza das escolas, praticamente na sociedade em que vivemos.

Lembrar dessa fase do meu ensino médio é complicado, principalmente após o falecimento de uma amiga que vivenciou todos esses momentos comigo, lembro-me das brincadeiras, dos micos que eu passava, do desespero em fazer as avaliações e de como nos juntamos para reclamar dos professores ou estudar para as provas que eram mais desafiadora. Entrei no ensino superior sabendo que a educação poderia ser carrasca e só se importar com resultado, ou ser humana e se tornar um porto seguro para que os estudantes pudessem conversar e se abrir sobre acontecimentos e dificuldades.

Entrar em uma universidade pública foi a maior experiência da minha vida, não falo apenas em questões financeiras e educacionais, a pluralidade de pessoas e corpos naquele espaço me levou a perceber o meu lugar no mundo. A universidade, por estar inserida na sociedade, acaba por reproduzir preconceitos, machismo, racismo e homofobia, contudo foi o espaço aberto que encontrei para me permitir ser quem eu queria. Sou a primeira da família a concluir o ensino médio e entrar no ensino superior, inicialmente meus pais não acreditaram muito que eu conseguiria, para ser bem sincera até hoje nem eu mesmo acredito que

consegui.

O meu primeiro período aconteceu um pouco antes da pandemia, momento de descoberta da universidade e adaptação, de início tive muita dificuldade, pois entrei no turno da noite e a maioria das pessoas eram mais velha, mesmo com algumas dúvidas e barreiras de socialização, consegui fazer alguns amigos que me ajudaram a descobrir o quanto odeio todo o tipo de trabalho em grupo. Além dessas questões, a universidade se mostrou um espaço de aprender com as experiências do outro, de conhecer mais sobre políticas públicas e seus impactos sobre a educação brasileira, inclusão e a história da educação em nosso país.

A pandemia do coronavírus interrompeu descobertas e encontros dentro da UFPE, ficar em casa na incerteza de um retorno das aulas foi algo assustador para todos, principalmente para aqueles que haviam acabado de conquistar esse espaço. O ensino remoto, mesmo com todas as suas problemáticas, abriu espaço para que eu pudesse participar de monitorias, grupos de pesquisa e projetos de extensão, atividades fundamentais no desenvolvimento de habilidades acadêmicas e emocionais em um período de distanciamento social. A atividade mais desafiadora, para mim, na universidade foi a tutoria junto ao NACE, ao estudar sobre inclusão em uma universidade pública, sempre imaginamos diversos desafios, mas estar lidando com essa realidade me fez reconhecer o quanto ainda precisamos avançar para garantir a permanência de estudantes com deficiência nesse espaço.

Em 2011 o decreto 7.611, de 17 de novembro de 2011 garantiu a estruturação de núcleos de acessibilidade em IFES, assim como o NACE, contudo se faz necessário à sua ampliação para as universidades privadas e estaduais, garantindo a acessibilidade em todos os espaços públicos de ensino superior (SIQUEIRA; SANTANA, 2010). Essa experiência me fez compreender os entraves encontrados para se ofertar uma educação inclusiva em uma instituição que não recebe o investimento adequado para a eliminação de barreiras de acessibilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizar esse memorial me trouxe lembranças felizes da época da escola, mas também me fez perceber o quanto algumas situações me

atravessam até hoje. A educação nunca foi a minha primeira opção, mesmo ela sempre se mostrando como algo que poderia ser o meu sonho, ser e estar na função de docente sempre me preocupava, pois eu tinha medo do quanto o autoritarismo presente em minha família e na escola pudessem ser reproduzidos por mim. Contudo, a prática dos estágios me mostrou que ao estar consciente disso, posso proporcionar ações para termos uma escola das infâncias.

Sou muito grata a todos os professores que me levaram a pensar nos meus sonhos e me mostraram que seria possível alcançá-los, sou grata aos meus pais que por não terem tido uma educação respeitosa não conseguiram me proporcionar isso, eu sou infinitamente grata a educação que me mostrou a possibilidade de educar com respeito, autonomia, renovando sonhos e recriando espaços. A construção desse memorial e a aproximação do TCC me mostraram que o ciclo de violências que vivi se encerrou, mas que para ressignificá-lo preciso transformá-lo em algo que ajude outras crianças e famílias. Devido a isso, eu decidi finalizar o curso pesquisando sobre o papel da escola na proteção de crianças vítimas de violência, sendo a minha forma de contribuir para que outras crianças tenham uma infância diferente da minha.

MEMÓRIAS DE UMA PEDAGOGA DE OUTRO ESTADO

Maria Eduarda Gomes Belo da Silva

O movimento de escrita para mim é algo muito delicado, pois avalio que para escrever uma história, um texto, uma música, até mesmo uma declaração de amor no whatsapp é preciso que algo gere inspiração para tal, do contrário, serão apenas palavras vazias. Outro ponto importante para mim define a qualidade do que será escrito é o seguinte questionamento: *o que me inspirou/inspira?* Se for uma mera obrigação, sem que haja envolvimento ou algum sentimento, o conteúdo acaba por ficar raso, entretanto, quando a escrita vem acompanhada de emoções, o resultado ganha muito mais profundidade e identidade, sinto orgulho de dizer que aquela produção me pertence.

Mas porquê estou trazendo esta reflexão no começo da minha memória? Porque esta atividade que compõe a segunda nota foi passada desde o começo da disciplina, mas a inspiração para construí-la veio no momento em que eu estava realizando algumas atividades domésticas com minha mãe e, em meio ao nosso diálogo, começamos a rememorar alguns momentos da minha infância no Rio de Janeiro até o momento em que chegamos em Recife e começamos a tocar nossas vidas em meio aos perrengues que tínhamos no nosso dia a dia.

É interessante como no diálogo as memórias vão se avivando, resgatando emoções e uma tarefa que antes parecia massante se torna algo fluido. Isso me fez lembrar de um trecho de Vavy Pacheco Borges a respeito da biografia: “Ela é o melhor meio de mostrar os laços entre passado e presente, memória e projeto, indivíduo e sociedade e de experimentar o

tempo como prova de vida [...] A biografia é o local por excelência da condição humana em sua diversidade” (LEVILLAN apud BORGES, 2008, p. 215). Cada memória tem uma história, e revivê-la é um movimento de autocompreensão intenso que nos leva a entender o porquê ela existe e como isso nos afeta.

Dito isso, acho que agora é o melhor momento para começar a falar sobre o que me forja dentro da minha trajetória escolar. Pois bem, meu nome é Maria Eduarda, tenho 22 anos, nasci na cidade do Rio de Janeiro, mas vim para Recife com 6 anos de idade e fui criada aqui desde então. Tenho uma família grande, porém quando me mudei, minha rede familiar se limitou a minha mãe, meu padrasto e, posteriormente, minha irmã mais nova. Fui criada dentro de dogmas cristãos até os meus 15 anos de idade e, já adiantando o spoiler, a ruptura ocorreu devido a uma situação que teve início dentro da escola. Dos 15 em diante, meu apego com o espaço escolar se tornou muito maior, o que, de certo modo, acabou por direcionar a escolha pela minha formação na área da educação. Mas calma, vou adentrar nos maiores detalhes nos parágrafos seguintes, se minha fosse um filme, esse parágrafo seria a sinopse.

Minha primeira memória na escola vem do meu maternal (fotos no anexo), quando eu tinha 4 anos, em uma creche-escola que ficava dentro do condomínio da minha avó. Era um espaço bem pequeno que ficava nos fundos do condomínio, ao lado do bar. Escrevendo esse trecho me lembrei até do cheiro que tinha, para chegar na entrada da escolinha, tínhamos que passar pelo bar e, como ficava nos fundos, o local era escuro e úmido, tinha cheiro de água de piscina (a piscina do condomínio ficava próximo a este local e a saída de água passava por detrás do bar até os regos que rodeavam o condomínio), lodo, fumaça e cerveja. Mesmo tendo essa entrada um tanto quanto caótica, ao passar os muros de entrada, tinha um aspecto colorido, ao passar a porta, dava-se de cara com o pátio, um espaço com chão de cimento pintado de verde e brinquedos de ferro coloridos, tinha balanço, roda-roda, trepa-trepa e escorrega, eu adorava o balanço, pois era daqueles de dupla e eu e minha amiga Bebê brincávamos sempre nele, ela é a minha primeira memória de amizade na infância. Nós andávamos de mãos dadas, vivíamos nos abraçando, rolava ciúmes quando uma deixava de brincar com a outra, enfim, era uma amizade especial. Quando vim morar em Recife, esse vínculo se enfraqueceu, mas

quando fui visitar a minha avó no Rio anos depois, nos reencontramos e mantemos um carinho e respeito pela outra, muito embora a amizade não seja mais a mesma.

À direita ficava as salinhas, onde fazíamos as tarefas orientadas pela professora. Eu não tenho grandes lembranças das atividades que lá realizava, mas me lembro de uma delas que me marcou muito, que foi uma atividade de artes, onde a professora tinha juntado todas as mesas e disponibilizado um monte de materiais para fazermos o que quisermos, tinha papel colorido, palitos de picolé, cola, bolinhas de algodão, massinha, tinta, pincel, e vários outros materiais que, naquele momento, era um verdadeiro deleite para os olhos. Até hoje fico indignada que, no meio de tanta coisa, eu decidi fazer um prédio sem graça com papel preto. Analisando aquela minha atitude hoje em dia, entendo que aquela era a minha maior referência, pois morava em um prédio, no condomínio fechado, onde não tinha muito contato com o mundo externo, nem mesmo nas minhas festas de aniversário, pois tudo era feito lá, se é festa, era no salão de festas, se é escola, é na escolinha dos fundos do condomínio, se é recreação, era no parquinho que tinha na frente do meu prédio, ou a piscina, ou a quadra, eu não me aproximava nem mesmo da grade da entrada, até porque, como a rua do condomínio era uma curva, os carros em alta velocidade sempre batiam na grade, era comum vermos alguns ferros entortados na parte de descarte do condomínio.

Muito embora esta seja a minha primeira memória, pude vivenciar diversas experiências, inclusive as famosas datas comemorativas, como o dia do índio e a páscoa, e elas não foram experiências que me marcaram, sendo bem sincera, tanto que só tenho algum resquício dela por conta dos registros fotográficos que minha mãe e minhas madrinhas faziam (fotos no anexo). Esse fato reflete a perspectiva da escola com relação aos povos indígenas de maneira não crítica, apenas como algo folclórico, indo de encontro com o Conselho Nacional de Educação, que dispõe:

Na formação de pequenos cidadãos compromissada com uma visão plural de mundo, é necessário criar condições para o estabelecimento de uma relação positiva e uma apropriação das contribuições histórico-culturais dos povos indígenas, afrodescendentes, asiáticos, europeus e de outros países da América, reconhecendo, valorizando, respeitando e possibilitando o contato das crianças com as histórias e as culturas desses povos. (CNE/CEB nº 20/2009).

Atualmente, a escolinha não existe mais, ela fechou e se tornou uma casa de um funcionário da limpeza do condomínio, funcionário este cujas filhas se tornaram minhas amigas no momento em que viajei para visitar minha avó. A escolinha se chamava “Centro Recreativo Nosso Jardim”, eu não sei dizer se havia uma mensalidade ou se estava incluso no aluguel do condomínio, mas enfim, os muros coloridos ainda estão lá, desbotados devido a ação do tempo, mas de pé. Procurei mais informações sobre ela, mas infelizmente não encontrei, ainda sim, foi um espaço que fez parte dessa minha primeira infância e primeiros vínculos (fotos no anexo).

Passando desse momento, minha trajetória escolar agora é contada em Recife, onde passei por três escolas que ainda estão na ativa, sendo a primeira o Colégio Horizonte, uma escola particular localizada no bairro de Água Fria, a segunda o Colégio Modelo, também particular e localizada no mesmo bairro e, por fim, o EREM Jarbas Pernambucano, escola pública de tempo integral no bairro do Cajueiro, que estava passando pelo processo de deixar de atender o ensino fundamental e atuar apenas com o médio.

Já adianto aqui que em nenhuma dessas escolas que passei vai atender por completo o que defende Faria Filho e Vidal, no que diz respeito aos princípios que deveriam reger as edificações, sendo elas:

Necessidades pedagógicas (iluminação e ventilação adequadas, salas de jogos, pátios de recreação, instalações sanitárias etc.), estéticas (promoção do gosto pelo belo e pelo artístico), e nacionalizantes (constituição do sentido de brasilidade, pela retomada de valores arquitetônicos coloniais e pelo culto às nossas tradições). O ambiente, segundo o reformador, deveria ser educativo, ou seja, alegre, agradável, pitoresco e com paisagem envolvente. (2000, p. 28).

No Colégio Horizonte eu fiquei sete anos e passei por uma transição da educação infantil para o ensino fundamental anos iniciais e parte dos finais, até o oitavo ano. Mesmo sendo uma escola de bairro e com uma mensalidade bem acessível se comparada a outras da redondeza, era uma escola ampla, porém não planejada, visto que a ela era uma grande casa que foi transformada em escola. A sala do jardim de infância 2, por exemplo, ficava no que era uma cozinha, mas que o espaço da sala era dividido por um muro e tinha uma cerquinha branca de madeira que servia de porta.

A rotina do colégio era típica de uma escola tradicional, nós chegávamos, tínhamos um momento de brincadeira livre com os colegas no pátio de entrada, em seguida se fazia a fila, cantava o hino do Brasil, depois rezava o pai nosso e Ave Maria para daí seguirmos com a nossa professora. Na época, minha mãe e meu padrasto, devido influência da minha avó, pertenciam a religião das Testemunhas de Jeová, então muitos dos dogmas foram transmitidos para mim na época, um deles era da não veneração da bandeira e também de não fazer essas orações ensaiadas. Por conta disso, eu não fazia nenhuma dessas coisas, ficava na fila, mas não cantava e nem rezava. Não me lembro de ter tido algum problema em relação a isso na escola, acho que se devia ao fato da minha mãe ter sido bem incisiva quanto a isto para a gestão e para a professora.

Por falar na minha professora, ela foi uma grande referência para mim, pois estabeleci um vínculo de afeto muito grande, seu nome era Wania, era uma mulher de meia idade, parda, cabelos pretos curtos, geralmente amarrados em um rabo de cavalo, baixinha e gordinha, cuja personalidade era muito doce e atenciosa, ela era o estereótipo de professora que se existia e que estudamos ao longo da disciplina, mas o meu vínculo com ela não se dava a partir desses estereótipos, mas sim das atitudes que ela tinha comigo e com as outras crianças. Eu me lembro que ao término das atividades, ela sentava em um dos bancos da sala e ficava conversando com as crianças, ela fazia perguntas sobre o que a gente comeu, como foi o fim de semana, para onde saiu e escutava as crianças, ela nos colocava no colo, falava sobre nossas atividades, era um dos melhores momentos do dia e isso fez com que a relação fosse muito boa, tanto que até hoje tenho um grande carinho por ela.

Atualmente avalio essa relação com o que Noddings chama de “Ética do Desvelo”, na qual se constrói a partir de uma relação de reciprocidade, baseada na comunicação e no afeto, o que faz com que haja uma “fidelidade” natural (Noddings, 1986 apud SOUZA et. al. 1996, p. 72). Esse apego e relação natural fazia com que eu tivesse interesse em realizar as atividades que eram propostas sempre com muito capricho, mas, é claro, nem tudo são flores, pois acabei desenvolvendo um comportamento de muita frustração quando não conseguia realizar o que me era solicitado, em especial, nas atividades de casa.

Muito embora eu gostasse da minha professora, as tarefas de casa

eram um grande terror para mim, principalmente aquelas de cobrir. Uma que eu nunca me esqueço foi a tarefa de cobrir o F cursivo. Eu não sei ao certo o porquê, mas eu tinha uma grande dificuldade de seguir a bendita curva do F, eu conseguia fazer todas as letras, mas essa era um problema. Lembro-me de estar sentada na mesa grande de madeira que tinha na cozinha da minha antiga casa, e eu tentava fazer, minha mãe olhava e dizia: “Tá errado, faça de novo” e apagava o meu papel, eu fazia, ela apagava, e seguimos nesse movimento até eu apanhar e chorar muito. Por mais que eu amasse minha mãe, ela não tinha a menor paciência para me ensinar. No final das contas, eu não consegui fazer essa atividade da maneira que me era cobrada e me lembro da minha mãe dizendo: “É, você vai ter que entregar ISSO (segurando na folha de papel que já tava rasgada de tanto apagar) de qualquer jeito mesmo”.

Esse episódio me fez desenvolver um trauma muito grande, trauma este que se refletiu em diversos momentos da escola, como no primeiro ano, quando eu não consegui terminar a tempo a minha prova de matemática e passei os momentos finais chorando desesperadamente, precisando da ajuda da professora para me acalmar e sentar comigo para que eu pudesse concluir a prova, ou quando tirei a minha primeira nota baixa, lembro-me até hoje, eu estava no sexto ano, era a prova de história, e eu estava conversando com os meus colegas até o momento em que o professor chamou os alunos e alunas para pegar a prova, quando eu vi que tirei um seis, o meu semblante na mesma hora mudou e passei o dia murcha, chorando em alguns momentos também, mas claro, escondido dos colegas para não ser zoada. Como fiquei sete anos na mesma escola, muitos colegas seguiram na mesma turma comigo e, como muitos deles já tinham me visto chorar, acabei pegando essa fama de chorona quando estas situações aconteciam.

Estudar na mesma escola pode ser muito bom ou muito ruim, pois por mais que se tenha a vantagem de conhecer os professores e professoras, a direção, funcionários e os colegas, por outro lado, quando você faz algo que é motivo de piada ou zoação, pode ter certeza que isso vai te acompanhar pelo resto do seu período na escola. Eu já fui zoada por ser gordinha, já zoaram meu cabelo, já zoaram o meu modo de falar, eu detestava quando ficavam imitando de maneira muito puxada o meu sotaque, principalmente quando era para me irritar.

Traumas à parte, eu sempre busquei ser uma boa aluna e a me virar sozinha, como eu sabia que minha mãe não tinha muita paciência para me ensinar, eu precisava procurar outros meios de aprender sem precisar de ajuda, então eu buscava prestar bastante atenção nas aulas, fazer todas as atividades e tirar boas notas. Uma pessoa que me ajudou muito no meu período de estudos foi a minha avó, depois de alguns anos morando em Recife, ela veio visitar minha família, e no meio tempo ela sentava comigo para estudar, ela era professora formada no magistério e tinha muito gosto para me ensinar. Era divertido aprender com ela, como na vez em que ela fez um campeonato de tabuada comigo.

Creio que por esses motivos, eu acabei me apegando mais a disciplina de matemática e, conseqüentemente, aos meus professores. No fundamental I eu me lembro de ter mais professoras, inclusive teve uma do segundo ano que eu gostava muito dela, mas um belo dia, o meu dente que tava mole havia caído e eu, inocentemente, fui mostrar para a professora, e depois que ela falou “que legal”, ela disse que eu precisava me despedir dele, ela então pegou o meu dente da minha mão e atirou pela janela dizendo: “Tchau, dente!”, eu disse tchau extremamente incrédula com o que tinha acontecido, voltei para o meu lugar e fui lanchar, desde esse dia a minha relação nunca mais foi a mesma com ela.

Já no meu fundamental II em diante eu só tive professores de matemática homens, enquanto que de mulheres eu tinha professoras de linguagens, ciências e religião, em história e geografia é que oscilava entre homens e mulheres na disciplina. Os meus professores de matemática buscavam ensinar de um jeito brincalhão, como se matemática fosse a coisa mais fácil do mundo, isso ajudava a criar um vínculo e tornar a disciplina mais leve, já as minhas professoras eram mais sérias, eu não tenho muitas lembranças delas, apesar de lembrar de seus nomes.

Um professor que eu lembro com muito carinho é o de história, seu nome era Manuel, do sétimo ano, ele era um professor que gostava de propor aulas diferentes, como no dia que assistimos o filme “Escola da vida”, que me tocou muito na época, pois falava sobre as diferentes perspectivas de ensinar de um professor, ele também fazia dinâmicas com a gente, dividia a sala e pedia para fazermos paródias com o tema do assunto que estávamos estudando, ele me fez gostar da disciplina.

A minha relação com a escola e a religião é algo bastante peculiar

para mim, ela foi positiva no sentido de estimular minha comunicação, dicção e desejo pela leitura, pois na religião das Testemunhas de Jeová um dos enfoques é a pregação de casa em casa, isso fazia com que treinássemos diálogos, apresentássemos no palco usando microfone, o que exigia uma boa dicção para ser compreendido, ler os livros e revistas publicados por ela para fazer comentários na reunião, era um constante treino que seria aplicado na prática nos momentos de pregação. Creio que seja por este motivo que eu tenha uma certa facilidade para falar e me expressar, mesmo ficando bem nervosa para tal.

Por outro lado, ela me gerou conflitos internos quanto as minhas crenças e modos de vida, conflitos estes que aconteceram mais especificamente quando troquei de escola. O motivo pelo qual eu troquei de escola se deu devido ao fato do decaimento da qualidade do Colégio Horizonte, onde muitos professores e professoras começaram a ter problemas com a diretora, que era bem inflexível, também problemas com as documentações da escola, pois eram solicitados e demoravam muito para serem entregues, além de muitos pais estarem insatisfeitos e, por conta disso, minha mãe achou melhor me trocar de colégio.

Fui então para o Colégio Modelo, onde cursei apenas o nono ano, à princípio, bem a contragosto, pois não queria ficar sem meus colegas da escola anterior, mas hoje avalio como uma das melhores coisas que poderia ter me acontecido, pois foi nessa escola que me desvinculei dos meus dogmas e pude viver e aceitar quem eu sou, digo isto, pois foi na escola que conheci e me apaixonei por uma garota e pude me conhecer e me aceitar enquanto pessoa LGBTQIA+.

Obviamente, isto não aconteceu de maneira fácil, pois tanto a escola quanto a religião me reprimiam, era comum vermos casais héteros podendo demonstrar atos de carinho entre si, mas eu e minha namorada não podíamos, até o simples gesto de pegar na mão era o suficiente para sermos repreendidas pelo coordenador.

Além destes conflitos, também foi nessa escola onde eu tive uma das repreensões que me marcou até os dias de hoje, onde teve uma prova em que os estudantes trocaram muitas colas entre si e eu era uma das pessoas que passava cola para os meus colegas, sendo que na aula seguinte, o professor soube desse festival de cola que houve e, antes de começar a aula, teve uma conversa coletiva com todos da sala, depois de muito falar,

ele direcionou a seguinte pergunta para mim: “Eduarda, você passou cola para a turma?”, eu não respondi, pouco tempo depois, ele pediu para que eu me retirasse da sala e disse: “Espero que você não faça mais isso”. Foi um momento bem constrangedor, a ponto de eu realmente não fazer mais para não correr o risco de passar por uma situação dessas de novo.

Ao término do meu nono ano, meus familiares acabaram descobrindo, olhando algumas mensagens do meu celular, que eu estava namorando uma menina, isso, para a minha família beata, foi o suficiente para causar uma onda de rejeição por parte deles, em especial, da minha mãe, que me tirou da escola e me fez procurar um outro colégio para que eu pudesse me matricular de última hora e foi assim que eu cheguei no EREM Jarbas Pernambucano.

A escolha de ir para o EREM Jarbas Pernambucano se deu por conta de uma colega minha que havia estudado comigo no Colégio Horizonte e no Modelo, que depois foi para este EREM, o que fez com que eu conhecesse por meio dela este colégio e facilitou a minha matrícula no mesmo. Neste período da minha trajetória, o EREM Jarbas Pernambucano estava em processo de transição de uma escola regular para uma escola de tempo integral, transição esta que se deu através da Lei Complementar 125, do programa de Educação Integral, assinado pelo então governador Eduardo Campos em 10 de Julho de 2008, posteriormente sendo uma política pública com a promulgação da lei nº 13.968/2009, que inscreve:

VIII - Secretaria de Educação: garantir o acesso da população ao ensino de nível básico; manter a Rede Pública Estadual de Ensino; [...] formular, implementar, acompanhar e avaliar as políticas estaduais de educação profissional de nível técnico, articulado ao projeto de desenvolvimento regional e local; articular e interagir com outros órgãos e entidades envolvidos com educação profissional; (BRASIL, Lei nº 13.968, 2009).

Minha trajetória no Jarbas iniciou-se quando o mesmo já havia passado por este processo de transição, tanto que no momento em que eu entrei, em 2015, ele já funcionava como escola de tempo integral voltado apenas para o ensino médio e também contava com programas de educação profissionalizante, fornecendo cursos como de técnico em segurança do trabalho (que, inclusive, eu fiz) e técnico em administração.

Estar nessa escola me fez viver na pele o famoso dito popular: “Depois da tempestade vem o arco-íris”, o que acabou se tornando um lema

de vida para mim, pois enquanto eu vivia a rejeição da minha família, o distanciamento da minha namorada, os conflitos internos entre o que eu era e o que me diziam que eu deveria ser e as constantes brigas com a minha mãe, eu pude vivenciar no Jarbas o contato com as múltiplas diferenças, seja na cor de pele, nas crenças, nas classes econômicas, nas diferentes culturas, gêneros, por mais que a escola tivesse problemas estruturais e a merenda fosse péssima em alguns dias específicos, ali eu pude vivenciar a diversidade.

Eu convivi com diferentes professores e professoras que me inspiraram na docência, como é o caso da minha professora de Língua Portuguesa, que trouxe a vivência com os livros da biblioteca (coisa que eu não tinha nas outras escolas, mesmo sendo particulares), ao propor a atividade de leitura e apresentação dos clássicos literários, sendo o meu a obra do Primo Basílio. Também o meu professor de Matemática, que me ensinou sobre a postura atenciosa, branda e sensível para ensinar o estudante, era só eu dizer que não tinha entendido e ele falava: “puxa uma cadeira, vamos resolver essa questão juntos” e ele sempre estava aberto a mudar a estratégia quando o assunto não era compreendido. Ou então o meu professor de história e filosofia que me fez ter contato com um livro didático de autoria da Marilena Chauí. Eu também tive professores ruins, como é o caso da minha professora de física que passou um ano INTEIRO dando aula apenas sobre pilha, tanto que tenho uma séria dificuldade na matéria por conta dessa ausência.

A vivência com a diversidade também se fez presente no convívio com outros colegas, com suas histórias de vida, seus traumas, medos, sonhos, fiz grandes amizades nessa escola (foto no anexo), amizades que levo até hoje com muito carinho e que, mesmo com a distância e o tempo, quando nos encontramos, é como se esse tempo nunca tivesse existido. Foram elas que me acolheram quando minha família me rejeitou e me fizeram sorrir quando eu estava triste.

A escola para mim era um lugar de refúgio, um lugar de alívio, em que eu sentia prazer em aprender, também foi um lugar em que tive que amadurecer meu pensamento e minha postura, pois o convívio com as diferenças estourou a minha bolha social, me desvencilhando, principalmente, do sentimento de culpa e das vendas que a religião impunha sobre mim, em especial, no que diz respeito àqueles que não

seguem a mesma religião que eles, e também foi um lugar de resistência, foi lá onde eu aprendi a ser teimosa, cabeça dura e determinada, pois eu sabia que eu teria que me esforçar muito para superar os déficits em matérias como física, para conseguir atingir uma boa média no ENEM e assim conseguir adentrar na Universidade Pública, também a não desistir da minha família, tanto que mesmo em meio a constantes brigas, eu tentava manter um vínculo de apoio para a minha mãe, dando suporte para que ela não se afundasse em depressão, devido aos múltiplos problemas que vivenciava na sua vida pessoal, familiar e conjugal. Em linhas gerais, foi muito difícil me manter focada e firme, mas todas estas vivências que me forjam me calejaram a ponto de eu ainda estar aqui, resistindo e existindo.

Antes de chegar no ensino superior, eu tive que passar por um intenso processo de estudo, foi neste momento que aprendi a estudar por conta própria, a fazer meu próprio cronograma de estudos, tanto que no período remoto eu não tive tantas dificuldades para administrar a feitura das atividades, pois sabia me organizar quanto aos meus prazos de entrega, demandas e responsabilidades. Além disso, mesmo não tendo dinheiro para pagar um curso preparatório, consegui pagar uma professora de reforço, que me auxiliou nas dúvidas que tinha, principalmente em física. Ela foi uma das pessoas que me incentivou a fazer o curso, inclusive dizia diversas vezes que futuramente eu assumiria o lugar dela.

Por fim, chego na Universidade, espaço crítico que ampliou ainda mais os meus horizontes e me trouxe o sentimento de acolhimento e cobrança da qual eu aprendi a conviver. Muito embora eu tenha mais um ano e pouco pela frente para concluir minha graduação (se tudo der certo), algumas das vivências na Universidade já me marcaram o suficiente a ponto de serem registradas neste memorial.

A começar pela minha experiência com o trabalho em grupo, uma delas me marcou profundamente, onde, depois de muitos perrengues para acertar o texto escrito, elaborar o slide, treinar apresentação e combinar os momentos de fala entre os integrantes, eis que uma das colegas, de última hora, faz um escarcéu para colocar o slide que ELA elaborou e não O GRUPO. Eu fiquei revoltada, pois acho injusto a vontade de uma ser vencida no choro e imposta aos outros do que o que foi decidido coletivamente e que ela também havia aceitado.

Outra memória se dá durante o período remoto, na qual a cobrança

se fazia muito mais presente, dando uma enxurrada de atividades com um prazo curto para ser cumprido, como foi o caso das 11 resenhas semanais de textos diferentes que era necessário ser escrito a fim de elaborar a primeira nota, um trabalho extremamente extenso que eu não sei como o professor conseguiu corrigir de 3 turmas diferentes com mais de 30 alunos em um prazo de uma semana. Por mais que eu tenha conseguido administrar tais atividades, a minha saúde mental e desgaste físico e psicológico foram muito intensos e me atingem até hoje.

Mas revoltas e cobranças a parte, na Universidade pude experienciar a mobilização estudantil, as eleições para reitor, para DCE, DA, Diretoria do Centro de Educação, onde me fez valorizar ainda mais a democracia da nossa sociedade e a defesa de uma Universidade Pública de Qualidade para Todos, Todas e Todes. Tais movimentos e experiências que são estimuladas na Universidade me inspiram e aguçam o meu desejo de vivenciá-la cada vez mais.

Sendo assim, concluo esta memória trazendo SOUZA et. al (1996), quando nas linhas finais, as autoras destacam que:

É importante dizer que escrever relatos autobiográficos de história de vida escolar, tal como vimos experimentando, tem se constituído para o grupo de docentes que trabalha conosco em um processo simultâneo de descoberta de si - enquanto mulheres e enquanto professoras - e de reconstrução do sentido de sua vida profissional. (p. 75).

Poder vivenciar tal processo me fez adentrar em memórias da qual eu não compreendia o porquê delas se fazerem tão presentes e que agora, neste momento de resgate, consigo entender sua marca em minha mente e seu reflexo em minha vida. Sinto que ela reforça o meu desejo pela docência e me leva a pensar que a graduação é só um princípio e que minha trajetória escolar e acadêmica ainda terá a adição de mais de 12 páginas.

ANEXOS



1 - Eu e minhas colegas no pátio da creche-escola



2 - Apresentação no pátio da creche-escola



3 - Festa de Páscoa na creche-escola



4 - Eu e minha amiga do Colégio Horizonte (1º ano)



5 - Festa com a turma na biblioteca (1º ano no EREM Jarbas Pernambucano)



6 - Apresentação na festa literária do EREM Jarbas Pernambucano



6 - Meus amigos do EREM Jarbas Pernambucano



7 - A melhor foto que já bati do meu Centro de Educação

MEU MEMORIAL ESCOLAR

Tatiane Maria Rodrigues do Nascimento

Antes de falar sobre o meu percurso educacional, quero ressaltar a importância de uma mulher que tem grande relevância sobre todas as formas de educação que pude ter na vida e ela é a minha mãe, Maria das Dores. Ela é o fruto e a soma de todas as lutas que alguém pode ter na vida para conquistar os seus sonhos, e fazer do meu mundo um lugar melhor. Sem ela eu não seria nada, porque tudo que sou e o que me compõem vem dos seus ensinamentos, do carinho, do respeito, da cumplicidade, do afeto, do amor e todos os conselhos que por algum momento não pude compreendê-los com o seu mesmo olhar, mas que hoje norteiam o meu caminho e me fazem enxergar que a vida tem significados que somente o tempo e o amor de alguém por nós pode trazer o seu real sentido e beleza. Nossa timidez é um tanto parecida, e então os nossos gestos de amor se fundamentam nas ações, o que ela nunca conseguiu demonstrar por um abraço, eu consegui ver em todas as vezes em que ela se esforçou por mim e a educação foi um desses muitos caminhos que minha mãe me deu a mão e ajudou a trilhar. Sua vida nunca foi fácil, mas ela nunca desistiu de me oportunizar o seu melhor e de acreditar em mim. Foi nos pequenos consertos de roupa, no diálogo com o meu pai, na lavagem de roupa de time de futebol, que aí eram extraídos os meus materiais escolares e esta memória aquece o meu coração e permanece na minha mente como um norte, um guia e uma forma de nunca desistir dos meus objetivos e em especial do que minha me ensinou sobre o poder da educação, aquilo que ela sempre desejou e que entregou em minhas mãos para que eu construísse a minha história.

A minha trajetória educacional começa aos 5 anos de idade, quando fui matriculada em uma escolinha de bairro, mais precisamente uma instituição privada, de poucos recursos e instalada em uma casa que era dividida em três salas, e em uma delas funcionava um banheiro que atendia as crianças do Jardim I, II e a Alfabetização. Ao lado da nossa sala havia uma barraca de lanches e um escorrego que era o local onde as crianças da alfabetização e as demais salas dos anos posteriores recreavam. Na parte de trás da escola em um espaço segregado havia salas que atendiam a crianças de 1ª a 4ª série. A decisão de ir para essa escola foi tomada por minha mãe, pelo fato de que ela almejava que tanto eu, como meu irmão pudéssemos ter uma base melhor no sentido da alfabetização, antes de irmos para a escola pública. Lembro que a minha primeira professora foi a tia Antônia, que fora também educadora do meu irmão mais velho, nessa mesma instituição. A tia Antônia era uma pessoa doce, calma e muito carinhosa, consigo lembrar de algumas atividades que fazia em sua sala tais como: colocar papel em torno das letrinhas, pintar com os dedinhos e brincar com massinha nas horas de lazer. Como tia Antônia teve que sair da escola, no mesmo ano tia Adriana assumiu nossa sala e ficou conosco até o final do ano. Logo depois passei para o Jardim II, e as práticas eram as mesmas, porém tínhamos agora atividades escritas, memorização do alfabeto, cantigas de roda e inicialmente nas aulas costumávamos rezar o pai nosso. Aqui nesse momento a minha professora era a tia Edivânia, uma pessoa da qual me dava a sensação de medo devido a sua forma de agir comigo. Eu sempre fui uma criança extremamente tímida e me sentia inibida em algumas situações, e a hora de rezar era uma delas, me lembro claramente que ela costumava apertar o meu braço e me puxar para o centro de seu corpo, a cruzar suas sobre pernas sobre as minhas, e me obrigava a juntar as mãos apertando-as firme para que eu rezasse junto com os coleguinhas, o pai nosso. Nunca fui uma criança que bagunçasse mas por meu comportamento tímido, ela costumava me colocar trancada dentro do banheiro com a luz apagada quando não conseguia fazer as coisas que ela pedia. Somente saía de lá quando alguma professora outra levava um de seus alunos para usar o banheiro. Nunca consegui relatar essa situação para a minha mãe porque tinha medo dela achar que eu estivesse dando problemas em sala de aula e todos os dias antes de sair de casa ela me dizia que deveria respeitar a minha professora e fazer tudo que

ela pedisse, e nessa condição eu achava que tudo que a professora fizesse comigo era o correto. Esses abusos se perpetuaram por um bom tempo, até que um coleguinha de classe e também vizinho contou tudo o que via para a sua mãe, e ela prontamente informou a situação para a minha mãe, que no outro dia foi até a escola comigo. Não tinha noção do que estava para acontecer mas presenciei o diálogo entre a minha mãe e a professora, e o comportamento de ambas se alteraram até que a diretora chegou e entrevistou na situação. Como não havia outra sala de Jardim II, eu terminei o resto do ano com a tia Edivânia, porém ela não falava comigo, não me dava atenção nas atividades e tudo que eu tinha que fazer com a ajuda de um adulto, fazia sozinha. Eu não sabia o que significava exclusão, mas senti na pele os seus efeitos. E para ir ao banheiro eu só ia ao final da aula quando pedia a outra professora. Na alfabetização, tive como professora a tia Socorro, uma professora que me tratava muito bem, me auxiliava nas atividades, era afetuosa, conversava com minha mãe sobre o meu desenvolvimento e que me alfabetizou. Nessa época eu tinha conhecimento das letras e copiava bem, porém ainda não sabia ler, então a diretora aconselhou a minha mãe que eu repetisse o ano letivo. Esse seria o meu último ano nessa escola, pois a diretora resolveu vendê-la e se mudou para outro município. Houve ainda a formatura ABC porém não cheguei a participar, porque além da condição financeira, a minha mãe se encontrava em depressão devido a morte de minha avó, que era algo que ela ainda não havia superado.

Em 1994, fui para uma outra escola, o Educandário Nossa Senhora Auxiliadora, lá estudei da 1ª a 4ª série. Nessa escola eu tive muitas experiências, situações novas e adaptações. Ela ficava há 20 minutos de ônibus da minha casa, então todos os dias antes de ir para o colégio o meu irmão me deixava lá. Como primeira regra, o nosso fardamento era a peça principal de nosso reconhecimento como estudante, farda da escola, calça azul, sapato preto e meia branca constituíam as nossas vestes. Fazíamos filas de meninos e meninas lado a lado, e cantávamos o hino do Brasil ou hino de Pernambuco com a mão sobre o peito, para entrarmos em sala de aula. Ao entrarmos, sentávamos nas cadeiras e organizamos nossos materiais. Leitura de texto, prática de tabuada, cópia do quadro, ditado, resolução de contas, tarefa de classe e de casa marcavam as nossas formas de estudar. Lembro-me da nova organização das disciplinas através do cheiro dos livros que a minha mãe fora comprar com o meu irmão na

cidade e quando chegara em casa eu estaria radiante, porque era a primeira vez que me deparava com tantos livros. Português, matemática, estudos sociais, geografia e ciências eram agora a forma multidisciplinar de ver o mundo. Tínhamos aula de religião uma vez na semana, e todos os dias rezamos o Pai Nosso, independente do segmento religioso dos alunos, todos tinham que participar. A escola era instalada em uma casa, as salas eram divididas por pequenos corredores, havia uma pequena diretoria em que ficavam os materiais escolares e documentações, e na hora do recreio as professoras costumavam se reunir lá. A escola atendia aos alunos em dois turnos e para cada série havia uma única sala, sendo assim a escola possuía 3 salas de aula. Tinha um corredor que nos levava aos banheiros, os filtros (bebedouro), e o pátio. O pátio era grande, havia dois balanços, um escorregador, e depois de alguns anos chegou um brinquedo que costumávamos escalar. Brincávamos de correr, pega-pega, pula corda e os meninos jogavam futebol. Era nesse pátio também que ocorriam as festinhas escolares como dia das crianças e a festa junina. Quando essas festividades chegavam a minha mãe sempre dava um jeito de costurar as roupinhas para que eu participasse, porque como ela teve uma infância muito pobre, esses registros escolares nunca puderam fazer parte da vida dela, e com isso ela queria que comigo fosse tudo diferente. No primeiro ano, a minha professora foi a Dona Darcy, que também era dona da escola. Era uma professora séria, rígida, mas que tinha práticas um tanto diferentes, tais como apelidar os alunos de forma pejorativa e ter seleção de alunos para devidas atividades sejam elas escolares ou festivas. Crianças claras ou de cabelos lisos, sempre representavam os melhores papéis nas atividades festivas e alunos considerados mais inteligentes eram sempre elogiados e enaltecidos, diferentemente de outros que eram chamados de preguiçosos e incompetentes. De pouco afeto, rígida e rude em muitas ocasiões Dona Darcy enxergava as dificuldades de aprendizagem como formas de abstrair-se das tarefas ou preguiça de estudar, e nesse ritmo, muitas vezes eu tentei decorar tudo que não sabia, como uma forma de não ser ridicularizada perante meus colegas de classe, assim como ela fazia com outros alunos quando havia algum erro ou falta de domínio dos assuntos. Não posso dizer que todos os momentos com ela foram ruins, porque em muitas vezes até me divertia, como por exemplo, a fila que ela organizava para que tomássemos o chá de quixaba, ela dizia que esse

chá era bom para a mente e que com ele ficaríamos mais inteligentes, esse momento era uma algazarra só, porque todo mundo fazia questão de entrar na fila para se tornar mais sábio, e de copinho na mão todo mundo da sala tomava um pouquinho. Na 4ª série, ela também foi a nossa professora e como era o nosso último ano letivo na escola ela resolveu fazer um sorteio de um dicionário de inglês e nos deu uma semana para estudarmos, porque falou que iríamos precisar muito quando fôssemos para a 5ª série, afinal passaríamos a ter aulas de língua estrangeira, na nova série. Depois disso, eu me lembro que passei vários dias memorizando letrinha por letrinha de cada palavra em inglês que ela nos ensinou para fazer a prova. O grande dia chegou, ela fez um ditado com as palavras e ao final dele ela colocou o nome dos três finalistas e entre eles, estava o meu. Na nossa euforia, ela foi perguntando quem achou que havia ganhado o dicionário, eu fingi que não tinha noção, mas no fundo eu sabia que tinha ganhado, e ela foi circulando os nomes até que quando chegou no meu, ela me elegeu como a vencedora. Eu fiquei muito feliz por ter ganhado, mas ao mesmo tempo senti uma tristeza em saber que aquele seria o meu último ano naquela escola. O ENSA foi uma escola memorável no sentido de que a minha vida ganhou bons sentidos, como, fazer amizades, brincar, participar de festividades, descobrir o prazer de aprender, andar de ônibus e conhecer um pedaço da minha cidade nesse trajeto, por outro lado eu sofri alguns preconceitos por conta do cabelo e os meus dentes, então ouvia coisas como cabelo pixaim, cabelo duro, cabelo, chapa de burro, dente de cavalo e língua solta (porque quando falo minha língua fica sobre os dentes da arcada inferior) essas coisas me deixavam triste e quando relatadas a Dona Darcy ela não tomava iniciativa e tudo passava como se fosse despercebido. Lembro que uma vez que meu colega de sala pegou no meu cabelo, puxou e ele falou assim:

- Aii!

- Dona Darcy o cabelo dela fura!

E a única coisa que ela fez colocar a mão na boca e eles começaram a rir. Eu senti vergonha, mas dei um sorriso amarelo como se aquilo não tivesse me chateado e tentei entrar no clima daquela “descontração”. Foi aqui que comecei a pedir a minha mãe para alisar o cabelo e usar aparelho ortodôntico, que na época era impossível para nós por ser caro demais e

com isso inacessível para mim.

Aos 12 anos, entro para o Frei Caneca, uma escola estadual que atendia alunos da 5ª série até o magistério. Era muito difícil conseguir uma vaga na escola pública, mas Dona Zilda que era nossa conhecida e também avós de três primos meus, falou com a professora Jô Guedes que na época ministrava a matéria de geografia nessa escola, e aí consegui entrar no instituição. Mainha queria muito que eu fosse para essa escola por conta do magistério, mas não cheguei a fazê-lo porque depois de algum tempo ele passou a não mais existir lá. Por um lado só faltei pular de alegria porque eu não desejava ser professora, pelo contrário meu sonho era fugir de tudo que me lembrasse a escola. Mas hoje entendo que sua escolha para mim se dava porque ela queria que eu tivesse uma profissão e que fosse independente, porém só veio a entender isso muitos anos depois. É nessa escola que eu tenho o primeiro contato com o caderno de matérias, a caneta, e a inclusão de duas novas disciplinas, artes e inglês. Me deparo também com a figura masculina, como educador. As regras existiam mas nem todos cumpriam, as salas eram enormes comparadas as outras que já havia estudado, porém agora elas eram lotadas e muitas vezes com alunos bem maiores e mais velhos que nós devido às suas reprovações. Assistir a aula, as vezes era extremamente difícil porque esses alunos mais velhos costumavam ficar bagunçando e chamando a atenção na parte de trás da sala. Os professores se irritavam, chamavam a atenção e as vezes até expulsavam esses alunos da sala, mas no outro dia eles estavam lá. O bullying era algo bem mais intenso agora e passar despercebido era quase que um milagre. Eu já alisava o cabelo nessa época, mas achava insuficiente, por isso colocava bastante gel e muitas presilhas no cabelo. Como usar aparelhos era algo impossível, eu costumava sorrir de boca fechada ou com a mão sobre a boca, isso era algo tão relevante para mim que eu sempre me esquivava de apresentações de trabalho ou de qualquer coisa que tivesse que falar em público. Nessa época tive muitos professores, porém alguns foram bem cativantes e com semelhanças em comum, como a paciência, dedicação pelo trabalho e a forma de nos alertar para a importância dos estudos. A aula da professora Edna Silva era muito empolgante, ela nos ensinava Ciências e sua didática era recheada de explicações e diálogos que facilitavam bastante a nossa compreensão. Havia também a professora Josenilda, ela dava aula de matemática, era sempre bem humorada e passava

muitos exercícios como forma de fixação dos conteúdos com explicações diretas e objetivas, trazendo para nós clareza dos assuntos. As primeiras figuras masculinas que tive como professor foram na disciplina de História, em especial lembro-me do professor Esdras Monteiro, suas aulas eram bem divertidas e ele tinha muito amor por ensinar. Era bastante brincalhão, mas ao mesmo tempo sério quando percebia que os alunos não queriam estudar em suas aulas, para ele não era importante apenas que tivéssemos nota, mas sim que dominássemos o conteúdo e que levássemos aquilo para a vida. Negro, pobre e de periferia, ele sempre nos chamava a atenção para a importância dos estudos, e se irritava quando os alunos queriam brincar em suas aulas. Certa vez ele nos disse que não devíamos baixar a cabeça e nem tão pouco deixar para trás os estudos. Falou também das muitas vezes em que ele fora confundido pelos pais de alguns alunos como o zelador de uma escola privada de grande porte, da qual ele atuava, na cidade do Recife. Ele não era militante de nada, mas era perspicaz no sentido de nos alertar para a vida e de ampliar nossos horizontes através dos estudos. Muitas vezes ele convidou alunos a saírem da sala de aula e deixava claro que não colocaria falta neles, porém só ali quem realmente quisesse algo com a vida. Eu concluí meus estudos nessa escola em 2005, quando tinha 19 anos, depois que saí de lá não queria mais estudar porque eu sofri muito bullying em relação a minha orientação sexual e eu tinha muito medo de tudo isso se repetir. Meus pais sempre foram maravilhosos, porém este assunto sempre foi tabu para eles porque são católicos praticantes, sendo assim eu fingia que nada acontecia, me reprimia e sofria muito com essas práticas, e achei que a escola era palco de todo meu sofrimento, então resolvi literalmente não mais estudar. No começo não senti o impacto dessa decisão, mas depois vi que havia perdido muito tempo e foi quando comecei a correr atrás de tudo, e foi somente no Enem de 2016 que consegui passar em uma instituição superior. Em 2017 ingressei na Faculdade Joaquim Nabuco pelo Prouni e fui a primeira da minha família a estar em um curso superior. Meus pais ficaram muito felizes e orgulhosos, eu também gostei, mas o meu sonho era fazer o curso de Rádio, TV e Internet na UFPE porém não deu. Mas como estava determinada entrar em um curso superior eu agarrei a pedagogia e fiquei nessa instituição até 2019.1, que foi quando fiquei sabendo o que era a transferência externa. Nessa instituição duas professoras me chamaram muito a atenção, uma delas era a Márcia Basílio

e a outra, Renatha Costa, essas mulheres se tornaram fontes de inspiração para mim porque elas foram determinadas em suas escolhas e faziam bem o seu exercício. Márcia chegou na Pedagogia em razão de querer dar uma melhor qualidade de vida para o seu filho, que é autista. Foi na Pedagogia que ela encontrou formas de viabilizar o desenvolvimento de seu filho e a sua luta na causa do autismo. Muito inteligente, sempre disposta a ensinar, foi ela que me orientou sobre a transferência externa, em uma aula sua que estávamos vendo sobre a LDB, no artigo 49, ela explicou como era feito esse procedimento e me incentivou muito a participar dele, porque ela me disse que via muito esforço em mim e que na federal eu teria mais oportunidades de desenvolver essas potencialidades. Já a professora Renatha é uma mulher muito íntegra e carrega consigo um senso de responsabilidade, respeito e atitudes. Ela sempre nos trazia a importância de sermos verdadeiros, empáticos e de entender o respeito sobre o outro. Uma vez ao final de uma palestra tinha uma garota que estava assinando o nome de vários alunos que sequer estavam presentes, e aí a professora viu e chamou-lhe a atenção em um grito, a menina ficou parada lá, e ela tomou a mão da menina e a conduziu para uma parte mais restrita, e falou assim:

- Você não percebe o que está fazendo?!

- Isso pode parecer um ato simples para você, mas o que você está fazendo é um ato ilegal, igualmente a um ato de corrupção. Você está levando o nome dessas pessoas para um lugar em que elas nunca estiveram! E se você acha que está sendo amiga deles saiba que não está! Você simplesmente só está colaborando para que estas pessoas se inteirem de nada, e educação definitivamente não é isso.

Eu, assim como outras pessoas ouviram, porque estávamos esperando a ata passar para que pudéssemos assinar. Não sei se para elas essas palavras tiveram o mesmo impacto, mas para mim foi um ato bem profundo, porque uma coisa que pode parecer simples e irrelevante, pode ser o início de práticas incoerentes com aquilo que almejamos como educadores. Porque educar é transformar e dotar de sentidos, e quando você consegue entender isso, percebe que a claridade do ato tomado por ela não foi uma punição, mas sim a abertura para um caminho a realidade,

porque se você reproduz uma conduta errada nas coisas mais simples, consequentemente você vai levar isso para todos os âmbitos de sua vida, inclusive como um educador.

Quando tentei a transferência externa pensava em dois caminhos, o de uma educação melhor devido a minha idade e a possibilidade de conseguir custear meus estudos através da assistência estudantil para assim tentar me inserir nos projetos e principalmente aprender a pesquisar e participar de atividades como o Pibic (que sempre foi o meu sonho desde que entendi que poderia me tornar uma pesquisadora em educação). Cheguei na UFPE, no período de 2019.2, e literalmente meus olhos brilharam, foi um encantamento que até hoje não consigo mensurar o valor que existe para mim. Uma das primeiras disciplinas que tive foi a de Antropologia da Educação, a docente era bem conhecida na instituição, talvez como uma pessoa difícil, porém toda experiência é uma vivência individual. Ela foi uma pessoa significativa para mim porque as suas aulas me foram bastante ricas, foi a partir das aulas delas que compreendi sobre a importância da pesquisa, o que de fato era a Antropologia e porque a sua necessidade em um curso de Pedagogia e principalmente entendi que é na relação com o outro que há humanidade. Antropologia não foi só o conhecimento como o homem conduziu os seus processos de aprendizagem, mas sim se constituiu como um alicerce para compreender o que me rodeia. O senso político dela é algo vivaz, tem um espírito libertador e uma grande vontade por mudanças revolucionárias, é uma pessoa com muita experiência mas às vezes um tanto radical na forma de querer que as mudanças ocorram ou talvez eu ainda não esteja preparada para as suas ideias, mas de qualquer suas ideias me atravessaram e eu aprendi muito com ela. Outra pessoa da qual tomei admiração foi a docente do PPP1, aquela professora é magnífica, de um grande coração, que me trouxe muito conhecimento, com ela não há barreiras, o que ela puder fazer para contribuir no desenvolvimento do discente, ela irá fazer. Dedicada, prestativa, boa ouvinte, empática, orientadora e de um enorme carinho por seus discentes, ela é uma pessoa que contagia com tudo que traz e o que faz. Com a filosofia da Educação I e II tive o mesmo docente, uma pessoa muito inteligente, com um bom diálogo e as propostas de suas aulas eram fascinantes, e mesmo alguns textos sendo difíceis, ouvi-lo era como se estivesse abrindo uma porta para um mundo que até então eu nunca tinha adentrado. Agora no semestre

que estou há três docentes que me cativaram bastante, são das disciplinas de Educação Infantil, Fundamentos da Gestão da Educação Educacional e Escolar e a História do Brasil. Estas três docentes têm me trazido verdades, que não únicas, mas que carregam grandezas, hoje eu tenho perspectivas diferentes das áreas das quais elas trazem o conhecimento. A leveza e a seriedade que a docente da Educação Infantil nos proporciona em suas aulas é maravilhosa, é como se pudéssemos voltar a quando éramos crianças, é redescobrir o mundo, é renovar sentidos e principalmente entender o outro. Já na aula de Fundamentos da Gestão Educacional e Escolar ela vai além de um conjunto de leis, ela nos dá a visão de que uma gestão é antes de tudo uma força enérgica que demanda de pessoas que vivem educação, aquelas que a fazem acontecer, ela traduz em suas aulas a verdadeira identidade de uma gestão e o seu real caminho para acontecer. Por último e que posso citar o nome é você professora Raylane Navarro, as suas foram muito significativas, realistas e me deram a percepção de que a importância da história não está nas datas, mas sim no que estes eventos proporcionaram no passado e que se ligam ao presente. Conhecer o passado é interpretar o presente, e um povo sem história não conhece a sua força, assim é a minha visão sobre os seus ensinamentos. Lembra daquele dia que saí às pressas da sua aula? Então, eu não me chateei com a senhora por conta de um bom dia ou boa noite, eu apenas fui no passado e lembrei um pouco de minha vivência na escola, eu tive momentos bons e pessoas que assim como a senhora me atravessaram e me ensinaram para a vida, mas por outro passei por muitos conflitos que me causaram dor e naquele eu não soube lidar com isso, e por este motivo saí da sala porque tive vergonha de chorar. Mas desde aquele dia que a senhora explicara sobre o memorial, eu refleti muito sobre tudo, até pensei em desistir, mas aí percebi que estaria fazendo tudo errado, porque nas suas aulas e no seu conselho ali na frente da coordenação, eu aprendi a ver a vida por outros ângulos. Eu tava tão preocupada e com tanto medo de coisas bobas, que não estava conseguindo ver nada a minha frente além das minhas frustrações. E a senhora me falou para viver além daquilo que eu tava vendo, me falou também sobre a crise dos 30 anos e que assim como eu a senhora (que eu acho que não temos muita diferença de idade não) também tinha passado. Às vezes o passado não é uma porta fácil de ser aberta, porém aprendi em suas aulas que ele nunca deve ser esquecido e é sábio quem

sabe ressignificá-lo. Quando eu agora estou no estágio, eu olho aquelas crianças e penso em duas coisas: um dia eu vou estar no passado delas e um dia assim como eu elas vão refletir e pensar em que lhes atravessaram, em que lhes ensinaram de alguma forma e quem os marcou, e com isso eu quero ser alguém que eles possam lembrar de mim com orgulho, com saudosos e felizes por eu ter feito a diferença para eles. Esse presente que hoje vivo na vida deles, quero que seja repleto de sentidos e significados. E mais do nunca, hoje eu sei que esse caminho vai ser trilhado pela educação, porque eu já vejo esses frutos nos abraços de reconhecimento das crianças, na confiança a cada pedido de ajuda nas tarefas, no olhar perplexo a cada nova descoberta e até nos dias em que eles não estão bem, mas desejam ter alguém ao lado para ouvi-los. Eu sei que um dia eu serei também capaz, e que vou conseguir.

Professora sei que estou reprovada, mas obrigada por tudo que a senhora me fez ao longo dessa disciplina, de verdade, obrigada por acreditar em mim, obrigada por ser tão gentil e me mostrar que a vida múltiplos sentidos, porque às vezes a gente até sabe disso na teoria, mas na prática a vida nos cega, ou a gente ainda não tem maturidade o suficiente para entender certas coisas. Eu só sei que te agradeço de verdade por toda a força que você me deu e por essa contribuição significativa que a senhora me oportunizou. Antes de ser professora, a senhora é um ser de luz e uma pessoa muito boa, e se um dia eu me tornar uma professora quero carregar seus ensinamentos em minha prática e fazer a diferença na vida de alguém, assim como a senhora fez na minha. Professora, obrigada por tudo!

ANEXOS



À esquerda, de amarelo, minha mãe e a direita, a tia Adriana (professora do jardim I)



Aqui tinha 6 anos, essa foto foi tirada como recordação da alfabetização, já que minha mãe nesse tempo não pode fazer a minha festinha de ABC



Tia Socorro (professora da alfabetização) e eu



Festividade de São João, no ENSA



À esquerda minha Tia Lourdes, ao centro eu e a direita minha mãe.





Dicionário de inglês ganho no ditado realizado por Dona Darcy em nosso último ano letivo no Ensa

MINHAS MEMÓRIAS

Thais Barbosa de Siqueira Cavalcanti

Estou aqui sentada escrevendo meu memorial e percebo que só agora compreendo melhor o que estou fazendo. Um memorial pode ser definido como “um currículo comentado, a história de uma vida refletida, a autoanálise dos fatos memoráveis, visando especialmente pôr em luz a evolução na área de conhecimento escolhida” (D’ONOFRIO, 1999, p. 74, apud C MARA; PASSEGGI). No caso, estou escrevendo sob a perspectiva educacional e me chocando como a minha memória em alguns pontos é realmente boa.

Este é o segundo memorial que faço, porém, o primeiro foi um sobre a própria disciplina, o que foi debatido, quais textos foram lidos, ou seja, totalmente diferente do que estou construindo agora. O presente memorial se adequa às características de um memorial de formação, uma vez que tem como objetivo ajudar os escritores a terem consciência de suas trajetórias e experiências, dando a importância merecida à nossa própria história.

Na época em que estava na escola, tudo o que me acontecia era aceito com facilidade. Como sempre estive em escolas tradicionais, fui educada a aceitar o que me era imposto sem questionar e segui isso ao pé da letra. Cursando Pedagogia e olhando para trás, as situações que passei na escola começaram a fazer sentido.

Tenho 26 anos e para que seja mais fácil seguir a cronologia, vou dizer o ano de cada uma das minhas etapas.

Sei que estudei no maternal e infantil numa escola chamada Horizonte e que, de acordo com a minha avó, eu amava muito, mas meio complicado

lembrar da minha vida antes dos seis anos. Não tenho memória sobre esse tempo. Costumo dizer que fiquei mais consciente sobre mim quando minhas irmãs nasceram. Minhas lembranças são marcadas fortemente por elas. Acho que seria mais fácil falar da trajetória das minhas irmãs do que da minha, mas deixa eu começar a minha história...

Minha primeira memória na escola começa na alfabetização da escola Pingo de Gente (ótimo nome) em 2001. Sentada na minha cadeirinha, de frente para a Tia Vilma e repetindo as sílabas que ela falava. Tínhamos uma cartilha e ficávamos treinando nossa caligrafia. Uma educação bem tradicional.

Na minha época ainda era a alfabetização. A mudança no Ensino Fundamental só aconteceu quando eu já estava na faculdade e não fez muita diferença para mim, mas voltando para os meus seis anos, lembro-me muito bem de quando chegou um adolescente de 16 anos na nossa sala.

Eu achava aquilo engraçado e meio assustador. Engraçado porque ele era grande e estava junto com um monte de crianças de seis anos e nem sabia as sílabas direito, mas eu lembro de me sentir desconfortável com ele. Provavelmente ele deveria falar de assuntos que para a eu de seis anos deveria ser muito errado, então eu tinha medo e procurava ficar longe, mas os meninos amavam ele porque era o palhaço da turma.

Nesse momento, estou cursando a disciplina de EJA, e acabei lembrando desse menino. Fiquei me perguntando o porquê dele estar com a gente e não numa turma específica da EJA. A educação dos jovens e adultos não era uma modalidade. Ela funcionava mais como programas, movimentos e os tão famosos supletivos que duraram muito tempo, porque lembro perfeitamente de ver várias propagandas de supletivos nas ruas. Foi só em 1996 com a LDB que a EJA passou a ser uma modalidade da Educação Básica tendo seu próprio currículo, metas, avaliações, etc. O horário da EJA costuma ser noturno e essa limitação de horário acaba afastando os jovens como esse menino que estudou comigo. Ele era velho demais para as turmas regulares, mas muito novo para ficar numa sala só com adultos que poderiam não ser uma boa influência. Minha madrinha já ensinou na EJA e teve uma péssima experiência, visto que um de seus alunos foi armado para a escola.

No caso desse menino, acho que foi um pedido que não durou muito. Ele não ficou até o final do ano com a gente e acho que isso aconteceu por

ele ter se sentido bem desestimulado em estar numa sala cheia de crianças de seis anos que não sabiam nada sobre o mundo. Na visão dele, claro.

Algo que aprendi na disciplina de EJA é que para jovens e adultos a educação precisa ir além da memorização mecânica e Paulo Freire torna-se um divisor de águas ao se opor à abordagem tradicional da alfabetização, “restrita à memorização de letras e sílabas, cuja aprendizagem supõe o exercício de técnicas perceptivo-motoras com atenção aos aspectos gráficos da escrita” (OLIVEIRA; SANTOS, 2016, p.261), passando a compreender a alfabetização como um ato relacionado às experiências de vida dos sujeitos.

Enfim, continuei no Pingo de Gente e passei por Tia Solange e Tia Flávia. Eu amava tia Flávia. Não que tia Solange fosse ruim, mas acho que me incomodei com ela chamando minha atenção pela forma como eu fazia o “q” minúsculo na cursiva, porque ele parecia o símbolo do feminino (♀). Lembro dela pegar a minha mão e fazer a curvinha do “q” comigo. Adiantou? Não. Eu faço uma curvinha tão fina que parece uma reta.

Outro ponto que influenciou minha distância com Tia Solange é que ela não era uma professora afetiva. Ela era carinhosa na presença dos responsáveis, mas na sala de aula ela eramuito séria e lembro de ficar tensa nas aulas dela. E por ela ser minha adulta de referência essa variação abrupta de tratamento não me fazia bem e esse meu sentimento fez mais sentido quando li Paniagua e Palacios (2007), pois explicam que as crianças pequenas apoiam seu crescimento nos adultos de referência. Assim sendo, é necessário que esse adulto tenha estabilidade psicológica e tenha uma relação coerente com as crianças, porque elas são muito sensíveis a essas mudanças. A criança também precisa sentir que pode contar com o adulto quando precisa de afeto e eu não sentia isso com Tia Solange, por isso meu distanciamento.

Algo que eu não entendia bem na época era o porquê dos meus amigos não conseguirem ler direito na 2ª série. Muitos deles liam gaguejando, parando depois de uma palavra, enquanto eu lia direto sem pausa. Hoje, já compreendo que o meu diferencial era ter uma madrinha pedagoga que sabia como me estimular e meus amigos não contavam com esse apoio.

Na minha escola, a alfabetização tinha como objetivo ensinar a ler e escrever o nosso próprio nome, ler palavras simples e escrever textos

curtos, exatamente o que Souza, Leite e Albuquerque (2006) expõem em seu artigo. Minha alfabetização foi em 2001, ou seja, já existia o conceito de letramento, o de tornar a criança um leitor ativo e crítico, mas isso não acontecia na Pingo de Gente. Nós apenas líamos frases que as professoras mandavam. Tanto que me fizeram decorar o texto que eu leria na formatura do ABC e fiquei indignada quando me deram uma placa com o texto.

Pingo de Gente era uma escola de bairro e em 2004, na minha 3ª série, minhas irmãs e eu fomos estudar num colégio particular muito bom e aí aconteceu a virada de chave na minha vida. A sigla era GEO e depois mudou para CEG (Complexo Educacional dos Guararapes).

Nossa nova escola ficava em Jaboatão dos Guararapes. Imagine você, três crianças almoçando de 10:30, saindo de Água Fria de 11h para pegar o ônibus e chegar às 13:30 no colégio. A gente largava de 17:30 e chegava em casa às 19:30. Todo dia era um tormento. Esse tempo foi marcado por ônibus, integração e cochilos no colo de estranhos. Cheguei a babar todo o colo de uma mulher. Será que eu estava cansada? Mas obviamente que iria continuar no colégio! Minhas irmãs e eu tínhamos bolsa e a gente ia para onde tivéssemos bolsa.

Antes de sairmos de casa a gente ficava vendo TV e nossa infância foi marcada por programas como Rá-Tim-Bum, Castelo Rá-Tim-Bum, O pequeno urso, Timothy vai à escola, enfim, a manhã era cheia. Engraçado que foi apenas nesse ano cursando Educação Infantil que descobri que os desenhos da TV Cultura tinham sempre uma proposta pedagógica. de acordo com Oliveira (2013), nas décadas de 80 e 90, por conta do debate a respeito da necessidade de proporcionar às crianças os estímulos cognitivos adequados, começaram a exibir na televisão programas infantis visando reverter o alto índice de retenção nos anos iniciais.

Assim, os programas foram pensados por pedagogos e por técnicos tomando como base a experiência em outros países para assim atingir até mesmo crianças que não frequentavam sequer a pré-escola. O que eu mais gostava eram os Camundongos Aventureiros, o desenho francês que me ensinou bastante sobre a cultura de outros países.

O CEG era muito bom, mas não deixava de ser uma escola tradicional. Lembro que a estrutura era excelente. O colégio tinha 3 quadras imensas, uma piscina, laboratório (eu fiquei super animada quando usei um microscópio pela primeira vez). Cheguei lá na 3ª série e só no ano seguinte

comecei a me soltar com a turma, pois, por ser muito introvertida, falar com os outros era algo que demandava muito de mim.

O ensino no CEG, além da estrutura física, não tinha nada de inovador. Mas se você perguntasse para a Thais de nove anos ela iria dizer que era a melhor escola do mundo. Tínhamos uma sala para a aula de inglês e outra para a aula de artes; eu fazia aula de canto com Tia Valéria (inclusive, ela canta no coral Edgar Gomes) e lá aprendi a nadar (morria de vergonha por ter 10 anos e não saber nadar).

Quando papai começou a nos levar para o colégio de carro, tinha que esperar ele voltar do outro colégio que trabalhava pela manhã. Um dia, ele atrasou muito. Já eram 13h e nada dele. Quando chegou, estava todo ensanguentado e contou que um dos alunos se pendurar na barra do gol. A barra caiu na cabeça dele. Até hoje eu fico nervosa quando vejo crianças se pendurando em barras...

Em 2006, mudei de escola de novo e fui para o BJ (bureau jurídico) e aí fiquei até o final do ensino médio. Bom, 5ª série.... O que dizer? Com o colégio novo minha introversão piorou, por isso demorei um bom tempo para interagir com a turma e fazer amigos. Ademais, de um modo geral, minha passagem pelo fundamental II não me marcou muito a não ser pelo quesito recuperação, porque a partir da 6ª série eu me tornei figura carimbada tanto na recuperação quanto na final.

Quando, em seu artigo, Faria Filho e Vidal (2000) falam das escolas monumentos, minha memória me levou de volta à forma como as escolas por onde passei eram estruturadas. Na Pingo de gente, o nosso pátio ficava na frente das salas e não havia muito espaço porque a escola era minúscula. No CEG ínhamos espaço para tudo. Sendo que era perceptível que as salas no infantil eram bem maiores do que as do Fundamental e eu lembro por já ter ido várias vezes pegar minhas irmãs. Já no BJ, tínhamos um espaço central que era usado pelo Fundamental II e o Ensino Médio.

Entretanto, algo que todas tinham em comum era a organização da sala. As cadeiras eram enfileiradas e nas salas por onde passei sempre havia um batente na frente das fileiras onde as professoras ficavam. Outra questão que marca qualquer pessoa que passa pela escola são as provas. A partir da 6ª série as provas passaram a ser um motivo de grande sofrimento para mim, principalmente as de exatas, porque eu até tinha o raciocínio certo, mas sempre errava algo nas quatro operações e, por causa disso,

nunca acertava o resultado. Assim, consequentemente, a recuperação tornou-se algo sempre esperado.

Compreendo que a avaliação é algo importante para o professor conferir a aprendizagem dos seus alunos, mas na minha passagem pela escola a avaliação era muito pontual. Os professores só queriam saber como eu estava naquele momento, naquele assunto, naquele trimestre... Não sentia um interesse em saber se eu estava evoluindo. A avaliação não era feita de maneira contínua, e sim, somativa.

Todas as escolas faziam uma avaliação somativa que como Menossi et al (2019, p. 8) explica, tem como intenção

[...] verificar a aprendizagem através de medidas e quantificações. Vinculadas à ação de medir, esse tipo de avaliação pressupõe que os alunos aprendem ao mesmo tempo e da mesma maneira, não respeitando as diferenças e o tempo de aprendizagem de cada aluno.

E não havia respeito mesmo. Tínhamos uma cobrança muito grande e não éramos ouvidos. Eu passei todo meu período escolar me achando uma negação em exatas e saúde, porque eu não entendia e tinha um professor de química péssimo. Se não fossem os favoritos dele que fizessem a pergunta, ele simplesmente fazia outra questão e esperava que a gente entendesse.

Minhas escolas eram muito conteudistas, mas não era trabalhado o conteúdo atitudinal “que está relacionado à ideia de formação para os valores, como o respeito, a solidariedade, a responsabilidade, e a honestidade” (MENOSSİ et al, 2019, p. 9). No BJ os casos de bullying, racismo, LGBTfobia aconteciam com frequência e os próprios funcionários (professores, coordenadores, etc) eram os causadores principais.

Passei todo meu período escolar indignada por termos tantas aulas de exatas e português e tão poucas aulas de matérias mais interessantes como História. Se não me engano, só de Matemática eram cinco ou seis aulas por semana, quatro aulas de Química, três aulas de Física, quatro aulas de Biologia... Um tormento. Em Pedagogia, comentam que nosso currículo é muito voltado para as humanidades, mas eu não vivi isso. No BJ, que foi onde passei a maior parte da minha vida escolar, o foco eram as exatas e as outras disciplinas eram praticamente desprezadas.

O que me lembro muito do meu 3º ano do Ensino Médio é que ocorreu a mudança do acesso à universidade pelas cotas. Antes, os cotistas

tinham o acréscimo de um ponto na nota e competiam com ampla concorrência pelas vagas, sendo que esse ponto muitas vezes não fazia muita diferença por conta da discrepância entre os alunos das escolas públicas e das particulares. Por isso, foi sancionada em 2012, a Lei 12.711 que previa a reserva de 50% das vagas das universidades e institutos federais para estudantes advindos de escolas públicas e dentro desta reserva haveria regras para as vagas de alunos de baixa renda, negros, pardos, indígenas e deficientes.

Contudo, essa mudança foi um debate tremendo. Sempre estudei em escola particular e lembro das pessoas afirmando que os cotistas iriam roubar nossas vagas, que era injusto e etc. As instituições tinham até 2016 para cumprir a determinação, mas desde 2013 tiveram que separar 25% ou 12,5% do total de vagas ofertadas. A UFPE decidiu separar a cada ano 12,5% das vagas para os cotistas e ir aumentando essa porcentagem até chegar aos 50%.

Lembro de quando a direção da minha escola colocou a lista de cada curso, as vagas da ampla concorrência e dos cotistas e da nota de corte, enfim, tudo o que a gente precisava saber. Eu prestar para bacharelado em História e tinham 36 vagas apenas seis delas eram para os cotistas. Eu olhei para aquele número e achei um absurdo. “Essa lei não iria beneficiar? Agora tá muito mais difícil”, pensei.

Enfim, passado esse choque, me preparei para o vestibular, porque na minha época ainda existia a segunda fase pela COVEST. Foi horrível fazer a prova de Geografia! Tinha um mapa das nuvens que a gente tinha que dizer o que estava acontecendo nele e, para mim, tudo cinza. Não tinha nem um cinza mais claro e outro mais escuro, era o mesmo tom. Chutei bem linda e até hoje não sei como consegui passar na faculdade, mas ainda bem que passei, porque não existia a possibilidade de ir para uma particular.

Também fiz a prova da UNICAP e fiquei impressionada por ter me saído melhor na prova de Física do que na de História. A prova de História só tinha questões sobre Recife e eu não tinha aprendido nada disso, então foi uma tragédia. Passei em 4º lugar em Letras e mais uma vez não sei como. Acho que chutei muito certo na prova.

Mas o que eu queria mesmo era História e como era a UFPE, lá fui eu começar. As aulas começaram apenas em maio, porque a federal

estava de greve e lembro inclusive de nesse mesmo ano, 2013, ter havido a ocupação da reitoria contra a adesão do Hospital das Clínicas à Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh). Lembro perfeitamente que foram semanas falando sobre essa adesão e quando a votação se mostrou à favor, os estudantes ocuparam mesmo. Eu não fui para a ocupação, mas apoiei doando alguns mantimentos.

Eu entrei na faculdade justamente no ano em que foi proibido a realização de duas graduações ao mesmo tempo por uma única pessoa. Nesse sentido, quem havia entrado até 2011 poderia terminar os cursos de licenciatura e bacharelado juntos. Como eu entrei em 2013, não poderia fazer os dois cursos e, além disso, houve mudanças no currículo da licenciatura em História, as quais tornaram as disciplinas de educação extremamente teóricas, e, as de história, reduziram. Passamos a ter duas disciplinas de História da América e História de Pernambuco, a carga horária de História Medieval e História Antiga e passamos a ter três disciplinas de TCC.

De 2013 para 2014, fiz uma seleção para PIBIC (Programa Institucional de Iniciação Científica) que para mim foi um incentivo imenso para a pesquisa uma experiência incrível.

Em 2015, lembro de haver todo um debate entre meus amigos da licenciatura sobre o aumento da carga horária e o acréscimo de disciplinas práticas. Como eles tinham entrado antes, não iria afetá-los, mas foi inevitável não pensarmos como seria para os calouros. E foi nesse mesmo ano que a mudança no Ensino Fundamental chegou na minha vida.

A Lei nº 11.274, de 2006, ampliou o Ensino Fundamental para nove anos de duração e estabeleceu o prazo de implantação até 2010. Essa mudança aconteceu porque como a matrícula das crianças na escola só era obrigatória a partir do Ensino Fundamental, os pais deixavam as crianças nas creches, pulavam a alfabetização e elas acabavam chegando na 2ª série com a aprendizagem prejudicada. Dessa forma, a lei veio para resolver essa questão ao colocar o 1º ano (antiga alfabetização) no Fundamental I.

Demorei bastante para me acostumar com a nova nomenclatura e às vezes quando estou conversando com a minha madrinha, nós duas ficamos confusas porque na época em que ela era professora a organização educacional brasileira era bem diferente. O Ensino Fundamental era chamado de primário e havia o 1º e 2º grau. Inclusive, ela foi professora de Educação Moral e Cívica, pois começou a lecionar na década de 70, em

plena Ditadura Militar.

No ano de 2016, ocorreram diversas ocupações pelo Brasil contra a PEC 241 (a famosa PEC do Teto de Gastos, que colocaria um limite nos gastos públicos, congelando os recursos por 20 anos), a PL44 (permitia que entidades privadas pudessem firmar parcerias com o poder público para atuar nas áreas da saúde, educação e cultura) e a medida provisória do Novo Ensino Médio. Ademais, na época eu lutava Hapkido e fazia parte do comitê de autodefesa, então fui em alguns locais ocupados para ensinar autodefesa para o pessoal. Ainda em 2016, fui monitora de uma disciplina e aprendibastante.

Nesse mesmo ano, comecei as pesquisas para o meu TCC. Mudei de orientadora e o meu tema foi alterado umas três vezes, porque não achava fontes suficientes. Demorou, mas encontrei meu tema: as viúvas de marido vivo. Para poder fazer essa monografia, eu fui para São Lourenço da Mata entrevistar Maria Francisca, que mora desde que nasceu no meio de um canavial e que resiste em sair da sua terra, mesmo com as ameaças da Petribu. Entrevistei a filha dela e consegui até mesmo a xerox de um caderno que ela escreveu. Guardo tudo o que consegui nessa época com muito carinho.

Formei-me em 2017, e os debates sobre o Novo Ensino Médio ficaram mais acalorados e mesmo não sabendo muito sobre educação na época, já via as problemáticas dessa reforma. Um dos pontos que mais me chamava a atenção era a oportunidade dos estudantes escolherem as disciplinas, porque isso pode até parecer uma boa ideia, mas adolescentes mudam de opinião a toda hora. Eu comecei o Ensino Médio querendo medicina e terminei fazendo História.

Em 2018, tivemos os projetos chamados de Escolas sem Partido encabeçados por conservadores que propunham a “neutralidade” dos professores na sala de aula, defendendo inclusive que as crianças não deveriam ser estimuladas à participação política. Esse movimento existe desde 2004, mas ganhou força em 2015 e voz em 2018 com Bolsonaro. Ganhou tanto espaço que foram apresentados projetos de lei para garantir essa “imparcialidade” na educação.

Todavia, tirando os sentimentos negativos relacionados a esse ano por conta do Governo, 2018 foi meu ano de redescoberta. Passei a vida inteira acostumada a não conseguir falar com as pessoas, então para

mim, qualquer profissão que lidasse com público era impossível. Porém, na segunda metade de 2018, comecei a dar aula de História num cursinho preparatório e a trabalhar com recreação. Descobri que gosto de dar aula e que me dou bem com crianças.

Eu me sinto uma pessoa totalmente diferente. Passei a graduação inteira de História falando nas aulas e eventos porque passava mal só de pensar em me pronunciar. Decidi fazer Pedagogia e estou estagiando num colégio particular Apesar da minha turma me deixar tão esgotada no final do dia, amando a experiência.

Como disse anteriormente, minha turma atual é muito heterogênea por conta da mudança da lei de cotas. Nesse sentido, metade vêm de escolas públicas e. Para tanto, sabendo melhor a realidade de cada uma, fico muito grata por existir a Assistência Estudantil, porque tenho certeza que sem ela muitas das minhas colegas não estariam na universidade.

Desde 2018 vemos na Educação um retrocesso sem freio. Nesse ano de 2021 deparamo-nos com a nova política da Educação Especial, onde as crianças atípicas ficarão em salas de aula separadas das outras crianças. Essa visão segregacionista, no entanto, na prática, está presente desde de muito tempo. No meu 1º ano de ensino médio, por exemplo, estudei com uma menina cega, q. Os professores não sabiam como ensiná-la, apesar de terem uns que realmente se esforçaram para poder incluí-la. Além disso, ela não tinha nenhum tipo de acompanhamento e dependiam dos colegas.

É preciso uma educação verdadeiramente inclusiva, porque essas crianças vão crescer, vão trabalhar e não existirão empresas específicas para suas demandas. Elas precisarão lidar com pessoas típicas.

Enfim, termino esse memorial com vários sentimentos e o que se sobressai é o alívio. Alívio não por ter terminado uma etapa avaliativa, mas sim, por ver que apesar da minha trajetória num ambiente escolar muito problemático, minhas memórias não estão carregadas de mágoas.

Sou uma professora em formação e da mesma forma que eu sou um ser passível de erros, eles também eram. Senti revolta por algumas lembranças, mas não guardo rancor dos professores que passaram pela minha vida, pois agora compreendo que eles deram o seu melhor dentro de suas realidades e sou grata a todos eles.

MINHA TRAJETÓRIA ESCOLAR

Yngrid Larissa Sales Fernandes

Escrever sobre minhas memórias sempre foi uma tarefa difícil para mim, primeiro porque tenho uma péssima memória, segundo porque só de pensar em escrever sobre as minhas vivências me dá calafrios e terceiro porque isto faz eu me perguntar “Por que alguém iria querer ler sobre minha trajetória?”. Este memorial está sendo escrito por obrigatoriedade, como requisito para aprovação na disciplina de história da educação do curso de pedagogia da UFPE e eu espero que daqui para o final dele, eu tenha escrito por prazer e não por obrigação. Isto me faz lembrar que não me apresentei, então vamos do começo.

Meu nome é Yngrid, Yngrid Larissa Sales Fernandes. Tenho até esta data vinte e dois anos de idade e atualmente curso pedagogia na Universidade Federal de Pernambuco. Estou grávida de um menino e darei à luz (ao que tudo indica) no mês de novembro. Talvez estas informações não sejam tão importantes, mas ao longo deste memorial elas mostrarão grande impacto na minha trajetória escolar.

Quando li a proposta deste memorial no cronograma da disciplina de História da Educação pensei: “Meu deus, sobre o que vou escrever?” e logo depois “Isso é o de menos, o que é, e como fazer um memorial?”, automaticamente peguei o celular, abri o google para pesquisar e me deparei com o significado “relato de memórias” descrito pelo Dicionário Google. Relato de memórias, relato de memórias... Isto martelava na minha cabeça e me fazia questionar o sentido de escrever sobre lembranças que provavelmente só eu teria, eu teria que escrever coisas que eu vivi, sob

minha perspectiva, através do meu olhar... Bom, não parece tão ruim assim falando eu voz alta. Pesquisando mais a fundo me deparei com a seguinte conceituação, descrita pelas autoras Sousa, Catani, Souza e Bueno (1996) na obra “Memória e autobiografia: Formação de mulheres e formação de professoras”:

Ao serem produzidos, os relatos visavam a uma espécie de reconstituição de experiências capaz de provocar a localização de episódios significativos ao longo do processo de formação na história de vida escolar e extraescolar das pessoas. (SOUZA; CATANI; SOUZA; BUENO, 1996, p.61-62)

Escrever as minhas memórias, sobre minha trajetória escolar, sob meu ponto de vista, localizando episódios significativos pode ser interessante. Agora, vamos começar de verdade. A primeira escola na qual eu tive contato ficava na esquina da casa onde eu moro até os dias de hoje, estudei lá dos três aos treze anos de idade, da Educação Infantil ao Ensino Fundamental anos finais, é uma instituição particular e ela ainda existe e funciona bem, uma das melhores escolas do bairro onde vivo. Não tenho muitas lembranças dos meus primeiros anos, lembro apenas os rostos e nomes de algumas professoras e o cheiro das salas que frequentei (não me perguntem o porquê).

Ingressei no antigo maternal aos três anos de idade e escrevendo sobre isso agora me pego pensando o que levou, na minha época, a implantação deste nome no primeiro nível de educação escolar, maternal... Esta palavra remete a maternidade, e pela minha experiência, a maior parte dos profissionais que trabalham na Educação Infantil são mulheres. Nas aulas da disciplina, muito se discute sobre o papel da mulher na sociedade desde o período colonial e sobre o processo de feminilização do magistério. Em uma matéria publicada no site Nova Escola por Dimíttria Coutinho em 2019, é afirmado que esta etapa de ensino tinha um caráter distanciado da educação, era uma etapa visada no cuidado, no qual as professoras eram vistas como babás, isso mesmo, professoras, no feminino, pois a visão de cuidado sempre foi imposta em cima das mulheres. Segundo Martins e Richartz (2020, p.55) a mulher como professora deveria “ficar subentendida a figura de uma mãe, onde é preciso ter mais afetividade com as crianças do que se preocupar com sua aprendizagem de fato”. Será este o motivo desta nomenclatura?

As autoras citadas anteriormente fazem uma reflexão acerca desta pergunta (não especificamente), afirmando que o processamento das memórias femininas enfrenta “uma série de desafios de ordem teórica e metodológica, contradições e ambiguidades, em que muitas perguntas ainda não têm resposta” (SOUSA; CATANI; SOUZA; BUENO, 1996, p.62). É muito difícil lembrar sobre a trajetória escolar nos dias de hoje sem um olhar crítico, reflexivo e sem problematização acerca o que era (e ainda é, por muitos) tão normalizado. Mas vamos continuar.

Como eu ia dizendo, ingressei na Educação Infantil aos três anos de idade, na época as etapas seguiam a seguinte ordem: maternal, jardim I, jardim II e alfabetização. Cursei normalmente o maternal e o jardim I, porém ao chegar no jardim II, a mesmice de atividades me entediou, minha mãe fala que eu não queria mais ir à escola, pois a professora só passava atividades de cobrir as letrinhas, desenhar e pintar, quando eu já sabia e queria mais. Dessa forma, em conversa com a professora e diretora, decidiram me adiantar e me colocar direto no jardim II, se eu me adaptasse, seguiria o ciclo, se não, retornaria. Me adaptei, prossegui e na alfabetização, com apenas cinco anos de idade, já sabia ler e escrever com fluência, fui até oradora da turma na formatura do ABC.

Nesta época, a Educação Infantil, já possuía um caráter educacional, para além dos “cuidados maternos”, seguindo a Lei de Diretrizes e Bases 9.394/96, quando afirma que na Educação Infantil o objetivo da escola e dos profissionais é desenvolver integralmente as crianças até os seis anos de idade. Nesta fase, passávamos pelos primeiros passos para apropriação do sistema alfabético, além de aprender a conviver em sociedade, distinguir o certo e o errado, entre outras coisas, porém, a obrigatoriedade do ingresso no Ensino Fundamental com seis anos de idade só veio acontecer efetivamente a partir de fevereiro de 2006, e quando me formei na alfabetização o ano era 2005, assim, com cinco anos de idade, consegui ingressar no ensino fundamental sem nenhum empecilho.

Lembro como se fosse hoje o dia em que li minha primeira palavra com fluidez e facilidade, num cartaz colado na sala de aula: “elefante”. Todo mundo ficou boquiaberto, a professora se emocionou e todos me aplaudiram, não entendi muito bem e não entendo até hoje, mas pelas reações, vejo como uma conquista. Algumas semanas depois fizemos uma prova na qual uma das questões consistia em escrever o nome das figuras,

e lá estava ele, o elefante. Acho que me senti tão pressionada por ter sido aclamada na sala de aula por ter conseguido ler aquela palavra que no momento da prova, esqueci como escrevê-la. Chorei inconsolavelmente. Esta é a única memória forte que tenho da minha Educação Infantil.

Partindo para os anos iniciais do meu Ensino Fundamental, me deparei com novos ciclos de amizades, novos professores e um novo prédio da escola, assim, tudo com o que eu já estava acostumada deu lugar a coisas novas, o problema é que eu nunca lidei bem com mudanças. O começo foi um pouco difícil pois me senti um pouco solitária, mas para minha surpresa logo isso mudou, assim como grande parte das crianças, os laços de amizade foram crescendo cada vez mais, amizades essas que, por incrível que pareça, levo comigo até os dias de hoje.

No geral, esta fase foi bem tranquila, iniciei o Ensino Fundamental aos cinco anos, só completaria seis no mês de junho, sempre sendo a mais nova da classe. Quando ingressei, as nomenclaturas se davam por série, 1ª série, 2ª série e 3ª série, porém, de acordo com os documentos do MEC no Parecer nº 04/2008, no ano de 2008 houve a implementação do Ensino Fundamental em nove anos e a nomenclatura foi alterada para anos, 1º ano, 2º ano, 3º ano, a partir da antiga alfabetização. Me recordo que foi muito difícil me adaptar à nova nomenclatura, como éramos muito novos, eu e meus colegas de sala não entendíamos o porquê dessa mudança, e foi ainda mais difícil pois a pegamos bem no meio. Começamos na 1ª série, depois 2ª e em meados da 3ª série devíamos chamar de 4º ano, foi uma confusão, mas aos poucos foi dando certo, fomos nos acostumando e entendemos os motivos da mudança.

Nos anos iniciais do meu Ensino Fundamental, me deparei com professoras incríveis, sim professoras, pois do maternal até o 5º ano eu não tive professores homens, algo comum de se ver até os dias atuais por diversos motivos, porém um deles me chama a atenção nos dias de hoje: a feminilização do magistério e da pedagogia, como se o homem fosse inferiorizado caso seguisse esta área profissional, pois é uma formação para mulheres, já que foi “abandonada” pelos “homens de verdade” visto que não havia grande retorno financeiro (FERREIRA, 1998). A autora complementa trazendo um recorte do Relatório do Governo de Pernambuco de 1891, que trata sobre a feminização dessa profissão, deixando claro os motivos pelo qual a pedagogia e a função professor é preenchida em grande parte

por mulheres:

Sabe-se que a mulher tem mais facilidade, mais jeito de transmitir aos meninos os conhecimentos que lhes devem ser comunicados. Possui maneiras menos rudes e secas, mais afáveis, atraentes que os mestres, aos quais incontestavelmente vence em paciência, doçura e bondade. Nela predominam o instintos maternos e ninguém como ela possui o segredo de cativar a atenção de seus travessos e inquietos ouvintes, sabendo conseguir que as lições, em vez de tarefa aborrida, torna-se-lhes como uma diversão, um brinquedo. Em vez de caradura séria inflexível, do mestre (e por isso mesmo pouco simpática as criança) já estas encontram na professora a graça e o mimo próprio da mulher" (ALEPE, 1891 *apud* FERREIRA, 1998, p.49).

Hoje é muito mais fácil encontrar homens em cursos de pedagogia, porém algumas escolas ainda possuem receio na contratação da figura masculina para exercer este trabalho, exatamente por conta de toda historicidade que perpassou nossa sociedade sob a profissão de professor.

Como eu havia dito anteriormente, minhas professoras foram incríveis, uma, em especial, marcou incrivelmente a minha vida, exemplo de mulher e principalmente de profissional. Hoje, como estudante de pedagogia, desejo ter um pouco dela em mim. Ela foi minha professora quando eu estava no 5º ano do Ensino Fundamental e trabalhava com muito amor. Ela dava aula apenas a minha turma e só no horário da tarde, pois trabalhava no banco pela manhã, isso sempre me deixou com uma pulga atras da orelha, me pegava pensando “por que alguém que ama tanto ensinar e faz isso tão bem, trabalha em outro lugar, que não tem nada ligado a educação?”, porém nunca perguntei a ela.

No ano seguinte ela não trabalhava mais na escola e nunca mais nos vimos, até que no meu primeiro período da faculdade, em 2019, nos encontramos. Eu a reconheci no mesmo instante, não havia mudado nada, ela não me reconheceu logo, mas durante a conversa, se recordou. Ela ficou radiante quando me ouviu dizer que estava cursando pedagogia na Universidade Federal de Pernambuco e eu não poderia perder a oportunidade de fazer aquele questionamento de quando eu era criança. Me choquei com a resposta. Ela falou que seu pai

dizia que ela só continuaria a morar com ele se tivesse uma profissão de verdade, visto que professor não dava dinheiro, então, pela manhã ela trabalhava no banco e a tarde trabalhava escondida como professora na

escola que eu estudei, fazia isso porque amava mais do que tudo na vida. Me emocionou só de lembrar.

É impossível recordar desse momento e não refletir sobre a realidade que por muitos anos assombrou as mulheres no nosso país, desvalorização, rejeição, preconceito e desigualdade são palavras completamente ligadas a história das mulheres professoras.

Os anos finais do Ensino Fundamental foi outro processo de adaptação, pois até então, as professoras eram polivalentes, ou seja, lecionavam todas as disciplinas, e neste período não mais, um professor para cada matéria. No início foi um pouco estranho, mas logo nos acostumamos com professores homens lecionando. Foi uma fase que para mim, passou rápido demais, tão rápido que quase não consigo me lembrar, só lembro que foi uma fase feliz.

Ao chegar no último ano do Ensino Fundamental se iniciou toda aquela pressão para o Ensino Médio, provas mais elaboradas, aulas extras aos sábados, cursinhos preparatórios para ingressar nas escolas técnicas renomadas como as ETE's e os IF's... Nesta época eu queria fazer direito na faculdade, então o que eu iria fazer numa escola técnica? Ah, mas todo mundo queria, todo mundo só falava disso, eram os cursos técnicos que geravam mais empregos, nós já iríamos sair do Ensino Médio empregados... Essas falas acabaram me convencendo, mas eu nem preciso dizer como acabou, né? Consegui ingressar num curso qualquer no IFPE e até que gostei do curso, mas confesso que foi minha pior fase escolar.

O ensino médio foi a minha maior frustração como estudante, nesta escola os professores tinham prazer na reprovação dos alunos e o desprazer com aulas realmente instigantes e didáticas, conteúdos maçantes nos eram jogados sem a menor preocupação de perguntar “alguma dúvida? conseguiram entender?”. Este período foi o período em que me senti mais incapaz. Reprovei a disciplina de matemática três vezes e física uma, nunca fui boa em ciências exatas, passei por algumas disciplinas “raspando” e me perguntando “será que sou realmente tão burra assim?”. Minha turma inicial era de 45 pessoas, acabamos o ensino médio técnico após quatro sofridos anos com apenas 12, os alunos que não reprovaram o período inteiro, desistiram e mudaram de escola. A evasão escolar foi gigantesca, meus colegas de classe, assim como eu, pensavam que o problema estava neles, que não eram capazes e que aquilo não era para eles.

Demorei mas depois de tudo o que vivi e presenciei consegui entender que o problema não era eu, ou os meus colegas de classe, nem mesmo as disciplinas que eram difíceis demais, e sim a forma na qual a maioria dos professores não estavam preocupados com a qualidade do ensino que nos ofereciam, apenas com o resultado final, suas avaliações se baseavam em encontrar nossos erros e não em considerar o que aprendemos, eles não se importavam com o nosso processo nem com o conhecimento que nós adquirimos durante os períodos, apenas com as notas no final deles.

Segundo LUCKESI, 2011 citado por MARTINS e GUISSO, 2019:

A avaliação, tem como objetivo um ensino-aprendizagem significativo, o que quer dizer, avaliar de forma expressiva é desenvolver práticas educativas, levando em consideração os conhecimentos prévios dos alunos; diagnosticando as defasagens metodológicas, tanto das práticas avaliativas, quanto do sistema de ensino, com conteúdo que auxilie a aprendizagem do aluno e não apenas a memorização” (LUCKESI, 2011 *appud* MARTINS E GUISSO, 2019 p.2)

Entretanto, foram poucos os professores que seguiram esse princípio e conseguiram proporcionar um ensino-aprendizagem de qualidade e significativo, sem usar uma forma bancária de educação e o que poderia ter sido o melhor período dos meus anos escolares, se tornou o meu pior pesadelo.

Os meus dois últimos anos foram ainda piores, perdi meu pai em 2016 e meus avós maternos em 2017. Me vi perdida, só queria jogar tudo para o alto e sumir, não havia mais sentido estar ali, ou em qualquer outro lugar. Com o apoio da minha família e amigos consegui superar aos poucos e seguir em frente, mas essas perdas causaram sequelas presentes em mim até os dias de hoje, infelizmente fazem parte da minha história, parte de quem sou e felizmente me tornaram forte e comprometida com meus sonhos.

Apesar dos apesares, eu consegui finalizar meu Ensino Médio, porém sem sucesso na garantia do diploma e menos ainda na garantia de emprego. Para conseguir o diploma, era necessário realizar um estágio na área do curso técnico e entregar um relatório das atividades desenvolvidas, porém não consegui o estágio e nem o diploma, assim como a maioria dos meus amigos, mas continuei a procurar, pois depois de tanto sofrimento, eu merecia demais aquele diploma.

Enquanto procurava pelo estágio, decidi fazer um curso pré-vestibular para ingressar na universidade, já que não havia conseguido ainda. Então, no ano de 2018 comecei o cursinho e pasmem: o curso no qual eu sempre sonhei em fazer (Direito), foi totalmente jogado de lado quando me deparei com os professores incríveis do pré-vestibular. Como eles conseguiam? Como era possível passar tanto conteúdo de uma forma tão leve, tão divertida, tão significativa? A cada dia, a cada aula eu me encantava mais e mais com a profissão de professor. Comecei a pesquisar mais sobre os cursos, porém os achava muito específicos, não me via ali. Até que em conversa com um dos professores, ele falou sobre o curso de pedagogia, relatou que todos os professores que estavam ali eram pedagogos e especializados em uma área do conhecimento, talvez por isso tanta didática.

Pesquisei mais sobre o curso e me apaixonei, estava decidida, iria prestar o Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM) para o curso de Pedagogia. Me dediquei bastante o ano todo, precisava passar numa universidade pública pois não tínhamos condições de pagar uma particular, e consegui! Ao ver minha nota, mesmo antes do resultado oficial, estava claro que iria conseguir a vaga, e aí veio o balde de água fria: eu não possuía diploma de conclusão do Ensino Médio, como iria me matricular? Entrei em desespero, mas uma amiga me aconselhou a procurar a secretaria de Educação de Recife para fazer uma prova que concebia o diploma de ensino médio, como um supletivo (conhecido hoje como a EJA), porém um pouco diferente do previsto na LDB/71 e na Constituição 1988. Eu não precisaria cursar as aulas, eu só precisava realizar provas das disciplinas presentes no Ensino Médio, alcançar a média igual ou superior a seis e ganharia o diploma, eu só precisava comprovar que com minha nota eu passaria na universidade. Eu nem sei se isso era permitido pela lei, mas eu estava tão desesperada que topei.

Como estava já muito em cima da hora de realizar a matrícula na universidade, precisei realizar todas as provas em um mesmo dia. Fiz doze provas, cada uma com vinte questões e saí de lá quase maluca, mas consegui o diploma, e como imaginei, também fui aprovada na Universidade Federal de Pernambuco no tão sonhado curso de Pedagogia. Iniciei no ano de 2019 e hoje, em 2022, estou mais perto do que nunca de finalizá-lo.

O curso de Pedagogia é muito melhor do que imaginei, aprendi e

continuo aprendendo inúmeras coisas essenciais para minha formação cidadã e profissional, porém no início foi difícil, pois apesar de ter estudado em uma escola de referência, por ter um caráter muito tecnicista, não havia um preparo para a universidade, principalmente quando se fala em pesquisa. No Ensino Médio aprendi a copiar e colar, apresentar seminários de forma mecânica e reproduzindo algo que outro alguém criou, não fazia ideia de como formatar um texto e muito menos a diferença entre um resumo e uma resenha, por exemplo. Essas foram algumas das muitas dificuldades que tive no primeiro ano de formação, mas na vivência tudo se tornou tão fluido, tão natural, que quando notei, já fazia todas essas coisas de olhos fechados.

No início da minha graduação passamos por uma enorme catástrofe: a pandemia do novo corona vírus. Foi necessário o início das aulas remotas/online e foi um momento muito difícil para todos. Se adaptar ao ensino-aprendizagem via google meet não foi nada fácil, porém foi ainda mais difícil voltar ao ensino presencial após dois anos de pandemia. Hoje, falando por mim, vejo que consigo me adaptar facilmente a mudanças, consegui manter meu bom desempenho nas aulas remotas e na volta presencial também, apesar de ser bem mais cansativo precisar se deslocar até a Universidade.

No último período remoto eu descobri que estava grávida e foi simplesmente um choque. Sempre sonhei em ter filhos, mas nunca imaginei que seria tão cedo. Minha ordem de metas era: me formar na faculdade, fazer mestrado e doutorado, conseguir um bom emprego, construir um lar e só depois ser mãe. Essa cronologia foi quebrada, e eu me quebrei junto.

Quando perdi pessoas importantes na minha vida, prometi a mim mesmo que faria de tudo para orgulhá-los, então busquei refúgio nos estudos e me dediquei completamente a ele. Até então tudo corria exatamente como eu planejava, até descobrir a gravidez. Eu só conseguia pensar que meus estudos e minha carreira estavam destruídos, que eu teria que para toda minha vida para ser mãe e que eu não iria conseguir realizar meus sonhos acadêmicos. A sociedade implanta na nossa cabeça que ser mãe é abdicar de tudo o que sonhamos e construímos para nos dedicar exclusivamente a outro ser. Dizem que nossa vida acaba quando engravidamos e viramos mãe e que é nossa culpa, não nos cuidados, fomos

irresponsáveis, inconsequentes... E isso não é verdade, se você tiver uma rede de apoio, quiser e puder, claro. É essencial que “nunca subestimem o poder que nós mulheres temos de definir nossos próprios destinos” (As sufragistas, 2015), somos nós quem o fazemos.

Sigo firme na minha trajetória e não pretendo desistir dos meus sonhos, sei que não será fácil, mas preciso tentar, estou disposta a alcançar minhas metas e apenas eu quem tenho que decidir sobre a minha vida. Tenho plena noção da sociedade machista em que ainda vivemos, no qual toda responsabilidade no cuidado da criança deve ser maternal, mas não serei corrompida por esta sociedade. Eu vou conseguir!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABUD, Katia Maria. **A História nossa de cada dia: saber escolar e saber acadêmico na sala de aula**. Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad, p. 107-127, 2007.

A Docência Elementar nos Limites de uma Territorialidade Feminina?. *In*: FERREIRA, Andréa Tereza Brito. **A MULHER E O MAGISTÉRIO: RAZÕES DA SUPREMACIA FEMININA (A PROFISSÃO DOCENTE EM UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA)**. 1-3. ed. Recife: Top. Educ., 1998. v. 16. Disponível em: file:///C:/Users/Administrator/Downloads/22455-41666-1-SM.pdf. Acesso em: 1 out. 2022.

AGUIAR, Edinalva Padre. **Consciência Histórica, Narrativa Histórica E A Inter-Relação Com O Ensino De História**. Cadernos de Pesquisa: pensamento educacional, v. 9, n. 21, p. 125-143, 2014.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia – Geral e Brasil**. 3 ed. São Paulo: Moderna, 2006.

ARELARO, Lisete Regina Gomes. **O ensino fundamental no Brasil: avanços, perplexidades e tendências**. Educ. Soc. Campinas, v. 26, n. 92, p. 1039-1066, Out. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302005000300015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 06 Nov. 2020

AVELLAR, H. de A. **História administrativa do Brasil**. História administrativa do Brasil: História administrativa do Brasil a administração pombalina. 2.ed. Brasília: FUNCEP/ Editora da Universidade de Brasília, 1983.

Barros, J. D'Assunção. **História e memória** - uma relação na confluência entre tempo e espaço. MOUSEION, vol. 3, n.5, Jan-Jul/2009

BITTENCOURT, Circe. **Conhecimento histórico: conceitos fundamentais**. In: Ensino de história: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2008.

BOAS, S. V. **Biografismo**: reflexões sobre as escritas da vida. São Paulo: UNESP, 2007, pp. 83.

BONDÍ, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Tradução de João Wanderley Geraldi. Revista brasileira de educação, n. 19, p. 20-28, 2002.

BORGES, V. P. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes**

Históricas. São Paulo: Contexto, 2008. p. 203-234.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Lei de 15 de outubro de 1827.** Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM..-15-10-1827.htm#:~:text=LEI%20DE%2015%20DE%20OUTUBRO,lugares%20mais%20populosos%20do%20Imp%C3%A9rio](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM..-15-10-1827.htm#:~:text=LEI%20DE%2015%20DE%20OUTUBRO,lugares%20mais%20populosos%20do%20Imp%C3%A9rio.). Acesso em: 09 de out. 2022.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional 11.274**, de 6 de fevereiro de 2006. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/l9394.htm. Acesso em 09/out/2022.

BRASIL. **Lei nº. 11.274, de 6 de fevereiro de 2006.** Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei nº. 9.394 de 20 de dezembro de 1996, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade.

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012.** Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 30 ago. 2012. Seção 1, p. 1.

BRASIL, Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência.** Disponível em: <http://www.planalto.gov>

BRASIL. **Ministério da Educação:** Conselho Nacional de Educação. Nº 20. 2009. p. 1-22.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF: MEC, 1996.

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010.

BRASIL. **Lei Ordinária nº 13.968/2009.** DOE - Poder Executivo. 2009. p. 10, pp. 2.

BRASIL. **Projeto de lei 3044/2008.** Dispõe sobre a universalização das bibliotecas escolares e determina outras providências. Brasília: Congresso Nacional, 2008.

BRASIL. Regulamento do art. 80 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiros e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUFFA, Ester; NOSELLA, Paolo. **A educação negada:** introdução ao estudo da educação brasileira contemporânea. São Paulo: Cortez, 1991.

CARAPELLO, Raquel. O racismo camuflado pelo Bullying. **Revista Educação-UNG-Ser**, v. 15, n. 1, p. 171-178, 2020.

CARVALHO, L. R. de. As reformas pombalinas da instrução pública. As reformas

pombalinas da instrução pública São Paulo: Saraiva/Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

CASIMIRO, Ana Palmira Bittencourt Santos. **Igreja, Educação e Escravidão no Brasil**. Politeia-História e Sociedade, v. 7, n. 1, 2007.

COUTINHO, Dimíttria. **De babá a professora**: A evolução da Educação Infantil. [S. l.], 23 set. 2019. Disponível em: <https://gestaoescolar.org.br/conteudo/2263/de-baba-a-professora-a-evolucao-da-educacao-infantil>. Acesso em: 29 set. 2022.

CRUZ, F. M. L. OLIVEIRA, V. C. **A avaliação da aprendizagem e atuação docente na Educação a Distância on-line: sentidos e problemáticas**. LUMEN, Recife, v. 25, n. 2, p. 25-38, jul/dez. 2016.

CMARA, Sandra Cristinne Xavier da; PASSEGGI, Maria da Conceição. **O gênero memorial acadêmico no Brasil**: concepções e mudanças de uma autobiografia intelectual. Disponível em: <http://www.gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2012/arquivos/%C3%A1reas%20tem%C3%A1ticas/G%C3%AAneros%20textuais/Sandra%20e%20Maria%20-%20O%20G%C3%8ANERO%20MEMORIAL%20ACAD%C3%8AMICO.pdf>

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Bahia, ed. edufba, 2008, p. 122 - 124.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VIDAL, Diana Gonçalves. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. *In: Revista Brasileira de Educação*. Mai/Jun/Jul/Ago, 2000, p. 19 - 34.

FRANÇA, Franciele Ferreira; SOUZA, Gizele de. **Modos de fazer, modos de ensinar: os métodos de ensino na História da Educação pública paranaense na segunda metade do século XIX**. Linguagens, Educação e Sociedade, n. 27, p. 135-160, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 1.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1974.

FREITAG, B. **Aspectos filosóficos e sócio-antropológicos do construtivismo pós-piagetiano**. *In: GROSSI, E.P., BORDIM, J.* Construtivismo pós-piagetiano: um novo paradigma de aprendizagem. Petrópolis: Vozes, 1993, p.26-34.

GAUER, Gustavo. **Memória autobiográfica**: qualidades fenomenais da recordação consciente e propriedades atribuídas a eventos pessoais marcantes. 2005.

GOMES, V.; MACHADO-TAYLOR, M. de L.; SARAIVA, E. V. O ENSINO SUPERIOR NO BRASIL - BREVE HISTÓRICO E CARACTERIZAÇÃO. *Ciência & Trópico*, [S. l.], v. 42, n. 1, 2018. Disponível em: <https://fundaj.emnuvens.com.br/CIC/article/view/1647>. Acesso em: 11 out. 2022

GÓMEZ, A. I. P. **A aprendizagem escolar**: da didática operatória à reconstrução da cultura na sala de aula. *In: SACRISTÁN, J. G.; PÉREZ GÓMEZ, A. I.* Compreender e transformar o ensino. 4.ed. Porto Alegre: Artmed, 2000. Data de Acesso: 07/04/2017.

GOHN, M. G. **Educação não-formal e o educador social**. São Paulo. ed. Cortez, 2010. p.16.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da**

Educação, Campinas, n. 1, p. 10-11, 2001.

KUJAWA, D. R.; MARTINS, A. R. de Q.; PATIAS, N. D. A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO E DA ESCOLA NO BRASIL. **Revista Sociais e Humanas**, [S. l.], v. 33, n. 3, 2020. DOI: 10.5902/2317175837574. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/sociaishumanas/article/view/37574>. Acesso em: 10 out. 2022.

LEAO, Denise Maria Maciel. **Paradigmas Contemporâneos de Educação: Escola Tradicional e Escola Construtivista**. Cad. Pesqui. São Paulo, n. 107, p. 187-206. Julho, 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010015741999000200008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 Nov. 2020.

LE GOFF, Jacques. “Memória”. In: **História e Memória**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994, p. 423-483.

LIMA, Ivonete Cristina Campos. **Ensino e Oralidade em Ambientes Plurais: Possibilidades de Pesquisa em História Local e Regional**. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História, 2013.

Lima, J.G. (2014). **Lembranças do meu tempo de escola: História e memória de vida educacional de graduandos em cursos de licenciatura através de memorial**. Anais do XII Encontro Nacional da História Oral: Política, ética e conhecimento. Universidade Federal do Piauí, Teresina. Recuperado: 14 jun. 2016.

MACIEL, Lizete Shizue Bomura; SHIGUNOV NETO, Alexandre. A educação brasileira no período pombalino: uma análise histórica das reformas pombalinas do ensino. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 32, n. 3, p. 465-476, Dec. 2006.

MARTINS, Leydiane da Conceição Gomes Ferreira; GUISSO, Luana Frigulha. Avaliação: um desafio no processo de ensino-aprendizagem na educação. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**. Vol. 24, Maio de 2019.

MARTINS, Mariana Borges; RICHARTZ, Terezinha. A descaracterização d a profissão docente resultante das desigualdades de gênero. **Políticas Públicas, Educação e Diversidade: Uma Compreensão Científica do Real**, [s. l.], p. 50-60, 2020. Disponível em: <https://downloads.editoracientifica.org/articles/200901409.pdf>. Acesso em: 3 out. 2022.

Menossi, Luana Évelen Ussuna. ET al. **A avaliação da aprendizagem escolar: para além da verificação de resultados**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 04, ED 06, Vol. 01, pp. 16-29, junho de 2019. ISSN: 2448-0959

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Coordenação-Geral Do Ensino Fundamental. **Ensino Fundamental De Nove Anos: Passo A Passo Do Processo De Implantação**. [S. l.], SETEMBRO 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/passo_a_passo_versao_atual_16_setembro.pdf. Acesso em: 19 set. 2022.

MIRANDA, P. V; PEREIRA, A. dos R; RISSETTI, G. A influência do ambiente escolar no processo de aprendizagem de escolas técnicas. In: II Fórum Internacional de Educação. Universidade de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, 2016.

MIZUKAMI, M. G. N. Ensino: as abordagens do processo. In LEÃO, **Paradigmas Contemporâneos de Educação: Escola tradicional e Escola construtivista**. São Paulo: EPU,

1986.

MOITA, M. C. Percursos de Formação e de Trans-Formação. In NÓVOA, A. Vidas de Professores. Porto: Porto Editora, 1995.

Moraes, S. C. (2015) **Escola, história e memórias**: O que dizem jovens e adultos. Anais do I Congresso Internacional de Pesquisa (auto)biográfica. Biograph, Porto Alegre. Recuperado 5 de mai. 2016.

MUNANGA, K. **Negritude**: usos e sentidos. Belo Horizonte: Atlântica, 2009.

NASCIMENTO, M.N.M. Ensino Médio no Brasil: determinações históricas. **Revista UEPG**. Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes, v.15,p.77-87, 2007.

Neto, Ingrid Luiza; Barreira dos Santos, Higor. **Investigação das memórias escolares de estudantes universitários**. Psicologia Escolar e Educacional, vol. 21, núm. 3, setembro-dezembro, 2017, p. 561- 571.

NEVES, L. de A. **Memória, história e sujeito**: substratos de identidades. Mariana: III Encontro Regional Sudeste de História Oral. 1999.

NUNES, Clarice. **Memória e história da educação**: entre práticas e representações. História e Memória da Escola Nova. Rio de Janeiro: Loyola, v. 1, 2003.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; SANTOS, Tânia Regina Lobato dos. A presença de Paulo Freire em programas de alfabetização de jovens e adultos de redes municipais de ensino do estado do Pará. In: **Revista e-Curriculum**, v. 14, n. 1, p. 257-276, 2016.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação Infantil**: fundamentos e métodos. São Paulo: 2013.

PANIAGUA, Gema; PALACIOS, Jesús. O estilo do educador. In: PANIAGUA, Gema; PALACIOS, Jesús. **Educação Infantil: resposta educativa à diversidade**. Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 171 - 191.

PASCHOAL, J. D.; MACHADO, M. C. G. A história da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 9, n. 33, p. 78–95, 2012. DOI: 10.20396/rho.v9i33.8639555. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639555>. Acesso em: 11 out. 2022.

PINSKY, C. B; et. al. **Fontes Históricas**. São Paulo: contexto, 2008.

POZO, Juan Ignacio. **Teorias cognitivas del aprendizaje**. 3 ed. Madrid: Morata, 1994.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; FERREIRA, Cláudia Roberta; FERNANDES, Carla Helena Fernandes Helena. Narrativa pedagógica e memoriais de formação: escrita dos profissionais da educação?. **Revista Teias**, v. 12, n. 26, p. 11, 2011.

RAASCH, Patricia et al. **O neoliberalismo na educação: o sujeito como empreendedor de si**. Anais VII CONEDU - Edição Online. Campina Grande: Realize Editora, 2020.

Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/69077>>. Acesso em: 11/10/2022 11:16

RIBEIRO, M. L. S. História da educação brasileira: História da educação brasileira a organização escolar. 15.ed. Campinas: Autores Associados, 1998.

SANTOS, Daniela Carvalho dos; VOLTARELLI, Pâmela de Albuquerque; SANTOS, Danielle Aparecida dos Nascimento dos. **A importância da escola inclusiva para o desenvolvimento dos estudantes público-alvo da educação especial**. Colloquium Humanarum, vol. 13, n. Especial, Jul-Dez, 2016, p. 59-64. ISSN: 1809-8207. DOI: 10.5747/ch.2016.v13.nesp.000812.

SARAT, M. **A Escola da Minha Infância**: História, Memória e Educação. ANALECTA Revista do CCH da Unicentro, Guarapuava, v. 3, p. 135-148, 2002.

SAVIANI, Demerval; DUARTE, Newton (orgs). Pedagogia histórico crítica e luta de classes na educação escolar. In SOUZA, E. A. **HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL: O ELITISMO E A EXCLUSÃO NO ENSINO**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

SAVIANI, D. Escola e Democracia. 24. ed. São Paulo: Cortez 1991

SCHARBELE, Isabela Martins; SOUSA, Vanessa Varela de; ANDRADE, Izabel Cristina Feijó de. **Reggio Emilia: a criança como protagonista da aprendizagem**. Revista GepesVida, Santa Catarina, V. 4, n. 9, p. 21-31, 2018. Disponível em: <http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida/article/view/321>. Acesso em: 05 Nov. 20

SILVA, MARCOS. **Educação escolar na época do império brasileiro**. CESADFUS. Disponível em: https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/17001014122012Historia_da_Educacao_Brasileira_Aula_6.pdf.

SILVA, Nilson Robson Guedes. **O diretor de escola e a gestão democrática: a influência dos meios de acesso ao cargo de dirigente escolar**. Revista de Educação, v. 10, n. 10, 2007.

SIQUEIRA, Inajara Mills; SANTANA, Carla da Silva. Propostas de acessibilidade para a inclusão de pessoas com deficiências no ensino superior. **Revista Brasileira de Educação Especial, Marília**, v. 16, n. 1 p. 127-136, Jan./Abr. 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-65382010000100010>>. Acesso em: 1 ago. 2022.

SOUZA, Cynthia Pereira de; CATANI, Denice Barbara; SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de; BUENO, Belmira Oliveira. **Memória e autobiografia**: Formação de mulheres e formação de professoras. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, p. 61-76, ago. 1996. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n02/n02a06.pdf>. Acesso em: 9 set. 2022.

SOUZA, Ivane Pedrosa de; LEITE, Tânia Maria Rios; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. Leitura, letramento e alfabetização na escola. In: SOUZA, I.P; BARBOSA, M.L.F.F. (Org.). **Práticas de leitura no Ensino Fundamental**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 39 - 57.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Velasco, Calcida Gonsalves. **Brincar**: o despertar psicomotor. Rio de Janeiro: Sprit, 1996. VICENTINI, Paula Perini; GALLEGOS, Rita de Cássia; SILVA, Vivian Batista da; LUGLI,

Rosario Genta. **História da Educação do Brasil-aula 23-Feminização do Magistério**. INIVESP. 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Yz5WuZ7iG_g.

VIEIRA, Sofia Lerche. Política(s) e Gestão da Educação Básica: revisitando conceitos simples. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, v. 23, n. 1, p. 53-69, jan/abr. 2007.

XAVIER, M. E. S. P. Poder político e educação de elite São Paulo: Cortez, 1980.

ZAQUEU-XAVIER, Ana Claudia Molina; DA ROSA, Fernanda Malinosky Coelho. Lembranças, reflexões e formações: apontamentos sobre a escrita de memoriais. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) biográfica**, v. 4, n. 12, p. 1020-1033, 2019.

Título Memoriais escolares

Subtítulo Contribuições para a história da educação no Brasil

ISBN 978-65-00-96584-1

Organização Maria Eduarda Gomes Belo da Silva
Raylane Andreza Dias Navarro Barreto (Org.)

Capa e Projeto Gráfico Rodrigo Victor

Formato e-book

Tipografia Minion Pro (miolo)

Noto Mono (títulos)

